

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

BRUNA CARDOSO ESPINDOLA

UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER *EM A COR PÚRPURA*

Campo Grande – MS
Março-2013

BRUNA CARDOSO ESPINDOLA

UM OLHAR SOBRE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER EM *A COR PÚRPURA*

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra.

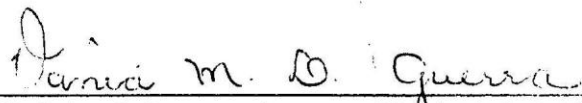
Área de Concentração: Estudos Literários e Comparados.

Campo Grande – MS
Março-2013

BRUNA CARDOSO ESPINDOLA

**UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER EM *A COR*
*PÚRPURA***

APROVADA POR:



Vânia Maria Lescano Guerra, DOUTORA (UFMS)



Claudete Cameschi de Souza, DOUTORA (UFMS)



Marcos Aurélio Barbai, DOUTOR (UNICAMP)

Campo Grande, MS, 14 de março de 2013.

À minha Vó Maria.

AGRADECIMENTOS

Chegado o fim de mais uma etapa de minha vida, muitos são aqueles que por ela passaram e que eu gostaria de agradecer, as palavras aqui registradas é muito pouco perto de tudo o que por mim fizeram.

Gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa concedida durante o segundo ano do mestrado.

À minha orientadora, Professora Vânia Maria Lescano Guerra, pela orientação, paciência e por não desistir de mim, sem a Senhora esse trabalho não seria possível, obrigada.

À Professora Lucília Teodora, *Dolly*, minha professora durante a graduação, a responsável por me fazer “reparar” *A Cor Púrpura*.

Às Professoras Celina Nascimento e Claudete Cameschi por fazerem parte da minha banca de qualificação, suas leituras atentas e ricos apontamentos permitiram uma vasta melhoria em minhas reflexões.

Aos Professores do Programa pelas contribuições.

À Ana Carla, secretária do Programa, sempre tão prestativa e acompanhada de um sorriso no rosto.

Aos meus companheiros de Mestrado, em especial, Álvaro e Caroline, a amizade de vocês fez com que tudo valesse a pena.

Aos colegas de Três Lagoas, Bruno e Carin, pela recepção sempre tão calorosa.

Aos meus pais e ao meu irmão Guilherme, por sempre acreditarem, apoiarem e, sobretudo por amarem essa pessoa que tanto os preza, pude senti-los sempre perto mesmo que quilômetros de distância estivessem nos separando.

Ao meu querido Eder, pelo carinho e atenção, foi seu apoio que me deu força para seguir.

Obrigada a todos por estarem comigo!

*“Eu acho que Deus deve ficar fora de si se você passa pela cor
púrpura num campo qualquer e nem repara”.*

Alice Walker

ESPINDOLA, Bruna Cardoso. Um olhar sobre a construção identitária da Mulher em *A Cor Púrpura*. Campo Grande: Campus de Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2013. 102 f. (Dissertação de Mestrado).

RESUMO

Este trabalho, intitulado “Um olhar sobre a construção identitária da mulher em *A Cor Púrpura*”, tem como objetivo problematizar a obra *The Color Purple*, na sua versão em língua portuguesa, *A Cor Púrpura*, da intelectual afro-americana Alice Walker, via discurso de Celie, a protagonista da obra, analisando as principais marcas do discurso da mulher, do discurso de exclusão, do discurso da violência. A partir do conceito de exclusão, trazemos o discurso do minoritário, dos preconceitos de uma forma abrangente, das formações identitárias definidoras de diferenças: um discurso que não está inscrito na “ordem” de quem está “autorizado” a dizer. A base teórico-metodológica da pesquisa é transdisciplinar e traz os Estudos Culturais, responsáveis por nos fornecerem as bases históricas da construção identitária, da exclusão e das relações de poder que perpassam os discursos dos grupos minoritários da obra; aliado a isso temos a Análise do Discurso, cujos pressupostos metodológicos e princípios analíticos subsidiam o processo analítico a partir da materialidade linguística, das formações discursivas e do interdiscurso: por meio da noção de formação discursiva, estudamos os interdiscursos que atravessam o discurso em pauta. A análise dos dados traz reflexões embasadas, especialmente, nos estudos de Pêcheux (2002), Foucault (2004), Coracini (2007), Hall (2005) e Guerra (2006). Textualmente a nossa pesquisa organiza-se em três capítulos. No primeiro, discorremos sobre as condições de produção do discurso a ser analisado, elementos que acreditamos ser de grande importância para que se entenda a obra, por isso, o capítulo subdivide-se em cinco partes, são elas: A intelectual Alice Walker, O protesto inserido em *A Cor Púrpura*, Crítica feminista, O Romance epistolar e Autor, narrador e personagem. No segundo, apresentamos os pressupostos teóricos, focalizamos uma breve história dos Estudos Culturais, os temas abordados em cada uma das décadas que procedem ao seu surgimento, chegando até os dias atuais; trazemos também a história da Análise do discurso, alguns de seus conceitos básicos, destacando os conceitos de formação discursiva, interdiscurso e identidade; bem como algumas considerações acerca da “escrita de si”. No terceiro capítulo, apresentamos a análise e interpretação do discurso em pauta. De acordo com as orientações teóricas adotadas, detemos nossa pesquisa na discussão sobre as formações discursivas presentes no discurso da mulher excluída e violentada, sendo possível observarmos algumas das características que compõem esse movimento identitário. Desse processo discursivo, nossos dados revelam submissão, subalternidade, religiosidade - marcas essas que fazem Celie suportar a violência sofrida diante da sociedade machista da época.

Palavras-chave: Feminino. Análise do Discurso. Estudos Culturais. Exclusão.

ESPINDOLA, Bruna Cardoso. A look at the identity construction of women in *The Color Purple*. Campo Grande, Campus - UFMS – 2013 – 102 p. Master Thesis.

ABSTRACT

This paper, titled "A look at the identity construction of women in *The Color Purple*," aims to discuss the book *The Color Purple*, in its Portuguese version, *A Cor Púrpura*, of the intellectual African-American Alice Walker, via Celie's discourse, the protagonist of the book, analyzing the traces of the women's discourse, the discourse of exclusion, the discourse of violence. From the concept of exclusion, we bring the discourse of minority prejudice in a comprehensive manner, the formation of identity-defining differences: a discourse that is not enrolled in the "order" of who is "allowed" to say. The theoretical and methodological basis of the research is interdisciplinary and brings Cultural Studies, responsible for providing us with the historical bases of identity construction, exclusion and power relations that permeate the discourse of the minority groups; allied to it we bring the Discourse Analysis which methodological assumptions and analytical principles subsidize the analytical process from the materiality linguistic, discursive formations and interdiscourse; through the notion of discursive formation, we studied the interdiscourses crossing the speech in question. Data analysis brings reflections based, especially in studies of Pêcheux (2002), Foucault (2004), Coracini (2007), Hall (2005) and Guerra (2006). Textually our research is organized in three chapters. In the first, we describe some of the conditions of production of the discourse to be analyzed, elements that we believe is of great importance for understanding the work, so the chapter is divided in five parts, they are: The Intellectual Alice Walker, The protest inserted in *The Color Purple*, The Feminist Critique and The epistolary romance and Author, narrator and character. In the second, we present the theoretical assumptions, we focus on a brief history of Cultural Studies, the topics covered in each of the decades that come to its appearance, even to the present day; we bring also the history of discourse analysis, some of its basics concepts, contrasting the concepts of discursive formation, interdiscourse and identity; well as some considerations about the "writing itself." In the third chapter, we present the analysis and interpretation of the discourse in question. According to the theoretical orientations adopted, we own our research in the discussion of discursive formations present in the speech of women and excluded raped, being able to observe some of the features that make this movement identity. In this discursive process, our data show submission, subordination, religiousness - these traces that make Celie endures the violence in the face of sexist society of the time.

Keywords: Female. Discourse Analysis. Cultural Studies. Exclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I- Condições de produção do discurso de <i>A Cor Púrpura</i>	16
1.1- A intelectual Alice Walker.....	16
1.2- O protesto inserido em <i>A Cor Púrpura</i>	25
1.3- Crítica Feminista.....	28
1.4- O Romance epistolar.....	38
1.5- Autor, Narrador e personagem.....	39
CAPÍTULO II- As teorias discursivas e culturalistas.....	41
2.1- Os Estudos Culturais.....	41
2.2 - A Análise do Discurso.....	48
2.2.1- Formação discursiva e interdiscurso.....	53
2.2.2- Discurso e identidade.....	54
2.3 - A escrita de si.....	57
CAPÍTULO III - Análise e Discussão.....	60
3.1- Violência.....	63
3.2- Racismo.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

INTRODUÇÃO

Usar a literatura como fonte historiográfica é um dos recursos teóricos e metodológicos utilizados pela História Cultural na compreensão do passado. Além de ampliar o número de documentos históricos, esse tipo de pesquisa possibilita inovações no campo da investigação. (PESAVENTO, 2005). Tendo destaque, entre essas, o fato de privilegiar questões relacionadas à cultura nas suas mais variadas expressões, como, por exemplo, a subjetividade e identidade. Todavia, de acordo com Chalhoub (1988, p.08), ao fazer uso da obra literária como fonte historiográfica, o historiador não deve ter como maior preocupação o fato de a obra ser real ou ficcional, mas sim, deve ater-se à “especificidade de cada um desses testemunhos”.

Nesse sentido, o presente trabalho lança mão da literatura, na tentativa de perceber por meio da subjetividade da escritora negra Alice Walker, comportamentos humanos femininos na sua obra, *A Cor Púrpura*. Assim, temos como meta estudar aspectos do discurso literário de Walker, a partir dos “recortes”, definidos por Orlandi (2006, p. 139) como “[...] uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação”, visando investigar as práticas de subjetivação ligadas à constituição da identidade da mulher, via personagem Celie. A base teórico-metodológica deste estudo é transdisciplinar e almejamos estudar, por meio da noção de formação discursiva, os interdiscursos que atravessam o discurso em pauta; problematizar o discurso literário por meio das noções de memória e identidade no que diz respeito às questões feministas.

A nossa hipótese de pesquisa fundamenta-se na ideia de que o discurso de Walker é altamente polêmico e que, por meio dele, ela faz uma crítica à sociedade. Aqui, tratamos o discurso como “polêmico”, adotando o sentido dado por Orlandi (1996, p.15), como sendo aquele que mantém a presença de seu objeto, em que os participantes dominam o seu referente, dão-lhe uma direção, indicam perspectivas particularizantes pelas quais se olha e se diz, resultando isso numa polissemia controlada, numa disputa na ordem do discurso. Entre os temas trabalhados pela autora, estão: rituais de circuncisão feminina na África, violência doméstica, submissão feminina, racismo, direitos civis, movimento antinuclear, movimento feminista, movimento de proteção ao indígena – sua cultura e seu ambiente natural, entre outros. Nesse sentido, na esteira de Coracini (2010), cada discurso a ser analisado – materialização linguística que integra a formação discursiva (FOUCAULT, 2004) – orientado pelos métodos e análise transdisciplinares, exige que diferentes áreas do conhecimento sejam mobilizadas.

Para isso, a Análise do Discurso de escola francesa (AD) e os Estudos Culturais, ambos constituintes de amplos e peculiares estudos, porém que se tocam, com pontos de intersecção, serão o norte de nossa pesquisa. Faz-se necessário dizermos que não se trata simplesmente de recorrer a outras disciplinas, menos ainda de nos servirmos, como estudiosos das teorias do discurso, de cada uma tomando-as na sua integralidade, “mas de puxar os fios de que precisamos, para, com eles, tecermos a teia de nossa rede teórica, transformando, assim, esses fios, ao mesmo tempo em que nosso olhar é transformado por eles”. Assim, “são esses fios que nos ajudarão a analisar a materialidade linguística”; não obstante “é preciso que alguns aspectos sejam respeitados, ou melhor, que as noções de sujeito e de linguagem assumidas por cada disciplina não sejam incompatíveis entre si” (CORACINI, 2010, p. 93-94).

Tendo como objeto de estudo a obra *The Color Purple*, na sua versão em língua portuguesa, *A Cor Púrpura*, da intelectual afro-americana Alice Walker, investigamos, via discurso de Celie, a protagonista da obra, as principais características do discurso da mulher, o discurso de exclusão, fazendo aqui o uso do termo na sua forma ocidental, a qual tem como excluído “todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores.” (XIBERRAS, 1993, p.21).

Wanderley (1999, p.17-18) afirma que existem valores e representações do mundo que acabam por excluir os indivíduos e que os excluídos não são simplesmente rejeitados físico, geográfico e materialmente, do mercado e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais, não tendo seus valores reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural. Acrescentando ainda que ao tratar do tema exclusão é necessário precisar o espaço de referência que provoca tal rejeição, sendo que qualquer estudo sobre a exclusão deve ser contextualizado no espaço e tempo ao qual o fenômeno se refere.

Importante dizer que, contemporaneamente, a exclusão é diferente das formas existentes anteriormente de discriminação ou mesmo de segregação, uma vez que, internacionalmente, tende a criar indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais não parece haver mais possibilidades de inserção. Poder-se-ia dizer que os novos excluídos são seres descartáveis (WANDERLEY, 1999, p.25). E que, como consequência, “os desdobramentos dessa exclusão atingem a quase totalidade da vida social, visíveis na gestão do território, nas formas de difusão culturais e nos problemas educacionais.” (FONTES, 2005, p.29).

Dessa forma, a partir do conceito de exclusão apresentado, temos como resultado o discurso do minoritário, dos preconceitos de uma forma abrangente, das formações

identitárias definidoras de diferenças, um discurso que não está inscrito na “ordem” de quem está “autorizado” a dizer e, talvez, do que poder ser dito.

Antes de prosseguirmos, apresentamos alguns trabalhos, dissertações de mestrado que, assim como nossa pesquisa, tiveram como objeto de estudo a obra de Walker. Dessa forma, entende-se a relevância de nosso estudo sobre o ponto de vista por nos proposto.

Para iniciarmos, citamos Maristela Cury Sarian (2002) *A tradução e a Sociolinguística: um estudo sobre The Color Purple e sua tradução*, no Programa de Mestrado na área de Estudos Linguísticos da UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, câmpus de São José do Rio Preto), sob a orientação da Profa. Dra. Lídia Almeida Barros, a pesquisa investigou a linguagem do romance original, o emprego do *Black English*, estabelecendo uma relação entre a linguagem da obra e o grupo social dos personagens que a utiliza. O objetivo do trabalho não foi fazer uma crítica à tradução realizada, nem tampouco sugerir uma nova tradução, todavia, objetivou-se em verificar, a partir das escolhas realizadas pelas tradutoras, como se pode estabelecer uma relação entre a tradução e a sociolinguística.

Outra dissertação de Mestrado é *Activism & Literature: a possible combination? – A critical survey departing from works by Alice Walker*, de Heloísa do Nascimento (2003), apresentada ao Programa de Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), orientada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Salgueiro, que examinou a obra da escritora afro-americana Alice Walker sob a ótica do caráter ativista que ela contém. O estudo teve o romance *A Cor Púrpura* como foco principal; no entanto, para que um estudo mais abrangente pudesse ser realizado, outras produções de Alice Walker foram inclusas na pesquisa. A dissertação composta de quatro capítulos foi dividida da seguinte forma: o primeiro capítulo introduz o tema e apresenta os conceitos teóricos que se relacionam diretamente com os tópicos abordados por Walker em suas obras; o segundo lida com questões do olhar do outro, levantando questões como a sexualidade e identidade e etnicidade e racismo; o terceiro engloba os temas presentes nas obras apresentadas e que são parte do meio ativista político da autora, dentre esses o conceito de literatura “womanista”, a loucura das personagens femininas e o tratamento dado pela autora a questões religiosas; já o quarto e último capítulo destaca a aptidão da autora em se expressar através de diferentes gêneros literários, mantendo sempre aparente suas convicções ideológicas.

Citamos também a dissertação do Programa Pós-Graduação da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Mestrado em Letras, de Carlos Alberto da

Silva (2008), *Da cor da cultura à cultura da cor: o Black English em The Color Purple*, orientado pela Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra, também orientadora dessa pesquisa. Silva (2008) objetivou analisar como Alice Walker, autora de *A Cor Púrpura*, se inscreveu na sociedade norte-americana, como mulher afro-descendente, por meio de seus personagens ao fazer uso do dialeto denominado *Black English*, tendo constatado que isso se deveu ao fato de uma necessidade da autora em fazer um resgate de sua ancestralidade, estabelecer um diálogo com a sua geração. Teoricamente, o estudo foi embasado pelos estudos da Análise do Discurso cujos pressupostos teóricos subsidiaram a partir da materialidade linguística, numa perspectiva cunhada no *Black English*; Estudos Culturais os quais forneceram as bases históricas e culturais da construção identitária, da exclusão e das relações de poder que perpassam os discursos dos grupos minoritários do *corpus*; e também, os Estudos da Tradução, numa visão não meramente linguística, literária, mas sim uma tradução que envolve os aspectos da sociedade, da tradução cultural, sendo que o enfoque deteve-se na discussão das formações discursivas no discurso da mulher, negra, semialfabetizada e abusada sexualmente, que luta pela sobrevivência num mundo marginal, onde a sociedade maior, branca e dominante, impõe-lhe restrições, proibições e silenciamentos.

Já a dissertação de mestrado de Raphael Albuquerque de Bôer (2008), sob o título *Representations of women in the movies The Color Purple and Monster - questions about sexuality and identity*, do Mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), sob a orientação do Prof. Dr. José Soares Gatti Junior, estudou sob a perspectiva dos estudos de gênero e feministas, as representações de identidade e de sexualidade das personagens Celie e Aileen, respectivamente dos filmes *A Cor Púrpura* (1985), de Steven Spielberg, e *Monster* (2003), de Patty Jenkins. Em sua pesquisa, o autor também incluiu as representações dos relacionamentos homoafetivos entre as personagens Celie e Shug, em *A Cor Púrpura*, bem como Aileen e sua namorada Selby, no outro filme citado. Tais relações foram investigadas em cenas selecionadas dos filmes, com a finalidade de mostrar como os elementos cinematográficos estão organizados, para que assim, pudessem retratar associações lésbicas tendenciosas. As conclusões do estudo mostraram que as ligações femininas entre as personagens citadas pareciam possuir uma marca ambígua: o desejo/atração por outra mulher fora explicado como consequência de maus tratos masculinos.

Temos, ainda, a dissertação de mestrado apresentada por Roberta Ventura Calabre (2010) no Programa de Pós-graduação em Literaturas de Língua Inglesa da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), sob o título de *Fighting the Strai(gh)tjacket*:

African-American Women Bonding in Loving her and the Color Purple, que teve como orientadora a Profa. Dra Eliane Borges Berutti, onde a obra *A Cor Púrpura* é utilizada junto a outra obra a fim de analisar como as relações lésbicas são retratadas. Ao pesquisar as relações entre homens/mulheres e mulheres/mulheres, o estudo reviu e criticou o “golpe triplo” sofrido por lésbicas negras, por serem, ao mesmo tempo, negras, afro-americanas e homossexuais. Utilizando fatos históricos para situar as obras em um contexto social, além da teoria do *lesbian continuum*, o trabalho veio por desmitificar as noções simplistas em relação à literatura lésbica Afro-Americana, afugentando a sombra que pairava sobre o “tabu” e elevando a mulher negra, lésbica ou não, a seu lugar de direito na sociedade.

Apresentados os trabalhos, justifica-se a nossa pesquisa a partir do ponto de vista proposto, já que não encontramos nenhuma pesquisa que tivesse como objetivo investigar a construção da identidade da mulher em *A Cor Púrpura*, assim como propomos. É importante ressaltar que, apesar de o trabalho de Silva (2008), ter sido também orientado pela Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra, nossos trabalhos se diferem em vários pontos, dentre os quais estão a análise da obra em sua língua original, a língua inglesa, visto que a nossa pesquisa utiliza somente a tradução em língua portuguesa da obra e os objetivos principais bem distintos entre si, já que Silva (2008) analisa como Alice Walker insere-se na sociedade norte-americana, como mulher afro-descendente, por meio de seus personagens ao fazer uso do *Black English*, enquanto nós investigamos as principais características do discurso da mulher via personagem Celie.

Dos autores que embasam teoricamente nossa pesquisa sobre os Estudos Culturais e a Análise do Discurso, fizemos uso, em especial, dos trabalhos de Pêcheux (2002), Foucault (2004), Coracini (2007), Hall (2005), Guerra (2006), entre outros autores que tiveram seus esforços dedicados ao assunto.

Num primeiro momento, farão parte de nossa análise dez recortes retirados de cartas de Celie para Deus e sua irmã Nettie. Nesses, analisamos aspectos importantes que se fazem constituintes da identidade da mulher da época na qual a dada história acontece.

Por questões metodológicas, elegemos alguns conceitos da AD para que, por meio deles, pudéssemos encontrar os excertos adequados para a realização de nossa análise, sendo que esses foram: identidade e interdiscurso. E, para isso, leituras em Foucault (2005), Coracini (2010), fizeram-se necessárias.

Textualmente, nossa dissertação constituir-se de três partes. No capítulo I, são apresentadas as **Condições de Produção da Obra *A Cor Púrpura***, sendo que o capítulo subdivide-se em cinco partes: A intelectual Alice Walker, O protesto inserido em *A Cor*

Púrpura, Crítica feminista, O Romance Epistolar e Autor, narrador e personagem.

No capítulo II, **Relacionando Análise do Discurso e Estudos Culturais**, discorreremos acerca da fundamentação teórica, autores que fundamentam nossa pesquisa em relação à área da análise do discurso e dos estudos culturais, bem como algumas considerações sobre “a escrita de si”.

Já no capítulo III, **Análise e Discussão de Dados**, analisamos e discorreremos os recortes selecionados, a partir de dois eixos temáticos, violência contra a mulher e racismo, apresentando as principais características do discurso da mulher, do discurso da exclusão, do minoritário, do preconceito racial e sexual e suas formações identitárias. E, por fim, teremos apresentadas as considerações finais. Posto isso, nas páginas que se seguem colocamos em prática os tópicos aqui levantados. Vamos a eles.

CAPÍTULO I

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE *A COR PÚRPURA*

As condições de produção de um discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação em que estão inseridos. Em seu sentido estrito, consideram-se condições de produção o contexto imediato, as circunstâncias da enunciação, ou seja, perceber que as palavras transbordam sentidos e são carregadas de dizeres. Em seu sentido amplo, incluem o contexto sócio- histórico e ideológico. (ORLANDI, 2001, p.30). Aqui, apresentamos as condições de produção que se fizeram importantes para que a construção da obra *A Cor Púrpura* se apresentasse a nós leitores como é.

1.1- A INTELLECTUAL ALICE WALKER

Uma greve de intelectuais, que é um pressuposto improvável, paralisaria a marcha do mundo. (CELA).¹

Antes, as mulheres não tinham direito a voto, não podiam trabalhar fora e não eram respeitadas se não fossem casadas e boas donas de casa que deveriam, por obrigação, saber lavar, passar e cozinhar para seus maridos e filhos. No entanto, desde meados das décadas de 1960/1970, a mulher vem conquistando seu lugar na sociedade, não mais como uma sombra “atrás do homem”, parafraseando o ditado popular. Mas, sim, como uma pessoa que vem conquistando o seu lugar na sociedade e, nesse contexto, inserimos a intelectual Alice Walker, sobre a qual discorreremos.

Ao falarmos sobre o intelectual, faz-se oportuno ressaltarmos que os escritos sobre ele, sua função, seu nascimento e seu destino, sua vida, seus feitos e sua morte são numerosos. E, uma das funções principais do intelectual, se não a principal, é o ato de escrever.

Para uma breve definição, podemos dizer que o intelectual é aquele que demonstra interesse pronunciado por questões relacionadas à cultura, à literatura, às artes, às causas das minorias, entre outros assuntos. Todavia, para melhor entendermos o intelectual, iremos nos apropriar em grande parte de palavras/pensamentos de Edward Said (2005) em seu livro

¹ Camilo José Cela é famoso romancista espanhol, um dos inovadores da literatura em seu país, e representante da corrente literária conhecida como *tremendismo*. Sua obra se caracteriza por utilizar e inovar formas e conteúdos, com ênfase em imagens violentas e grotescas. A aceitação inicial e posterior às regras ditatórias fascistas são marcas em sua carreira literária, resultando em um estilo de realismo brutal. Cela foi o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura do ano de 1989.

Representações do Intelectual, uma das mais conhecidas e brilhantes obras sobre o assunto. O livro é o resultado de uma série de seis conferências proferidas por Said pela BBC de Londres em 1993, as prestigiosas Conferências de Reith (1948) ², das quais os participantes foram grandes intelectuais europeus e norte-americanos. Em seu livro, Said traz conceitos de intelectual esboçados por vários pensadores.

Ao pensarmos sobre o intelectual, uma das primeiras questões que nos vem à mente seria quem são os intelectuais e qual seria a sua função na sociedade? Para responder a questão, nos apropriaremos da ideia de Gramsci, em *Cadernos do Cárcere* e *Cartas do Cárcere*, nas quais ele esboça que “todos os homens são intelectuais, embora se possa dizer: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais.” (GRAMSCI, 1968, p.07).

Em sua afirmação, o autor faz uma referência à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, afirmando que se é possível falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, isso porque não existem não-intelectuais e sim graus diversos de atividade específica intelectual. Em outras palavras, o que ele pretende dizer é:

[...] todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1968, p. 07-08).

Said (2005) diz que o intelectual deve ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude filosófica ou opinião para (e também por) um público. Em sua opinião, o que o intelectual menos deveria fazer é atuar para que seu público se sinta bem: o importante é que se cause embaraço, ser do contra e até mesmo ser desagradável. Para ele, o importante é o intelectual como uma figura representativa, uma pessoa que visivelmente represente certo ponto de vista, alguém que articule representações para um público, apesar de todo tipo de barreiras.

Agora, sobre a função desse intelectual, Silviano Santiago (2005) - em entrevista concedida a Giovanna Bartucci - disse que esta é comprometida pela sua formação; logo, para ele, o intelectual é um especialista que, quando solicitado para a fala pública e/ou pelos

² As conferências Reith tiveram início no ano de 1948 e deram voz a intelectuais de diversas áreas do conhecimento. Durante seis programas semanais, de trinta minutos cada, o entrevistado tinha condições de aprofundar a sua visão sobre determinado tema. Lord Reith, o fundador da BBC, dá nome ao programa.

meios de comunicação de massa, é capaz de manejar vocabulário e sintaxe não-especializados.

Já Julien Benda (2007), autor e filósofo francês, em *La trahison des clercs*³, afirma que o mundo moderno tem uma grande necessidade de intelectuais, em outras palavras, de especulativos puros, que manteriam o ideal em seu “absoluto”. O intelectual deve separar esse “ideal” do caos, circunscrevendo-o e definindo-o. Segundo Benda (2007, p.11), “A função do intelectual é pregar os valores universais, mas os intelectuais que exaltam o realismo são traidores. A traição dos intelectuais é a recusa dos valores universais e a subjugação do espiritual ao temporal.”, a designação de intelectual desse autor vem de classes de homens cuja atividade não visa fins práticos, que buscam sua “alegria” no exercício da arte, da ciência ou da especulação metafísica, ou melhor, na posse de um bem atemporal; os principais valores intelectuais para ele são: a justiça, a verdade e a razão, e esses princípios destacam-se por três características: estáticas, desinteressadas e racionais. Para ilustrar seus intelectuais, apenas um pequeno número de nomes é citado, entre eles, Sócrates, Jesus, Voltaire e Espinosa. Os intelectuais de Benda são constituídos por uma clerezia, criaturas muito raras, que defendem padrões eternos de verdade e justiça. Eles se contrapõem aos leigos, aquelas pessoas interessadas em vantagens materiais, em promoção pessoal.

Sabemos que, em sua origem, o conjunto de intelectuais aparece como uma variedade de homens que, obtendo alguma notoriedade por trabalhos que dependem da inteligência (ciência exata, ciência aplicada, literatura, entre outros), abusam dessa notoriedade para sair de seu domínio e criticar a sociedade, bem como os poderes estabelecidos em nome de uma concepção global e dogmática do homem.

Com isso, o intelectual surge como um caso particular de um conjunto de pessoas que se definem por funções socialmente reconhecidas – como é o caso de Alice Walker – sobre a qual em outro ponto discorreremos.

Do discurso do intelectual, é oportuno mencionar o que Beatriz Sarlo⁴ (1997) destaca sobre tal assunto. Entre outras coisas, diz que deve ser significativo para a sociedade, especialmente, para os setores populares; o discurso dos intelectuais deve representar o povo, o proletário, o país ou até mesmo o partido, propondo articulações gerais com o que era considerado como o grande problema do momento. O intelectual é “obrigado” a usar uma

³ A Traição dos Intelectuais.

⁴ Beatriz Sarlo é uma intelectual argentina com fama internacional e professora de literatura na UBA (Universidade de Buenos Aires) até o ano de 2003. Com mais de uma dezena de livros, muitos deles publicados no Brasil, a autora faz parte hoje do time dos grandes nomes dos estudos culturais no mundo.

língua nacional não apenas por razões óbvias de conveniência e de familiaridade, mas também porque ele espera imprimir-lhe um som particular, uma entonação especial e, finalmente, uma perspectiva que lhe é própria.

Não obstante, o intelectual contemporâneo também corre o perigo do oportunismo de certas modas sensacionalistas e para que isso não aconteça, deve esclarecer para si mesmo quais são as condições de um compromisso ético com o objeto e com os envolvidos da pesquisa, já que algumas questões podem implicar severas críticas. Atualmente, o problema não se resolve nem com uma atitude de suposta objetividade nem com o engajamento político o estilo das décadas de 1960 ou 1970, e projetos recentes mostram que há caminhos a serem trilhados para novas experiências interativas e participativas, oportunizando resultados efetivos de conhecimento de um trabalho de pesquisa e intervenção de maneira comprometida com a mudança de uma situação intolerável. (SCHÖLLHAMMER, 2010, p. 177).

O intelectual deve deslocar-se das questões parciais e específicas para as perspectivas globais: instalar-se, conseqüentemente, na esfera pública e ali construir sua interlocução.

Como exemplo, podemos pensar no discurso presente no ensaio *The Civil Rights Movement: What Good Was It?*⁵ (1967), de Alice Walker no qual, a autora discorre sobre os direitos civis. O ensaio foi o primeiro artigo publicado de Walker, com ele, ela ganhou o concurso anual de ensaios da *American Scholar Magazine*⁶ e com a notoriedade recebida, consagrou-se como intelectual pública. O seu ensaio atende aos princípios proclamados por Sarlo (1997), Said (2005), entre outros, em relação ao papel do intelectual na sociedade, como aquele que não se cala diante dos problemas de sua sociedade e que deve estar atento ao mundo que o cerca.

Walker (1967) em seu texto discorre sobre sua condição de negra em uma sociedade dominada pelos brancos onde ela pensava não se encaixar, não existir. Explicitando em suas palavras seu desejo em ser “presenteada” com um milagre que lhe trouxesse a vida.

[...] nobody told me that I - a pensive, yearning, typical high-school senior, but Negro- existed in the minds of others as I existed in my own.[...] I wanted to be an author or a scientist- which the color of the body denied. I had never seen myself and existed as a statistic exists, or as a phantom. [...]I waited to be called to life. And, by a miracle, I was called. [...]It means being a part of the world community, and being alert to which part it is that I have joined, and knowing how to change to another part if that part does not suit me.⁷ (WALKER, 1967).

⁵ Movimento dos Direitos Civis: O que foi bom? (Tradução nossa)

⁶ Revista Escolar Americana. (Tradução nossa)

⁷ [...] ninguém me disse que eu - absorta em pensamentos, melancólica, uma típica estudante do ensino médio, mas Negra - existia na cabeça dos outros como eu existia na minha. [...] Eu queria ser uma autora ou uma cientista, que a cor do meu corpo negava. Eu nunca tinha visto eu mesma e existido como uma estatística existe, ou como um fantasma. [...] Eu esperava ser chamada para a vida. E, por um milagre, eu fui chamada. [...] Isso

Por meio das palavras de Walker, percebemos o desejo de mudança, um desejo que entendemos ser não somente um sentimento seu, mas de todos os negros, e esse sentimento vinha se estabelecendo em seu mais profundo e íntimo ser. Como os brancos, ela queria ser, possuir a liberdade e a vida que eles tinham, ser chamada por um milagre e, o “milagre” que a autora cita, reside no ato de começar a escrever, expor suas angústias e do povo negro. Walker, atendendo a esse “chamado”, escreveu dezenas de livros nos quais usou da literatura para tratar de assuntos relativos às minorias, criando personagens subalternas e sofredoras como Celie, protagonista em *A Cor Púrpura*.

Vale aqui dizer que a autora mantém um *website*⁸, por ela assinado, no qual publica artigos com o intuito de se pronunciar sobre os fatos da atualidade. E assim, constitui-se a intelectual Walker a qual iremos agora melhor conhecer.

Tida como poeta, contista, romancista, ensaísta, antologista, professora, editora, feminista e ativista social, Alice Malsenior Walker, nasceu no ano de 1944 em Eatonton, Geórgia. A mais nova de oito irmãos, Walker tem origem pobre no sentido econômico dado à palavra, porém, rica em perspectiva, já que vinha de uma família que incentivava os filhos para que estudassem e tivessem uma vida melhor, o oposto da grande maioria das famílias pobres que faziam com que suas crianças trabalhassem para ajudar a manter o sustento da casa.

Walker cresceu em um meio em que as histórias orais eram muito comuns, o seu avô era o responsável por contá-las. Talvez, daí tenha nascido o seu interesse pela literatura. Em sua biografia, escrita por Evelyn White, Walker revela que um dos fatos que a preparou para ser escritora, foi um acidente ocorrido na infância, sobre o qual, foi obrigada a ocultar a verdade. Aos oito anos, durante a brincadeira *Cowboys and Indians*⁹, foi acidentalmente atingida por uma bala de revólver em seu olho, por seu irmão. Sua cegueira parcial fez com que ela mergulhasse em seu mundo interior e começasse a escrever poesias para abrandar sua solidão; lembra que sentia muita dor e era forçada a pensar que, de alguma forma, ela quem era culpada por tudo aquilo, salienta também que aquela era a primeira vez

significa estar alerta para protestar por mim e por aqueles que eu amo. Isso significa ser uma parte da comunidade mundial, e estar alerta para saber a qual parte devo me unir, e saber como mudar para outra parte, se esta parte não me serve. (Tradução nossa)

⁸ O endereço do site de Alice Walker é: <<http://alicewalkersgarden.com/>>, onde, além de artigos, encontramos a biografia oficial da autora, vídeos e novidades sobre suas mais recentes obras. Todas as informações aqui contidas a respeito da biografia de Walker foram retiradas de seu *website* oficial. Acesso em: 20 de jan. 2012.

⁹ Caubóis e Índios. (Tradução nossa)

que “abandonava a si mesma”, por mentir. Ressaltando, que daí vem sua necessidade de sempre dizer a verdade, o que temos comprovado, via sua atividade intelectual.

A autora frequentou a faculdade de Spelman em Atlanta, Geórgia, onde se envolveu e participou de movimentos em favor dos Direitos Civis. Em Spelman, conheceu Martin Luther King¹⁰, líder de grandes protestos, tendo estado presente na *Marcha sobre Washington*¹¹ no dia 28 de agosto de 1963 quando o famoso discurso de King, *I Have A Dream* (1963), que explicitava a necessidade de união e de uma coexistência harmoniosa entre negros e brancos no futuro foi proferido, o discurso ocorreu em frente ao Lincoln Memorial e teve como ouvintes uma multidão calculada em 250 mil pessoas. Cabe colocarmos que, no ano seguinte ao discurso, Luther King ganhou o *Prêmio Nobel da Paz*¹². Segue um trecho do discurso de King (1963):

I say to you today, my friends, that in spite of the difficulties and frustrations of the moment, I still have a dream. It is a dream deeply rooted in the American dream. [...] I have a dream that my four children will one day live in a nation where they will not be judged by the color of their skin but by the content of their character. [...] I have a dream that one day the state of Alabama, whose governor's lips are presently dripping with the words of interposition and nullification, will be transformed into a situation where little black boys and black girls will be able to join hands with little white boys and white girls and walk together as sisters and brothers.¹³

O fato de Walker ter estado presente no movimento promovido por King, demonstrava seu interesse na luta pelos direitos das minorias, e por ser negra, mulher, ela se encaixava de várias formas nesse grupo.

No ano de 1965, no Mississippi, trabalhando para o *Legal Defense Fund of the National Association for the Advancement of Colored People*¹⁴, Walker tomava depoimentos de negros que tinham sido despejados de suas casas por tentarem se registrar para votar. Em relação ao direito do voto, vale dizer que ela foi uma das responsáveis por registrar eleitores negros na

¹⁰ Um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis para pessoas negras.

¹¹ A Marcha sobre Washington foi uma tentativa de pressionar o governo dos Estados Unidos para desagregar as Forças Armadas, e proporcionar oportunidades de trabalho justas para Africano-Americanos nos Estados Unidos. Originariamente, durou de 1941 a 1947. Todavia, serviu de modelo para a Marcha sobre Washington do ano de 1963.

¹² Prêmio entregue para aqueles que contribuem notoriamente para pelo bem da humanidade nas mais diversas áreas de conhecimento.

¹³ Eu digo a vocês hoje, meus amigos, que apesar das dificuldades e frustrações do momento, eu ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. [...] Eu tenho um sonho de que um dia minhas quatro pequenas crianças viverão em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. [...] Eu tenho um sonho que um dia o estado de Alabama, cujos lábios do governador estão atualmente pronunciando palavras de intervenção e negação, serão transformados em uma situação onde pequenos meninos e meninas negros poderão unir suas mãos com pequenos meninos e meninas brancos, e caminhar juntos como irmãos e irmãs. (Tradução nossa)

¹⁴ Fundo de Defesa Legal da Associação Nacional para o desenvolvimento de “pessoas de cor”. (Tradução nossa)

Geórgia. Para isso, ia de porta em porta incentivando as pessoas, conscientizando-as sobre a importância e poder que o voto tinha em uma sociedade.

Figura importante no renascimento dos escritos das mulheres Afro-americanas dos anos 1970, Walker é uma escritora bem-sucedida em vários gêneros. Suas obras, em especial, seus romances, estabeleceram-na como uma figura canônica nas “Letras Americanas”, bem como uma intelectual, visto que traz à tona temas que geram debates e que fazem com que vários assuntos “fortes” cheguem ao público. Entre os temas já trabalhados pela autora, estão: rituais de circuncisão feminina na África, violência doméstica, direitos civis, movimento antinuclear, movimento feminista, movimento de proteção ao indígena – sua cultura e seu ambiente natural, entre outros.

Com apenas alguns exemplos dos assuntos por Walker abordados em suas obras, verificamos como estas fazem uma denúncia a situações de uma minoria que se cala diante das atrocidades vividas por serem subalternos a algo ou alguém. A autora/intelectual ao acreditar que o ato de escrever (escrever é uma das principais funções do intelectual) pode ser uma forma de combater esses problemas, tem a coragem de proclamá-los com sua voz. E para justificar esse tipo de comportamento intelectual, Said (2005, p.35-36) diz:

Não tenho dúvida alguma de que o intelectual deve alinhar-se aos fracos e aos que não tem representação. Robin Hood, dirão alguns. No entanto, sua tarefa não é nada simples e, por isso, não pode ser facilmente rejeitada como se fosse idealismo romântico. No fundo, o intelectual, no sentido que dou à palavra, não é um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico [...].

Walker acredita que trazer certos temas à tona não faz com que sejam resolvidos, pelo menos não em um curto espaço de tempo, visto que transformações são graduais. Não obstante, pensa que o fato de o resultado não ser imediato, não deve impedir as pessoas de entender o que está acontecendo. E de estarem lá para apoiar quem está sofrendo.

Hoje, com quase 70 anos de idade, Walker é notícia por onde passa. Ela é um exemplo de intelectual que se mantém atualizada nos acontecimentos que sobrevêm e daí vem o que a torna uma intelectual mulher reconhecida na atualidade.

Como exemplo recente de sua atividade, podemos citar que em 2003, ela estava junto a outras 5.000 ativistas que cercaram a Casa Branca em protesto contra a Guerra do Iraque¹⁵,

¹⁵ Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos entraram em alerta contra os seus possíveis inimigos. Empreenderam então uma guerra contra os afegãos que resultou na queda do governo talibã, mas não conseguiram capturar o terrorista Osama Bin Laden. Logo, no ano de 2002, o presidente George W. Bush iniciou uma forte campanha contra as ações militares do governo iraquiano. Várias foram as denúncias da presença de armas de destruição em massa que poderiam colocar em risco os EUA e seus aliados. Feito isso, os EUA conseguiram uma delegação de inspetores da Organização das Nações Unidas (ONU) investigasse o

fazia aquilo por acreditar que as mulheres e crianças do Iraque eram tão queridas como as mulheres e as crianças em nossas famílias. E assim, se fossem bombardear aquele país, era como se bombardeassem os nossos entes queridos.

No ano de 2008, ano da Eleição Presidencial nos EUA, na qual Barack Obama foi eleito o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos, Walker lhe enviou uma “carta aberta”, nela, como representante da população negra, escrevia que a vitória de Obama, significava, talvez, uma mudança de mentalidade dos americanos e do mundo inteiro, passando-se para uma nova fase da história da humanidade, onde as diferenças da cor da pele existem não como fator de estereótipo ou supremacia de uns sobre os outros, mas simplesmente como diferença.

Em 2009, dias após o início da Guerra de Gaza¹⁶, Walker e cerca de 60 mulheres foram até a Faixa de Gaza oferecer ajuda aos necessitados. Mais que uma luta por uma causa, esta era uma causa pessoal de Alice Walker, sua irmã era uma das vítimas dos ataques lá ocorridos. O fato a fez sentir uma conexão especial com o povo de Gaza. Ir até lá, demonstrava a preocupação que sentia com o sofrimento lá vivenciado, gostava de lembrar o povo de Gaza que todos pertenciam ao mesmo mundo, um mundo onde a dor não é apenas reconhecida, mas compartilhada.

Abril de 2011 é a data da última visita de Walker em Gaza, só que desta vez, foi convidada como intelectual para participar do *TEDxRamallah*, evento que teve como objetivo mostrar histórias inspiradoras da Palestina e proporcionar um espaço para que as pessoas compartilhassem suas ideias em qualquer campo de conhecimento, ciência, educação, tecnologia, entre outros, no intuito de também contribuir para uma percepção positiva da Palestina. O debate de temas, em especial sobre a paz entre os países, contou com a presença de ativistas palestinos e artistas, além de intelectuais.

Sobre negociações de paz entre países, Walker diz não acreditar nelas por sempre ter visto homens se reunindo para falar sobre a paz. Lembrou-se do que os índios disseram aos

estoque de armamentos produzidos por Saddam Hussein. Em Fevereiro de 2003, a ONU chegou à conclusão de que o Iraque não possuía nenhum tipo de arma de destruição em massa. Todavia, contrariando a declaração do Conselho de segurança da ONU, o presidente George W. Bush formou uma coalizão militar contra os iraquianos e em março de 2003, contando com o apoio de tropas britânicas, italianas, espanholas e australianas, os EUA iniciaram a Guerra do Iraque com um intenso bombardeio. (SOUSA, 2012).

¹⁶ A Guerra de Gaza faz parte de um contexto maior, o conflito árabe-israelense, cujas raízes remontam aos fins do século XIX, quando colonos judeus começaram a migrar para o local. O povo judeu viveu na Palestina durante mais de mil anos, até serem expulsos pelos romanos no ano 70 d.C. Por volta do século VII, a terra foi incorporada ao território árabe. A partir de 1897, após a fundação do movimento sionista, que pregava a volta à terra santa, judeus começaram a migrar para a Palestina. Esse movimento se intensificou após a Segunda Guerra Mundial – durante a qual ocorreu o aniquilamento de mais de 6 milhões de judeus pelos nazistas –, quando foi aprovada pela ONU a criação do Estado de Israel, o que gerou novos conflitos com países árabes vizinhos. (PONTUAL, 2012).

colonizadores brancos da América que vieram para falar de paz com eles: *Where are your women?*¹⁷. Ocasionalmente, uma mulher apareceu para participar nas negociações, mas visivelmente, como é de conhecimento de todos, a maioria das grandes negociações é conduzida por homens. Alice Walker acredita que se as mulheres estivessem em número igual aos homens, as coisas poderiam ser bem diferentes.

É interessante para nós observarmos que nessa fala de Walker, encontra-se a principal das causas de sua luta, a mulher, querendo que essa mulher tenha seu espaço na sociedade e seja reconhecida por isso, tornando-se a protagonista de decisões que se farão decisivas para que um novo rumo na história seja tomado.

Para melhor entendermos essa sua luta em favor do feminino, segue o próximo tópico referindo-se ao discurso de *A Cor Púrpura*. Todavia, antes, trazemos uma foto recente de Alice Walker, retirada de seu *website*. Consideramos essa imagem muito expressiva, como se fosse capaz de representar toda a luta de Walker. A foto foi tirada pela fotógrafa Ana Elena, na Cidade de Monterrey, México, no dia 28 de novembro de 2012. Disponível em: <<http://aliciewalkersgarden.com/2012/12/calling-all-beings-of-fearless-compassion/>>.



¹⁷ Onde estão suas mulheres? (Tradução nossa)

1.2 - O PROTESTO INSERIDO EM A COR PÚRPURA

O protesto feminista desafiou o etnocentrismo que relegou o negro a ser uma figura subalterna, ausente e inexistente. E, as escritoras negras auxiliadas pelo surgimento do movimento feminista, que reconheceu o preconceito heterossexual, o racismo, o capitalismo e o imperialismo em seus entrecruzamentos por vezes contraditórios, trouxeram à cena a reordenação excêntrica da cultura, além de seu passado pessoal e histórico. (LOURENÇO, 2007, p.05). E a escritora Alice Walker ofereceu alternativas para o outro, o alienado, o sujeito individual do capitalismo recente.

Walker ganhou fama e notoriedade da crítica literária no ano de 1982 com o seu aclamado *The Color Purple*, com o qual ganhou os prêmios *Pulitzer Prize for Fiction*¹⁸ e o *National Book Award*¹⁹, ambos com reconhecimento mundial.

Cabe dizermos, que o sucesso alcançado por *A Cor Púrpura* foi tamanho que, no ano de 1985, o cineasta Steven Spielberg o adaptou para as telas do cinema com roteiro assinado pela própria Walker. O sucesso do filme foi tanto que ele foi indicado ao *Oscar*²⁰ daquele ano.

Ao escrever *A Cor Púrpura*, a autora fez uso do *Black English* e este foi usado como uma importante ferramenta linguística, reforçando a ideia de que escrever é um ato político-ideológico e que uma artista negra tem responsabilidade para com sua comunidade étnica. Se no passado os negros se exprimiam por meio da música (*jazz, blues e rock-and-roll*²¹), na contemporaneidade, são as narrativas literárias um meio que preenche um espaço deixado pela dominação branca e machista. (LOURENÇO, 2006, p.73-74).

Com essa atitude de Walker, aqui, lembramos mais uma vez de Said (2005), quando diz que a voz do intelectual é solitária, mas que ainda tem ressonância, uma vez que se associa à realidade de um movimento sem amarras, ligando-se às aspirações do ser humano e à busca de um ideal compartilhado com seus pares. Said vê o intelectual situado à margem, como um espelho extremamente vulnerável, porém na defesa daqueles que, como ele, estão marginalizados.

Nesse contexto, poderíamos entender que, Alice Walker, com uma crítica da sociedade como ativista social, vê a função do intelectual como alguém que tem o dever de manifestar-

¹⁸ Prêmio Pulitzer para Ficção.

¹⁹ Prêmio Nacional do Livro.

²⁰ Maior prêmio do cinema mundial.

²¹ Ritmos tidos como de origem negra.

se, de se engajar em causas coletivas. Em seu caso, como feminista e lutadora “ferrenha” contra problemas sociais.

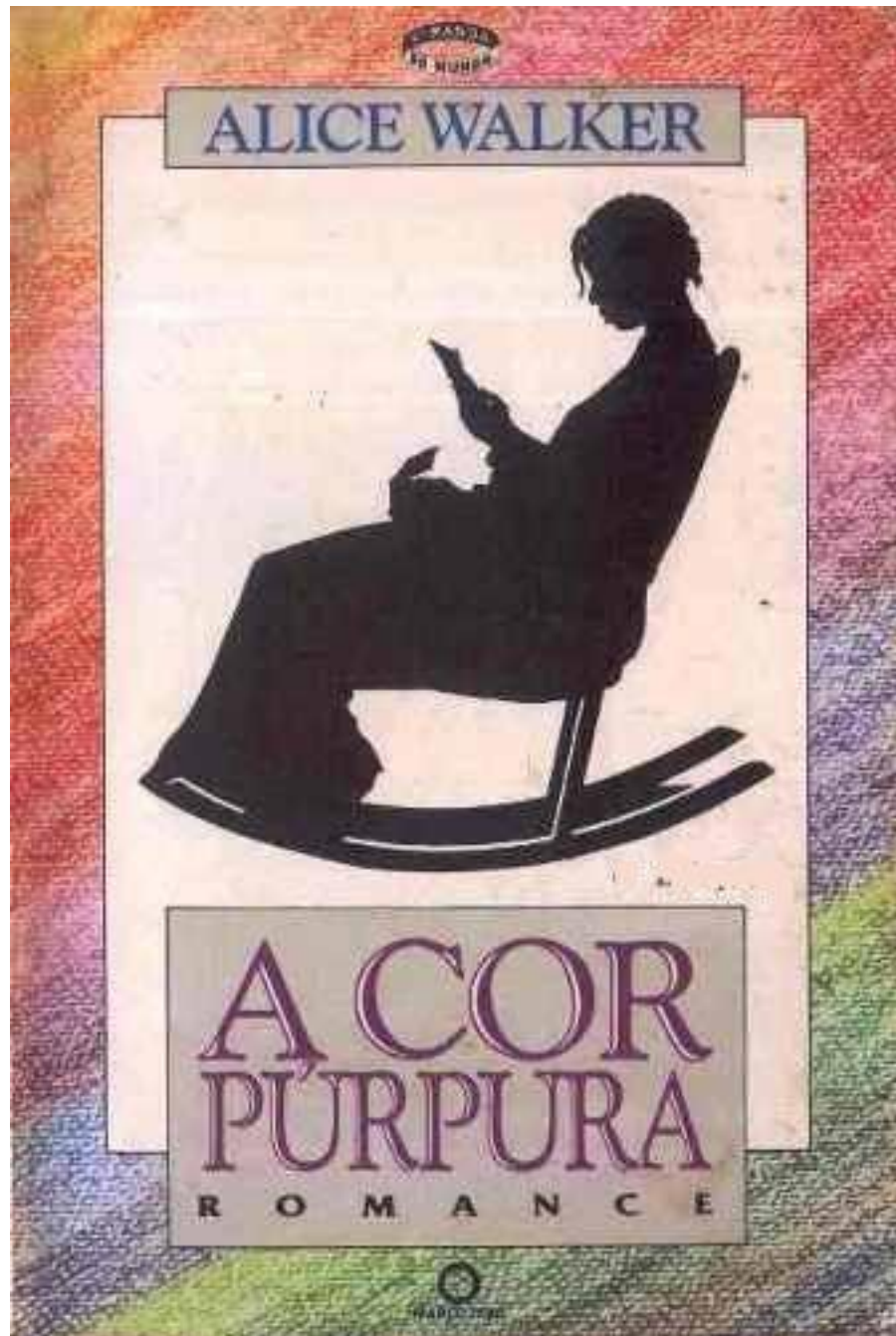
Devido aos temas “fortes” do qual tratou, racismo, submissão feminina, um caso de homossexualidade, o livro foi alvo de muitas críticas. Grande parte da crítica deve-se também à representação do personagem *Mister*²², marido de Celie, que para alguns foi vista como sendo uma generalização de toda a raça negra masculina, o que os relacionaria à violência feminina. Devemos também mencionar que a forma como o livro foi escrito, a “língua” usada é o *Black English*, dialeto falado como uma forma de resistência da população negra à dominação do homem branco. Em sua forma escrita, o *Black English* aproxima-se muito da forma falada.

Maingueneau, em entrevista concedida à Silva (2008, p.31), durante a 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso, realizada pela Universidade Estadual de Maringá – PR – entre os dias 27 a 29 de março, afirma que em *A Cor Púrpura*, a autora se utiliza dessa variante da língua, o *Black English*, não por não ser conhecedora do inglês padrão utilizado nos Estados Unidos da América, contudo, por questões políticas, sociais e ideológicas. Com o uso do *Black English*, Walker se inscreve e fala com seus irmãos de pátria, de luta, de denegação, de dura sobrevivência. A autora, por meio de sua personagem, Celie, veicula ideologias, poderes e sentidos já cristalizados nas interações discursivas. A mulher negra e quase analfabeta, que vive nos campos sulinos e ensolarados dos Estados Unidos, onde a opressão é tão óbvia quanto o desamor. Vale dizer que Walker coloca-se como mediadora do diálogo existente entre os seus ancestrais e o seu povo contemporâneo. Isso porque o discurso reportado por seus personagens, é marcado pelo desejo de dar voz e direito às mães negras, às desconhecidas e às mulheres simples que vivem num mundo político-social desigual, marginal, mas não menos importante do que o do “outro”, seja ouvido. E que suas vozes atravessem fronteiras e desmascarem as evidências, discursos cristalizados e universalizados. (SILVA, 2008, p.127).

Walker quer nos demonstrar que é contra todas as formas de preconceito, seja ele, econômico, racial, estético, profissional, machista e outros. Com isso, podemos afirmar que a autora é uma visionária que acredita no poder de transformação que a mulher tem em nossa sociedade e durante toda sua vida, foi este o papel que quis desenvolver, uma transformadora. Em Walker, temos o exemplo de uma intelectual mulher que tem voz, tem o “poder” de transformação em suas mãos, defender um ponto de vista e não se preocupar em ser

²² Na versão em língua portuguesa de *A Cor Púrpura*, o nome *Mister* é substituído por *Sinhô*.

repreendida por ser mulher e falar sobre sua situação, das demais mulheres, falar sobre problemas políticos, culturais e sociais. Não tem seu cérebro medido a “2 libras e 11 onças”, pelo contrário, tem sua grandeza reconhecida pelos quatro cantos. Prova disso são que seus escritos já foram traduzidos para mais de duas dezenas de línguas e seus livros já venderam mais de 15 milhões de cópias, o que nos faz acreditar que toda sua luta até agora foi válida²³.



Capa da 1ª Edição de *A Cor Púrpura* da Editora Marco Zero.

²³ Informação retirada do *website* de Alice Walker.

1.3 - CRÍTICA FEMINISTA

Escrever e/ou falar sobre a mulher e sobre o discurso de mulheres não é uma tarefa nada fácil, já que não podemos negar as diversas vozes que compõe o feminismo, o que o leva a significar sempre diferentes coisas para diferentes pessoas. E, por mais que saibamos que a luta feminina em busca de mudanças na sua posição social tenha provocado a mais significativa revolução cultural do século XX, a contradição que existe entre a posição alcançada por elas na sociedade contemporânea e sua respectiva representação, faz-se presente em quase todas as áreas sociais como um reflexo das relações de gênero, relações de desigualdade entre os seres humanos, construídas socialmente, e determinadas histórica e culturalmente, representando, assim, discursivamente a condição da mulher como o reflexo de uma visão conservadora e discriminatória que junta formas de silenciamento e exclusão. (PIRES, 2000, p. 01).

Mesmo dentro de uma única sociedade, as mulheres são divididas em diferentes grupos: idade, classe, raça, orientação sexual e experiência individual. Sendo que tanto as visões grupais, quanto as visões individuais produzem análises e interesses feministas diferentes. Como exemplo, mulheres pobres e negras estão mais interessadas em lutar por moradias com condições adequadas, comunidades seguras e pelo direito à educação de qualidade para seus filhos do que por questões feministas amplamente divulgadas, como os direitos à reprodução.

Segundo Hooks (2000, p.26), em situações menos privilegiadas, no contexto econômico dado ao termo, como nos países africanos, muitas mulheres consideram mais importante cuidar dos filhos que lutar pelo direito ao aborto ou de ser lésbica; sobreviver economicamente que buscar igualdade política; preocupar-se com as obrigações familiares que buscar ascensão social.

Ao longo dos anos, as questões relacionadas à mulher, sua condição e posição, tem sido pensada por pesquisadores, escritores, intelectuais e outros de vários locais do globo. Tal fato enriquece a construção da teoria feminista, a qual, apesar de ser considerada ainda nos dias de hoje uma proposta "alternativa", tem demonstrado sua consistência e repercussão nas mais diversas sociedades e áreas do conhecimento. As teorias críticas feministas passam agora por um momento de “auge”. Em países de formação saxônica, em especial nos Estados Unidos, a crítica feminista constitui-se como uma inegável tendência dentro do mercado editorial.

Dentro das Universidades, muitos centros de *Women's Studies Group*²⁴ foram criados e, desde a segunda metade dos anos 1970, o seu projeto era claramente intervencionista e político-acadêmico. Todavia, é muito provável que, antes disso, já se articulassem ideias e teorias sobre a condição da mulher e, esse momento foi apenas o início de certa ordenação de tais pressupostos.

No que diz respeito à constituição do *Women's Studies Group*, esse foi originalmente aberto para ambos os sexos. E em sua formação, apresentava um dilema: como mulheres, inevitavelmente elas seriam o sujeito e o objeto de seu próprio estudo, o que gerava uma tensão, se por um lado isso proporcionava o impulso político para que realizassem o seu trabalho, por outro, lhes proporcionava um tipo de humor, um modo de trabalhar e um entendimento das incertezas que iam encontrando no seu trabalho por serem mulheres, tudo isso baseado no reconhecimento de experiências comuns do seu dia a dia como mulher. As implicações dessas considerações resultaram em uma discussão que consistia em decidir se deveriam propor um grupo fechado para homens, o que foi aceito. Porém, para que os homens ainda tivessem espaço nessa discussão, um fórum, para discutir assuntos mais gerais em relação ao tema, foi criado. (DÍAZ, 2009, p.423).

Sobre o desenrolar dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de mulheres, o ano de 1978 tem certo destaque, já que foi marcado pela primeira edição de uma publicação exclusivamente centrada nos estudos da mulher. Editado pelo *Women's Studies Group* pertencente ao *Centre for Contemporary Studies*²⁵, (melhor discutiremos no capítulo II), da Universidade de Birmingham, foi intitulado *Women Take Issue*²⁶: *Aspects of Women's Subordination*²⁷. Os textos possuíam temas diversos como a educação e os meios de comunicação em massa, por exemplo, em meio aos estudos da mulher. No livro, as editoras começam por afirmar que o seu trabalho tinha como objetivo centrar-se em questionar muitas das noções existentes na sociedade acerca do papel e da construção do sexo e do gênero, assim como em analisar de que forma tais noções são adquiridas e transmitidas, acrescentando, por meio das perguntas que formulam o feminismo, e das ausências que são percebidas, que a investigação feminista e os estudos sobre a mulher vão se constituindo como um dos aspectos da luta para que a sociedade seja transformada, objetivando que os

²⁴ Grupo de Estudos Femininos. (Tradução Nossa)

²⁵ Centro de Estudos Contemporâneos.

²⁶ *Women take issue*, em inglês, é um trocadilho linguístico de duplo sentido, podendo significar tanto o número ou edição de uma publicação, indicando, neste caso, que as mulheres se apossaram da publicação da revista, como também *take issue* quer dizer discordar, fazendo referência ao fato de que as intelectuais feministas introduziram suas vozes discordantes nos Estudos Culturais. (HALL, 1996).

²⁷ Aspectos da subordinação feminina.

estudos sobre a mulher passassem a ser algo desnecessário. (WOMEN'S GROUP, 1978, p.07).

Dos questionamentos que o grupo fazia sobre o que tinham por objetivo com os estudos das mulheres, quatro conclusões foram compartilhadas com os seus leitores:

1. O fato de uma pessoa optar por se juntar ao grupo, em grande parte poderia aumentar a sua consciência, pois, na sua maioria, as mulheres eram quem abordavam este tipo de estudo. Os cursos nos quais se inscreviam e suas leituras poderiam proporcionar material para reflexão sobre experiências pessoais desde que situadas dentro de um contexto sociológico e histórico.

2. O ponto de partida dos cursos das mulheres era diferente do de outras disciplinas, o seu foco era a mulher, deslocando na sua esfera atividades a partir das margens para o centro, que poderiam levar à descoberta de um novo material empírico ou de uma mudança de perspectiva em relação àquilo que já existia.

3. Estudos sobre as mulheres faziam uma crítica ao sexismo e ao machismo nas teorias, textos e cursos que circulavam na academia, o que exigia a formulação de uma teoria que explicasse como proceder nos processos de subordinação estrutural das mulheres.

4. Isto, por sua vez, leva à necessidade de desenvolver ferramentas conceituais para conduzir uma análise feminista. Como um exemplo, a oportunidade de começar a separar os conceitos de "sexo" e "gênero", citando Ann Oakley (*Sex, Gender and Society*²⁸, 1972), e também à sugestão da criação de novos conceitos com significados específicos. (WOMEN'S STUDIES GROUP, 1978, p. 09-10).

Ao centrar-se em questões como a reprodução cultural e sua produção, a primeira publicação do grupo ressaltou a necessidade em se fecharem as dimensões pessoais da cultura no contexto político da análise feminista. O que pode ser observado no interesse inicial por temas como a ideologia e a hegemonia, transformando-se em um interesse pela identidade e subjetividade. (DÍAZ, 2009, p.431).

Já outras feministas ressaltavam a importância das relações sociais patriarcais dentro de um conjunto de desigualdades que se cruzam, como o racismo, o heterossexismo, o imperialismo ou a divisão de classes. (FRANKLIN; LURY; STACEY, 1991, p.03).

Se as primeiras ativistas e intelectuais se esforçaram para demonstrar que a dominação masculina era sistemática e afetava todas as áreas da vida das mulheres, no decorrer do tempo dos estudos da mulher, o feminismo teve que enfrentar, para entender a opressão das

²⁸ Sexo, Gênero e Sociedade.

mulheres, o tema das diferenças existentes entre elas. Essas diferenças, como já citamos, de ordem étnica, de classe, sexual, entre outras, resultaram em uma revisão do feminismo que proporcionou a diferença e a diversidade entre as mulheres. O ceticismo que desprendia ambas as teorias quanto à possibilidade de que existiam identidades únicas, fez o feminismo questionar a possibilidade de que a categoria ‘mulher’ existia como algo unificado, com um significado fixo e determinado. Concretamente, a teoria psicanalítica introduziu a ideia de que esse subconsciente imprevisível e incontrolável levava a questionar essa identidade coerente que inicialmente era buscada. (FRANKLIN; LURY; STACEY, 1991, p. 03-04).

De maneira geral, a formação desta área de conhecimento foi intimamente ligada aos movimentos políticos dos anos 1960, sobretudo, ganhou estatuto acadêmico anos mais tarde, no contexto da consolidação das teorias pós-estruturalistas e desconstrutivistas, cuja desconfiança sistemática em relação aos discursos totalizantes passa a ter uma posição central no debate teórico conhecido como pós-modernista. Nesse período, a grande meta do feminismo era a igualdade. Igualdade esta que pregava que o modelo masculino era o ideal, aquele que deveria ser seguido. Já nos anos 1970, com surgimento do chamado neofeminismo, definido por Morin (1977, p.157) como sendo “o reconhecimento e a afirmação da identidade [feminina], isto é, da sua singularidade e da diferença”, uma transformação na sociedade ocorreu e esta reformulou a definição de igualdade, que passou a ser entendida como sendo a afirmação da diferença.

Mais tarde, esse conceito de igualdade foi substituído pelo da busca e invenção da identidade e dos desejos femininos: a mulher não mais queria ser um reflexo do homem, nem mesmo o seu avesso ou contrário. Como melhor definido por Shaffer (2010), a mulher queria encontrar a sua própria marca, seus valores e direitos, suas satisfações e desígnios próprios, sua feminilidade, sua identidade; aquilo que a fazia ser única, numa mudança de consciência e de atitude.

Logo, além da igualdade de oportunidades no mercado de trabalho e na divisão igualitária dos afazeres domésticos, o “novo feminismo” desejava por face a face os papéis tradicionalmente desempenhados por homens e mulheres na organização da sociedade. Assim, o neofeminismo, de acordo com Hall (2001, p.49-50), enfatizou, como uma questão política e social, “o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)”.

Então, o que o neofeminismo fez, foi por em cheque a identidade sexual do sujeito, trazendo para o âmbito político questões muito mais relacionadas ao cotidiano e à intimidade

das pessoas. Como por exemplo: as responsabilidades paternas, a fidelidade, o casamento como instituição perene, o heterossexualismo, o direito feminino ao prazer sexual. (SHAFFER, 2010).

É importante citarmos que foi nos anos 1970 que o feminismo surgiu no Brasil, em um cenário em que a ditadura se sobrepunha.

Após a derrota da luta armada e o contato, no exílio, com grupos feministas, as mulheres, na esteira da repercussão que o feminismo adquiriu internacionalmente, voltaram-se para movimento que propiciou as elaborações política e pessoa daquela derrota. No Brasil, “as mulheres que aspiravam por uma sociedade mais justa e equitativa na relação entre os gêneros movimentavam-se.” Os grupos que se constituíram informalmente no Rio de Janeiro organizaram-se em 1975, declarado pela ONU “Ano Internacional da Mulher”, no momento no qual se reconheceu internacionalmente a existência da discriminação contra as mulheres, fomentando um amplo debate contra a desigualdade entre os gêneros, uma conquista política do movimento.

A partir desse reconhecimento, as mulheres brasileiras estavam “mais equipadas para defesa de seus interesses, e organizadas, inclusive, para enfrentar as inúmeras tentativas de descrédito da importância de suas demandas”. A organização feminista se espalhou pelo país, veiculando suas ideias e bandeiras sociais e políticas através dos jornais do movimento. (GIANORDOLI-NASCIMENTO; TRINDADE; SANTOS, 2012, p.30).

Na segunda metade da década de setenta e início de oitenta, nasceram grupos feministas, mais ou menos próximos do campo marxista e dos grupos políticos de esquerda, ao mesmo tempo em que abertos para novos horizontes teóricos e políticos que se descortinavam no país, sobretudo com os “novos” movimentos sociais. Assim como outros grupos denominados de “minorias”, as feministas buscavam criar uma linguagem própria, capaz de orientar seus rumos na construção da identidade das mulheres como novos atores políticos. Dessa experiência, surgiram associações feministas no país, como o *Centro Brasileiro da Mulher*, no Rio de Janeiro, a *Associação de Mulheres*, de São Paulo, futuramente denominada “*Sexualidade e Política*”, o *Coletivo Feminista* do Rio de Janeiro, o *Coletivo Feminista* de Campinas, *SOS Violência* de São Paulo, o *SOS Campinas*, o *SOS Corpo*, no Recife, o *Maria Mulher*, em João Pessoa, o *Brasília Mulher*, o *Brasil Mulher*, o *Grupo “Sexo Finalmente Explícito”*, o *Centro de Informação da Mulher – CIM*, de São Paulo, entre outros.

Todos esses grupos, em sua composição, contavam com a participação de ex-militantes partidárias, marxistas e ex-marxistas, com feministas das novas gerações que defendiam prioritariamente as “políticas do corpo” e as questões da sexualidade. A despeito das tendências políticas diferenciadas, os grupos buscavam total autonomia em relação aos

partidos políticos de esquerda, como o PT - Partido dos Trabalhadores, que acabava de ser fundado, embora muitas ativistas fossem também militantes partidárias. (RAGO, 2003).

Grosso modo, o movimento feminista pode ser dividido em dois momentos e estes possuem objetivos bem definidos. No primeiro momento, o que se almejava era direito de voto à mulher, direito de participação nas decisões do estado, reivindicação de direitos iguais no mercado de trabalho, além de exigências políticas que se traduziam em tendências ideológicas diversas. Este momento abrange meados do século XIX até a década de 1970. Após o seu período inicial de denúncia da lógica patriarcal e de crítica do desagravo, a crítica feminista passou a mover-se em direção a uma nova perspectiva, a qual tinha como foco o interior da própria lógica das formações discursivas. Enquanto isso, o feminismo falava exatamente da necessidade de uma luta pela significação. Por outro lado, num momento em que se apregoa o fim da história, do social e do político, a crítica feminista passava insistir na articulação de suas questões com as determinações históricas e políticas. Ainda que não excludentes, as teorias feministas e o pensamento pós-moderno pareciam apontar, com clareza, para diferentes campos de contestação. Já no segundo momento, que se entende dos anos 1970 até os dias atuais, o grande objetivo era e é buscar uma ruptura simbólica da figura legitimada de mulher e do discurso construído sobre ela e isto pode ser percebido via diferentes perspectivas teóricas que se propõem a analisar os efeitos da invisibilidade, ocultamento e marginalização das experiências das mulheres nos espaços de poder, tanto na escritura como no âmbito político e outros. (PEDRO, 2006).

No entanto, presentemente, apesar do avanço do debate teórico feminista, notamos alguns sinais de confinamento e declínio da área, pelo menos, no modo como esta foi inicialmente configurada, mesmo que suas potencialidades políticas e epistemológicas ainda estejam longe de serem esgotadas.

Agora, o que estaria na “moda”, seriam os estudos sobre a mulher nas sociedades periféricas, nas “margens”. E, em consonância com Hooks (1990, p.45), a margem é um espaço potencial para mudança, é onde a transformação é possível. Assim, esses estudos trariam para o centro da cena feminista dominante temas como o racismo, o anti-semitismo, o imperialismo, o colonialismo, a ênfase nas diferenças de classe, e, principalmente, a possibilidade de interpelação dos atuais modelos teóricos feministas. Ainda dentro dessa nova proposta, podemos incluir a responsabilidade da discussão acerca do surgimento de um ideário pluralista, subsidiário da economia de mercado, na qual o ponto principal seria o questionamento do pluralismo neoliberal e da consagração de uma falaciosa “retórica da

diferença”, que estaria, na verdade, bloqueando o sentido real de uma “política da diferença”, capaz de restituir às margens, seu valor polêmico.

Logo, nesse contexto, podemos inserir o nosso objeto de estudo, no qual a história se passa em uma sociedade periférica, a rural Geórgia do início do século XX, mais precisamente o ano de 1910, que conta uma história que se passa dentro de uma comunidade negra, trazendo relatos, denúncias de histórias de racismo, insubmissão feminina, além de abusos sexuais e psicológicos sofridos pelas mulheres da época.

É relevante fazermos referência a outros tipos de estudos que assim como os estudos sobre a mulher, se desenvolveram no fim da década de 70. Esses foram: teorias sobre a etnicidade, identidade e análises sobre o racismo.

Sobre a luta contra o racismo, podemos citar o *Movimento Negro*, que busca o reconhecimento da ancestralidade africana como um valor positivo. Dessa forma, a luta histórica é por garantia da dignidade e de continuidade de resistência contra a exclusão social, buscando com isso a visibilidade e a participação política das mulheres e dos homens negros. Um exemplo, contemporâneo, ocorrido no Brasil em favor do negro foi realizado em Brasília, em 20 de novembro de 1995, em parceria com outros setores da sociedade – a Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, reuniu cerca de 30 mil manifestantes. Em ato oficial, por meio da coordenação da Marcha, foi entregue ao então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, o *Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial*, o qual apresentava uma série de reivindicações visando à inclusão da população negra nas políticas públicas, com destaque para o mercado de trabalho, a educação, a cultura e a comunicação, a saúde, o combate à violência, a religião e a terra. (RIBEIRO, 2008, p.990).

Internacionalmente, várias organizações passaram a se preocupar com o negro, visto que os problemas de desigualdades desse não se concentram em um local específico, mas no mundo como um todo. Por isso, nos anos de 1990, com o Ciclo das Conferências Mundiais promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), houve um estímulo aos debates e às formulações nas esferas da vida social econômica, política e cultural. Essas conferências tiveram como base a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada em Paris/França, em 10 de dezembro de 1948, em conjunto com a *International Convention on the Elimination of all forms of Racial Discrimination*, ICERD²⁹, em 1965, e a *Convention on the Elimination*

²⁹ Convenção Internacional na Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial. Esta Convenção exige que os países condenem todas as formas de discriminação racial, seja com base em raça, cor, descendência, origem nacional ou étnica. Os países que a adotam, devem garantir o direito à igualdade de todos perante a lei,

of all Forms of Discrimination against Women, CEDAW³⁰, em 1979, entre outros. Rita Laura Segato, no documento *Mulher negra = sujeito de direitos e as convenções para a eliminação da discriminação*, apresenta uma importante relação entre a ICERD e a CEDAW, buscando disponibilizar uma análise dos pontos comuns e diferentes entre as duas convenções, como apoio à prática dos setores governamentais e não governamentais. Parte-se do pressuposto de que a incidência de duplo preconceito e discriminação de gênero e de raça afeta os direitos humanos de maneira geral, e em particular as mulheres negras. (RIBEIRO, 2008, p. 995).

Ainda sobre esses movimentos e organizações sociais, em particular na região das Américas, temos os resultados da *Conferência Cidadã*³¹ e da *Conferência de Santiago*, os quais se cruzam na *Declaração e Plano de Ação de Santiago*³², que antecede e incide na elaboração da *Declaração e Programa de Ação de Durban*. Nesse documento global foi apontada a necessidade de superação, entre outras coisas: das múltiplas formas de discriminação que podem afetar mais diretamente as mulheres; das desigualdades geradas pelas condições de raça, cor, linguagem ou origem nacional ou étnica; dos motivos conexos, como o sexo, o idioma, a religião, as opiniões políticas ou de outra índole; e das barreiras por origem social, situação econômica, nascimento ou outra condição. Foram apresentadas, também, formulações voltadas às crianças e aos jovens, em especial às meninas por sua situação de vulnerabilidade, assim como a reafirmação sobre o direito dos povos vitimados à reparação. (RIBEIRO, 2008, p.996).

Alice Walker, autora de *A Cor Púrpura*, estava presente desde o início dos Movimentos a favor dos direitos das minorias na década de 60, negra, pobre e mulher, ela se encaixa de diversas formas nas minorias; e até o dado momento, em seus escritos e em sua vida de uma forma mais geral, mostra-se ativa no que diz respeito a essa luta. Nas palavras de Ribeiro (2008, p.988):

direitos civis, econômicos, sociais e culturais. Todavia, a Convenção não faz qualquer referência específica à discriminação contra as mulheres no contexto de discriminação racial. Informação disponível em: <<http://www.iwtr.org/ICERD.html>>. Acesso em: 20 jan. 2013 às 18h.

³⁰ Convenção na Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher. Composto por um preâmbulo e 30 artigos, esta Convenção define a discriminação contra a mulher como sendo qualquer distinção, exclusão ou restrição com base no sexo e que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, numa base de igualdade de homens e mulheres, de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro, estabelecendo soluções para acabar com tal discriminação. Informação disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/cedaw/>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

³¹ Conferência Cidadã contra o Racismo, Xenofobia, Intolerância e Discriminação – Foro de ONGs e Organizações da Sociedade Civil das Américas, realizada em Santiago/Chile, entre os dias 2 e 3 de dezembro de 2000.

³² Documento em que se fortalece a visão de que a América constituiu-se como espaço de convivência de diferentes raças e culturas que se somaram aos povos originários, valorizando a característica de ser multicultural, multiétnica, multilíngue e plurirreligiosa. Logo, um espaço que apresenta uma rica diversidade do agrupamento humano.

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem de “mãe preta”, fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo.

Da principal preocupação de uma escritora negra, Washington (1975) afirma ser a de retratar a mulher negra em si mesma – suas aspirações, seus conflitos, sua relação com marido e filhos, sua criatividade. Portanto, a escritora negra olha para a mulher negra a partir de um ponto de vista vindo do seu “próprio interior”.

Dar voz a autoras negras vai ao encontro do pensamento de Hollanda (1992), quando aponta a necessidade de se dar atenção, nos estudos sobre as mulheres, às experiências e condições femininas nos mais variados contextos, especialmente nos países ditos de Terceiro Mundo. Conforme a autora, essa perspectiva possibilita a inclusão de temas como “racismo, antissemitismo, imperialismo, colonialismo e a ênfase nas diferenças de classe no debate feminista mais recente.” (HOLLANDA, 1992, p.61).

Hooks (1995) aponta que, no contexto africano, a escrita feminina surgiu como resposta a um silêncio que não mais podia ser mantido. Foi aberta uma brecha para que a mulher pudesse se autorrepresentar, visto que até então, não podiam falar sobre si mesmas, mas que nem por isso se mantiveram escondidas aos olhos do mundo dadas as imagens formuladas sobre elas, a imagem da mulher sensual ou sobre o lugar que devem ocupar na sociedade.

Escritoras como as nigerianas Buchi Emecheta (1977), com a publicação da obra *In the Ditch*³³, Molara Ogundipe-Lesli (1985), com a sua primeira publicação *Sew the Old Days*³⁴, e a ganesa Ama Ata Aidoo (1965), com a publicação de *The Dilemma of a Ghost*³⁵, são exemplos da aparição da voz do subalterno mundialmente. Um processo de introdução da fala do subalterno na literatura e do reconhecimento do direito à determinação daqueles que, por um longo tempo, não tiveram suas individualidades respeitadas em prol de uma identidade coletiva, mas que, desde meados do século XX, lutam pelos seus direitos. (COSTA, 2011, p.105).

Contudo, vale lembrar que a voz de cada escritora negra tem raízes na sua educação, cultura, circunstâncias familiares, bem como o local onde vive. Não há uma maneira de

³³ Na vala. (Tradução Nossa)

³⁴ Costurar os Velhos Tempos. (Tradução Nossa)

³⁵ O Dilema de um Fantasma. (Tradução Nossa)

construir uma visão monolítica sobre as experiências da mulher negra, segundo Gates (1990, p. 04-05). As escritoras se concentram na multiplicidade de perspectivas, falam a partir de posições distintas com base em suas histórias e experiências específicas.

De acordo com Hall (1991, p.19-20), as pessoas estão posicionadas pelas práticas e discursos que as cercam. Neste sentido, o lugar onde essas escritoras negras nasceram ou foram criadas e, até mesmo, seu lar adotivo, novos valores, atitudes e estilo de vida são importantes para a definição de elementos em sua ficção.

Como consequência, conforme Di Candia (2008, p.14), a voz das minorias é filtrada pela sua experiência. Logo, as reivindicações de escritoras negras estão presentes nos mundos fragmentados em que seus personagens vivem. Ao escrever esse tipo de narrativa, Alice Walker ajuda a transformar objetos femininos em sujeitos. Assim, o trabalho de escritoras mulheres/mulheres e negras, da crítica feminista, tem servido de inspiração para aqueles que procuram compreender o papel social da literatura.

É válido citarmos que no discurso da e sobre a mulher, a principal meta social da crítica feminista é a defesa dos direitos femininos, o que podemos acabar por inferir ser uma luta pelos direitos humanos de uma forma mais abrangente. Assim, para encerrar nossa discussão sobre a crítica feminista, citamos um trecho de Coracini (2007, p.95), no qual ao falar do discurso da e sobre a mulher, relata que este deveria, em verdade, não deveria ser um discurso sexista que eleva as capacidades do homem em detrimento da mulher. Deve-se mudar a mulher e mudar o homem, mudar o discurso da mulher para que o discurso sobre a mulher possa também se transformar e trazer mudanças reais para a sociedade. E isso para que possamos nos identificar com outras mulheres como mulheres e construir o mundo com os homens e não atrás deles ou ao lado deles.

Visto assim, fica fácil observar os motivos pelos quais os estudos sobre a mulher adquiriram importância e atualidade. Por mais que o feminismo já não seja obrigado a ser tão reivindicativo como em suas origens, embora exista quem acredite que isso é tema passado, o mundo atual ainda precisa refletir sobre as relações gênero e identidade e sua importância para provocar mudanças sociais. (DÍAZ, 2009, p.441).

A despeito do pessimismo suscitado pelo conservadorismo de nossos tempos, os feminismos, seja como modo de pensamento, seja como conjunto de práticas políticas, sociais e sexuais, têm contribuído para a crítica cultural contemporânea. Além da desconstrução de configurações ideológicas, conceituais, políticas, sociais e sexuais que organizam nosso mundo, os feminismos deram visibilidade às formas perversas da exclusão que operam no mundo público. Ao mesmo tempo, propuseram formas alternativas de

organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias. Há que se destacar a grande contribuição feminista à ciência, introduzindo as discussões não apenas relativas às mulheres, mas ampliadas às questões do gênero, e mais do que isso, transformando radicalmente o modo de pensamento, com suas problematizações diferenciadas. (RAGO, 2003).

1.4 - O ROMANCE EPISTOLAR

Chamado romance por tornar-se conhecido a partir do Romantismo, apesar de a sua origem datar período anterior ao do Realismo, herdeiro da Epopéia, o Romance é um gênero da literatura que pertence ao modo narrativo. Geralmente, dividido em capítulos, fazem parte do gênero romance, narrativas longas, possuidoras de vários personagens em torno dos quais acontece a história principal e também histórias secundárias as quais ajudam a compor o caráter e a personalidade das personagens ou ajudam no entendimento do que se passa na história.

Em *A Cor Púrpura*, temos um Romance Epistolar, uma técnica narrativa que surge no final do século XVII e se solidificou durante o século XVIII. (VALENTIM, 2006, p.96). Isto significa que foi escrito usando uma técnica literária que consiste em desenvolver a história através de cartas. Na obra em questão, 91 cartas foram escritas, tendo esta técnica à meta dar maior realismo a uma história.

Cartas, nas palavras de D'Angelo e Santos (2009, p.95-96), compõem preciosas frações que manifestam a subjetividade de quem as escreve, o lugar e as conjunturas que abarcam a sua feitura. Desse modo, a inserção do gênero epistolar no romance de Walker traz no seu bojo a essência expressiva, a vontade de evadir e a aspiração libertária, visto que *se escreve por não poder falar*. E Celie escrevia porque se sentia tão envergonhada pela vida que tinha que, “nem mesmo com Deus”, ela conseguia falar, ela tinha que escrever.³⁶

O romance epistolar foi inventado por homens escritores para falar de mulheres. E, muitas mulheres, já desde essa época, utilizaram o gênero epistolar para descrever seu mundo interior e, por meio desse, expressarem seus pontos de vista sobre assuntos de suma importância num contexto maior e especialmente sobre si mesmas. (ROBINSON, 1996, p.42).

Visto assim, Walker ao se apropriar do gênero epistolar, quis revelar ao mundo, por meio dos temas tratados na obra, as condições das mulheres negras, as relações de poder que

³⁶ Paráfrase da carta de Nettie a Celie. (WALKER, 1986, p.149).

faziam com que essas mulheres se tornassem vítimas dos homens, os interesses patriarcais, a iminente destruição da relação de subjugação, o preconceito existente vestido sob as mais diversas formas.

Através de Celie, sujeito-enunciador da narrativa, Walker espera que o sofrimento da mulher seja reconhecido, uma vez que a sensação que se tem em uma obra epistolar é que somos íntimos do personagem, que estamos lendo a sua carta “por cima de seu ombro”. Logo, a escolha por esse gênero se dá por esse simular ou representar o direito à fala. Analisado por esse olhar, o texto assume uma posição política, já que discute sobre algo que interessa ao mundo como coletividade: a salvação da subversão racista, sexual e de classe das mulheres afrodescendentes, com o premente desejo à fala, ao discurso.

Então, temos no gênero epistolar um aliado na (re) construção do eu, fornecendo um caminho que ajuda a fazer sentido na existência de alguém e na conquista de outro espaço no mundo mais justo para si. Podendo ser uma ferramenta de construção de mundo, pode também revelar a experiência cognitiva de indivíduos, como eles percebem a realidade e o mundo, quem eles pensam que são e como eles mudam com o passar do tempo. Dessa forma, entendemos que ao escrever dessa maneira, Walker concede às mulheres o poder para que construam suas próprias identidades e reconstruam suas realidades. Que as cartas, durante muito tempo, foram a única maneira de Celie, uma mulher negra não escolarizada e sem nenhum poder, falar de si mesma e assim, estruturar sua nova identidade. E que, o progresso da narrativa, encontra-se no processo e que Celie faz sua própria representação a caminho da consciência, da formação de seu poder e do controle como escritora. (SILVA, 2008a, p.44).

1.5 - AUTOR, NARRADOR E PERSONAGEM

Dentre os vários elementos que compõem uma narrativa, em *A Cor Púrpura*, três têm destaque no que diz respeito à melhor compreensão da obra: autor, narrador e personagem. No que se refere à noção de autor, Foucault (1992) traz que essa constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia e das ciências também. A "função-autor" não é construída simplesmente ao atribuímos um texto a um dado indivíduo com poder criador, mas é constituída como uma "característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade" (FOUCAULT, 1992, p. 46), ou seja, o discurso deve ser recebido de dada maneira e deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto.

O que faz de um indivíduo um autor é o fato de, por intermédio de seu nome, sermos capazes de delimitar, recortar e caracterizar os textos que lhes são atribuídos. Logo, autor é quem dá significação ao discurso, o responsável pelas marcas identitárias ali presentes, o “pai” do texto, por assim dizer: na obra em questão, a autora, Alice Walker.

Já o narrador, de acordo com Strecker (2005), é aquele que conta a história, podendo fazer parte da história, ou apenas contá-la para o leitor. Ao contar uma história, o narrador desempenha várias funções: deve apresentar os personagens, a sequência dos fatos, descrever o ambiente em que eles se passam, enfim o narrador é o intermediário entre a narrativa e o leitor e coloca o universo ficcional diante dos olhos do leitor. Em *A Cor Púrpura*, temos um narrador que faz parte da história, um narrador - personagem, visto que narra o que vive, sente e pensa: Celie. Logo, para melhor entendimento da obra, faz-se necessário articular informações sobre “o que é um personagem”.

A palavra personagem tem origem francesa, “personnage”, no entendimento de alguns estudiosos; para outros, vem do latim, “persona”. Sua origem pouco importa, o que é relevante de fato é o papel exercido por um personagem em uma narrativa. Personagem é uma “pessoa” que vive situações e dramas dentro de uma história, pode ser um animal, pode ser um objeto, pode ser um ser fictício, pode ser tudo aquilo que o autor deseja que seja, aquele que “dá vida em sua história”. James (1884) diz: “O que é um personagem senão a determinação da ação? O que é a ação senão a ilustração do personagem? O que é um quadro ou um romance que *não seja* uma descrição de caracteres? Que outra coisa que buscamos, que outra coisa encontramos neles?”. Voltando nossos olhos para tal citação, encontramos personagem e ação, ou seja, não existe ação sem personagem, nem existe personagem sem ação. No entanto, para nós o personagem é mais importante, uma vez que, segundo Todorov (2003, p.95), toda narrativa é “uma descrição de caracteres”, isto é: a descrição dos personagens.

Haja vista a importância do personagem na narrativa, temos os vários tipos de personagens existentes, a saber: protagonistas, antagonistas e coadjuvantes. Aqui, centramos nossa descrição no que seja o protagonista, o personagem principal, já que o foco narrativo concentra-se neles: sabemos o que pensam, o que sentem, seu ponto de vista diante dos fatos ocorridos durante a história. Nesta pesquisa, temos esse personagem-protagonista em Celie e, a partir de recortes da fala dessa personagem, mobilizamos o processo analítico deste trabalho. Todavia, cabe, antes, discorrermos sobre a fundamentação teórica aqui utilizada para empreendermos a análise e discussão dos dados.

CAPÍTULO II

AS PERSPECTIVAS DISCURSIVAS E CULTURALISTAS

Neste item, apresentamos aspectos dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e da Análise do Discurso que embasam esta pesquisa.

2.1 - OS ESTUDOS CULTURAIS

As ideias culturais mudam com o mundo sobre o qual refletem. Se insistem, como realmente fazem, na necessidade de ver as coisas em seu contexto histórico, então isso também tem que ser aplicado a elas mesmas. Até as teorias mais rarefeitas têm uma raiz na realidade histórica. (EAGLETON, 2005, p.43).

Ao iniciarmos este capítulo sobre os Estudos Culturais, faz-se importante, antes, entendermos o que é cultura e, de acordo com Ferreira (2011a, p.271), cultura, dentre outras definições, é “o conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., de uma sociedade ou de uma época (...)”. Visto isso, recorreremos agora à história para que assim possamos entender o que foram os Estudos Culturais.

Baseados em princípios caros a valores ainda de inspiração iluminista, a disciplina acadêmica por nós conhecida como “Estudos Culturais” deve seu nome ao *Centre for Contemporary Cultural Studies*³⁷ (CCCS), fundado no ano de 1964 por Richard Hoggart. Surgiu ligada ao *English Department*³⁸, da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição.

Todavia, desde o fim dos anos 1950, com a publicação de três obras, podemos identificar a fonte que deu origem aos Estudos Culturais. São elas: *The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life with Special References to Publications and Entertainments*³⁹, de Richard Hoggart (1957), *Culture and Society*⁴⁰ de Raymond Williams (1958) e *The Making of the English Working Class*⁴¹, de Edward P. Thompson (1963).

A primeira das obras, em parte autobiográfica, estuda a influência da cultura difundida em meio à classe operária pelos meios de comunicação, tendo como ideia central que tendemos a superestimar a influência dos produtos da indústria cultural sobre as classes populares. A segunda constrói um conceito histórico de cultura, apresentando a ideia de que a

³⁷ Centro para Estudos Culturais Contemporâneos.

³⁸ Departamento de Inglês.

³⁹ Os Usos da Alfabetização: Aspectos da Vida da Classe Trabalhadora com referências Especiais à Publicações e Entretenimento.

⁴⁰ Cultura e Sociedade.

⁴¹ A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa.

cultura comum pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência como qualquer outro. Já o terceiro (re) constrói a história da sociedade inglesa sob o ponto de vista “dos de baixo”.

Hoggart (1957) focou sua pesquisa nos materiais culturais da cultura popular e nos meios de comunicação em massa, seu trabalho foi responsável por inaugurar o olhar de que no âmbito popular não há apenas submissão, mas também resistência. Williams (1958), através de um olhar diferenciado sobre a história literária, mostrou que a cultura é uma categoria-chave que conecta a análise literária com a investigação social. Em seu livro, *The Long Revolution* (1961), avançou na demonstração da intensidade do debate contemporâneo sobre impacto cultural dos meios massivos, demonstrando certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios meios de comunicação. Quanto a Thompson (1963), influenciou o desenvolvimento da história social britânica de dentro da tradição marxista. Os dois últimos autores citados viam a cultura como uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Contudo, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global, preferindo entendê-la como um enfrentamento entre modos de vida diferentes (ESCOTESGUY, 1985, p. 153).

Sem desconsiderar a importância que os textos anteriormente citados possuem, Hall (1996, p.32) ressalta que:

[...] eles não foram, de forma alguma, “livros didáticos” para fundação de uma nova subdisciplina acadêmica: nada poderia estar mais distante de seu impulso intrínseco. Que fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram inscritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões.

Importante citarmos que, Stuart Hall, embora não seja citado entre os nomes do trio de pais fundadores dos Estudos Culturais, foi figura chave das revistas da nova esquerda intelectual, sendo que a sua participação na formação dos Estudos Culturais britânicos é unanimemente reconhecida. Ele foi o substituto de Richard Hoggart na direção do CCCS durante os anos de 1968 à 1979, desenvolveu a investigação sobre práticas de resistências de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade e, sobretudo, foi o responsável por destravar diversos debates de cunho político-teórico. Assim, parafraseando Mattelart e Neveu (2010, p.40), temos que a figura de três pais fundadores, a exemplo dos mosqueteiros de Dumas, são em realidade quatro.

Do trabalho desenvolvido pelo grupo de intelectuais, mais do que sua contribuição para os advinda de suas obras, também contribuíram como professores no *Worker's Educational Association*⁴² (WEA), espécie de base experimental para os Estudos Culturais, que tinha como objetivo analisar a cultura operária, ratificar seus valores e incluir a classe trabalhadora em uma nova sociedade, livre de amarras absolutistas.

A educação defendida no WEA era pública e igualitária, seu objetivo era espalhar valores de uma cultura comum, em contraposição aos esforços da elite adeptos da cultura de minoria. A WEA buscava a construção de uma nova consciência social e uma nova civilização que incluísse a cultura operária como um todo, pois o novo empreendimento pensava que uma nova sociedade só poderia ser criada de baixo para cima, e a educação era a ocasião de troca entre intelectuais e trabalhadores, um educando o outro, na medida em que os professores tinham que se esforçar durante a explicação de suas disciplinas para que pessoas comuns as entendessem e pudessem utilizá-las em movimentos reais. Sobre os interesses da nova “clientela”, esses estavam em assuntos que diziam respeito àquilo que acontecia em suas vidas, eventos corriqueiros e saber popular. As questões levantadas muitas vezes estavam fora do escopo das disciplinas institucionalizadas, obrigando os instrutores a um esforço interdisciplinar que está na base dos Estudos Culturais. (CEVASCO, 2003, p.62-63). O que temos comprovado por Schwarz (1994, p.380) quando cita que:

[...] a identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo anti, disciplinar.

Como empregado por Lourenço (2006, p.17), podemos dizer que os Estudos Culturais constituem a intersecção de diversas disciplinas pensadas na sua relação com aspectos políticos, socioeconômicos e culturais da sociedade, havendo uma ausência de um núcleo fixo de conceitos usados uniformemente, ou seja, os conceitos são adequáveis a cada situação a ser analisada, variando de um lugar para outro, de um tempo para outro, podendo, conforme Díaz (2009, p.419), ter sua metodologia definida por um caráter eclético e aberto.

Devido à perspectiva interdisciplinar levantada pelos Estudos Culturais, questões variadas foram incluídas e revisadas, muitas das quais não eram contempladas pela pesquisa institucional, quando não completamente rejeitadas. Os questionamentos levantados sobre os

⁴² Associação de Educação aos Trabalhadores. (Tradução nossa)

limites e flexibilidade de conceitos, os diálogos espontâneos ou institucionalizados que estabelecem com outros conceitos revelam que o caráter interdisciplinar dos Estudos Culturais se apoia sobre o reconhecimento da complexidade dos efeitos da produção cultural e de suas relações tensivas ou não, com outras formas de prática social. A interdisciplinaridade também possibilitou um posicionamento dos Estudos Culturais como crítica de “grades disciplinares” que reproduziam incessantemente estruturas e formas de exercício do poder hegemônico no âmbito acadêmico (e fora dele também).

Com isso, desde a sua criação, os Estudos Culturais sofreram diversas alterações. A falta de uma síntese completa sobre os períodos, enfrentamentos políticos e deslocamentos contínuos de métodos e objetos fizeram com que, de uma forma geral e abrangente, o terreno de sua investigação se circunscrevesse à temas relacionados às culturas populares e aos meios de comunicação massivos e, posteriormente, temas relacionados às identidades, sejam elas de classe, sexuais, étnicas, entre outras.

Por exemplo, na década de 1960, os Estudos Culturais se aliaram ao marxismo, em um período que a cultura popular lutava por sua autoexpressão. Foi nessa época também que o conceito de hegemonia, criado por Antonio Gramsci, pôde ser examinado de forma concreta com o auxílio da observação da linguagem e das práticas subculturais dos meios de comunicação de massa. Para esse autor, hegemonia é:

a relação de domínio de uma classe social sobre o conjunto da sociedade. O domínio se caracteriza por dois elementos: força e consenso. A força é exercida pelas instituições políticas e jurídicas e pelo controle do aparato policial-militar. O consenso diz respeito sobretudo à cultura: trata-se de uma liderança ideológica conquistada entre a maioria da sociedade e formada por um conjunto de valores morais e regras de comportamento. (FERRARI, 2011).

Para Carvalho (2007), tal conceito preconizava a hegemonia como um local de luta (práticas culturais, meios de comunicação em massa, etc.), permitindo um afastamento da visão de Louis Althusser (1985) que acreditava que a hegemonia era uma força implacável com movimentos de cima para baixo com a finalidade de cristalizar assimetrias de posicionamento social para a colocação de grupos subordinados em desvantagem, sua explicação, sobre o que vem a ser hegemonia, encontra-se a fincada no conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, sendo esses os instrumentos que as classes dominantes utilizam para convencer a maioria da sociedade em consentir na exploração de classe e na usurpação da riqueza produzida por todos.

Já nos anos 1970, sob a orientação do intelectual Stuart Hall (1973) com a publicação do artigo *Encoding and decoding in television discourse*⁴³, os Estudos Culturais passaram por mudanças, a mídia passou a ser estudada e era vista sob a perspectiva da ideologia, considerada a guardiã do pensamento da classe dominante, denominada, nas palavras do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2007):

conjunto de ideias presentes nos âmbitos teórico, cultural e institucional das sociedades, que se caracteriza por ignorar a sua origem materialista nas necessidades e interesses inerentes às relações econômicas de produção, e, portanto, termina por beneficiar as classes sociais dominantes.

Ainda nos anos 1970, no seu início, podemos afirmar que o desenvolvimento com mais importância centrou-se em torno da emergência de subculturas que pareciam resistir a alguns aspectos da estrutura dominante de poder. Já na segunda metade da década, os meios de comunicação de massa ganham notoriedade e passam a ser vistos como aparelhos ideológicos do estado. Nesse período, os estudos das culturas tentavam responder questionamentos relativos à constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido sobre o problema de sua autonomia, como esses sistemas contribuem para a constituição de uma identidade coletiva e como são articuladas as dimensões de resistência e subordinação das classes populares.

Nessa década ainda podemos destacar duas irrupções. De acordo com Hall (2003, p.195-196), houve dois momentos teóricos nos Estudos Culturais que “interromperam a já interrompida história da sua formação.” O primeiro deles incidia sobre o feminismo e o segundo sobre questões de raça. Em termos teóricos, ambas as interrupções revolucionaram e renovaram a estrutura monolítica dos primórdios dos Estudos Culturais, provendo sua abertura. Do feminismo, é válido citarmos que foi o responsável por reorganizar o campo de maneira bastante concreta já que propôs a questão do pessoal como político, mudando o objeto de estudo nos Estudos Culturais, o que foi revolucionário em termos teóricos e práticos; expandiu a noção de poder; centralizou as questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder; colocou as questões relativas ao subjetivo e ao sujeito no centro dos Estudos Culturais, como prática teórica; e por fim, pela reabertura entre a teoria social e a teoria do inconsciente, a psicanálise.

De forma mais abrangente, esse trabalho serviu pra marcar uma área de atuação com especificidades dentro do campo acadêmico e para delinear novos objetos de investigação. E

⁴³ Codificação e decodificação no discurso televisivo.

foi dessa forma que o encontro com a produção feminista foi estabelecido. Apesar da polêmica em torno da forma como tal se afetou, esse foco de atenção propiciou novos questionamentos ao redor de questões referentes à identidade, pois introduziu novas variáveis em sua constituição, passando a ver os processos de construção da identidade não mais somente através da cultura de classe e sua transmissão geracional. (ESCOSTEGUY, 1985, p.162).

A questão racial atravessou diversas dificuldades, enfrentando lutas teóricas acirradas, e tem em *Policing the Crisis* (1978) o seu primeiro exemplo já muito tardio, representando uma virada decisiva no próprio trabalho teórico e intelectual de Stuart Hall, seu autor, bem como no do CCCS.

A partir dos anos de 1980 surgiram indícios de que o CCCS perdia sua “força”. A década viu a cultura popular como um local de resistência e de conflito. Manifestações diversas se mostraram. Exemplos disso, música *reggae* e a literatura pós-colonial produzida na época. Durante esse processo, a expansão dos Estudos Culturais para além das fronteiras da Grã-Bretanha, podia ser observada. Transformações importantes aconteciam, especialmente, de uma observação sobre a desestabilização das identidades sociais, ocasionada, sobretudo, mediante o processo de globalização.

A globalização, de acordo com Ortiz (2003, p. 15-16), é um fenômeno emergente, um processo ainda em construção, uma forma mais avançada e complexa, da internacionalização, implicando um certo grau de integração funcional entre as atividades econômicas dispersas. Sendo assim, o conceito se aplica à produção, distribuição de bens e de serviços organizados a partir de uma estratégia mundial, voltada para um mercado mundial. Ela corresponde a um nível e a uma complexidade da história econômica, no qual as partes, antes (inter)nacionais se fundem agora numa síntese: o mercado mundial. Este processo teve início nos séculos XV e XVI com as Grandes Navegações e Descobertas Marítimas, entretanto, foi somente no final do século XX que a globalização efetivou-se, logo após a queda do socialismo no leste europeu e na União Soviética.

Com isso, o foco central dos Estudos Culturais passou a ser a reflexão sobre as novas condições de constituição das identidades sociais e sua recomposição em tempos em que as solidariedades tradicionais encontravam-se debilitadas. Em outras palavras, tratava-se de uma ênfase à dimensão subjetiva e à pluralidade dos modos de vida vigentes em novos tempos.

Prosseguindo, apesar das dificuldades, uma vez que surgiram em meio de sistemas contextuais, com análise variável e crítico de si mesmos, com a utilização da etnografia, da história oral, da análise do texto, os Estudos Culturais tornaram-se mais elaborados

teoricamente a partir da inclusão das abordagens estruturalistas e semióticas da cultura e da comunicação, de origem francesa. O CCCS incorporou também ideias de diversos autores. Entre eles, Ferdinand Saussure, Louis Althusser, Jacques Lacan, Roland Barthes e Michel Foucault, fundindo análise política e institucional e o foco histórico, pelo interesse no micronível do texto e do discurso. (JOHNSON, 2004).

Nos anos 1990, os Estudos Culturais forneceram um ponto de vista muito mais abrangente do que aqueles que já haviam sido objetos em sua pesquisa, sendo simultaneamente bem específico na sua historicidade, condensaram um instrumental capaz de dar conta da contemporaneidade de maneira desmistificadora e deshierarchicalizada e serviram como ponto de partida para o estabelecimento de uma *política da diferença* que buscava desafiar a hegemonia nordocêntrica, redefinir a modernidade a partir de novos termos, apontar alternativas para um padrão cultural baseado na cópia e na imitação e garantir voz a sujeitos que anteriormente não tiveram direito a voz (PRYSTON, 2004, p.12).

Durante os anos 1990, o leque das investigações no que se refere à mídia, continuou a ser assunto recorrente e buscava em sua pesquisa, capturar a experiência, a capacidade de ação dos mais variados grupos sociais, observando no seu estudo as relações da identidade com o âmbito global, nacional, local e individual. Questões como a raça e a etnia, o uso e a integração de novas tecnologias, assim como os seus produtos na constituição de identidades de gênero, classe, bem como as geracionais e culturais, sem esquecer as relações de poder no seu contexto doméstico de recepção, continuam na agenda, em principal nas análises de recepção. Destacando-se nesses, os recortes étnicos e a incorporação de novas tecnologias. Em relação à metodologia utilizada nas investigações da época, tais continuaram apoiadas na etnografia e na observação participante, utilizando (auto) biografias, depoimentos, histórias de vida. Por fim, os estudos relacionados aos anos 1990, revelam objetivos que observamos serem perseguidos pelas linhas de investigação, sendo que a identidade é a principal questão desse campo de estudos na atualidade.

Para finalizar a discussão acerca dos Estudos Culturais, resta dizer que, se originalmente os Estudos Culturais são considerados uma invenção britânica, hoje, na sua forma contemporânea, tornaram-se uma problemática teórica de repercussão internacional. Não se restringem mais à Inglaterra e Europa, nem aos Estados Unidos, visto que se alastrou para Austrália, Canadá, Nova Zelândia, América Latina, Ásia e também para África. É especialmente significativo afirmar que o eixo anglo-saxão já não exerce mais uma incontestável liderança desta perspectiva. Cabendo aqui dizer, nesse contexto, que a observação contemporânea de um processo de estilhaçamento do indivíduo em múltiplas

posições e/ou identidades, transforma-se tanto em tema de estudo, quanto em reflexo do próprio processo vivido atualmente pelo campo dos Estudos Culturais: descentrado geograficamente e múltiplo teoricamente. (ESCOTESGUY, 1985, p.167).

Assim, apresentado um histórico dos Estudos Culturais, seus fundadores, suas áreas de concentração no decorrer das décadas. Faz se necessário mencionar que nossa análise será ancorada na problemática atual dos Estudos Culturais, a identidade, e como base para o desenvolvimento da pesquisa, as irrupções geradas a partir do momento teórico ocorrido na década de 1970, incidido pelas questões do feminino e de raça (os quais foram apresentados nas “Condições de Produção”, desta dissertação), bem como os seus desdobramentos, serão o nosso fio condutor. Visto que nosso objetivo é a construção identitária da mulher negra apresentada para nós leitores pelo discurso da personagem Celie, em *A Cor Púrpura*, os motivos que tornam justos a adoção dessa corrente teórica para que assim este trabalho possa ser realizado, aqui estão justificados.

2.2 - A ANÁLISE DO DISCURSO

Os estudos do discurso, nas suas mais diversas e variadas formas, ocupam, atualmente, um lugar privilegiado na investigação científica não somente nas ciências relativas à linguagem, como também, e em âmbito cada vez maior, nas ciências sociais. Por sua análise de caráter interdisciplinar, a Análise do Discurso (AD), entre outros estudos, fornece importantes elementos que permitem que uma análise seja feita. Sendo que ao permitir uma investigação sobre a linguagem em uso nas interações cotidianas, fazemos com que processos de formação, perpetuação ou mudança nas relações de poder entre indivíduos e grupos sejam revelados. (FUNCK, 2009, p.481).

Importante citar que:

a linguagem não é um simples veículo para expressar nossas ideias, nem uma simples roupagem para vestir nosso pensamento quando o manifestamos publicamente. Ela é a própria condição de nosso pensamento e, para entender esse último, temos que nos concentrar nas características da linguagem em vez de contemplar o suposto mundo interior de nossas ideias. Nosso conhecimento do mundo não se radica nas ideias que dele fazemos; ele se abriga, sim, nos enunciados que a linguagem nos permite construir para representar o mundo. (GARCIA, 2004, p.33).

Assim, observada a importância que a linguagem tem, cabe-nos focarmos nossos esforços no estudo da linguagem que por nós foi escolhido diante daqueles que tem seus

estudos voltados para a língua e este foi aquele que tem como o seu objeto o discurso: A Análise do Discurso.

E a AD, como indicado em seu nome, não trata da língua, não trata da gramática, embora tenha interesse por ambos. O seu interesse é focado no discurso, e esse etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, objetiva-se entender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral que constitui o homem e sua história. Assim, a linguagem é concebida como a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. E essa mediação é o discurso, o que torna possível a permanência e a continuidade, o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2001, p.15).

Agora, antes de discorrermos sobre as origens da AD, cabe dizermos que no período que antecede ao seu surgimento, especialmente nos anos 1950 e 1960, os estruturalistas tentavam, por meio de motivações filosófico-políticas específicas, criar um dispositivo que substituísse as “ciências ideológicas” (conjunto das ciências sociais, que, segundo o grupo do filósofo Louis Althusser, seriam representações ideológicas das próprias ideologias) e que, assim, pudessem desenvolver uma ciência das ideologias – a qual teria como objeto de análise o funcionamento das ideologias na sociedade. Nesse período, uma constante predominava: a deliberada *exclusão do sujeito*. Logo, o que importava para esses estudiosos era normalizar o sujeito, já que esse era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada. (FERREIRA, 2005, p.40 b).

Explicado o que precede ao surgimento da AD, temos que ela teve como o seu berço fundador a França dos anos 1968-1970, um momento em que emerge o sentimento dos limites e do relativo esgotamento do estruturalismo, presidida pela linguística e pelo marxismo, tendo inscrito no seu projeto um objetivo político. Lembremo-nos dos acontecimentos políticos ocorridos em maio de 1968⁴⁴, em que as indagações e perplexidade diante dos fatos e dos

⁴⁴ Movimento caracterizado por uma grande onda de protestos que teve início com manifestações estudantis que reivindicavam reformas no setor educacional. O movimento cresceu tanto que evoluiu para uma greve de trabalhadores que balançou o governo do então presidente da França, Charles De Gaulle. Tudo começou com uma série de conflitos entre estudantes e autoridades da Universidade de Paris. No dia 2 de maio de 1968, a administração decidiu fechar a escola e ameaçou expulsar vários estudantes acusados de liderar o movimento contra a instituição. As medidas provocaram a reação imediata dos alunos de uma das mais renomadas universidades do mundo, a Sorbonne, em Paris. Eles se reuniram no dia seguinte para protestar, saindo em passeata sob o comando do líder estudantil Daniel Cohn-Bendit. A polícia reprimiu os estudantes com violência e durante vários dias as ruas de Paris viraram cenário de batalhas campais. A reação brutal do governo só

discursos então produzidos fazem surgir um sentimento de urgência teórica e política que busca na Análise do Discurso um modo de leitura para a interpretação desses eventos. (BRANDÃO, 2003, p.05).

As obras que inauguram a AD são duas, essas consideradas como os “manifestos da Análise do discurso”: *Lexicologia e análise de enunciado* (1969), de Jean Dubois e *Análise Automática do Discurso* (1969), de Michel Pêcheux⁴⁵, que inauguram uma visão transdisciplinar na teoria do discurso. Em ambas, a problemática é a relação entre o objeto (discurso) e o dispositivo de análise. Não obstante, a preocupação e a trajetória dos autores serão diferentes: Dubois era um lexicólogo famoso, um linguista ligado à universidade, criador da revista *Langages*. Pêcheux era filósofo, engajado no *Parti Communiste Français* (PCF)⁴⁶, ligado a Althusser, preocupado em discutir a epistemologia das ciências inserindo sua reflexão no interior da “crise epistemológica da Linguística”, gerada tanto pelo momento político quanto da percepção de um desgaste da Linguística.

Com isso, Pêcheux vai propor a análise do discurso como uma alternativa, perguntando-se como a ciência da linguagem poderia incorporar a investigação semântica. Logo, se o Marxismo e a Linguística presidem o nascimento da AD, os dados autores adotam perspectivas diferentes: Dubois acreditando que AD seria a continuação natural da linguística, enquanto, Pêcheux preocupava-se com a epistemologia, a interrogação sobre o dispositivo teórico para a análise das condições de possibilidades dos discursos, dos processos discursivos. Então, a relação entre o discurso e o dispositivo de análise, cria um novo objeto, objeto esse que não é o dado empírico, que é diferente de “enunciado”, que é diferente de “texto” pois vai ser colocado em relação com a História. Assim, tendo como ponto de partida uma relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, a AD proposta por Pêcheux insere a exterioridade como elemento constitutivo do sentido, exigindo um deslocamento teórico que vai recorrer a conceitos exteriores de uma Linguística imanente para dar conta de unidades mais complexas da linguagem. (GREGOLIN, 2001, p.11-12).

Desse modo, o sujeito foi trazido para o centro do novo cenário. E isso permitiu ao sujeito, como afirma Dosse (1993, p.65) “reaparecer pela janela, após ter sido expulso pela porta”.

ampliou a importância das manifestações: o Partido Comunista Francês anunciou seu apoio aos universitários e uma influente federação de sindicatos convocou uma greve geral para o dia 13 de maio. No auge do movimento, quase dois terços da força de trabalho do país cruzaram os braços. Pressionado, no dia 30 de maio o presidente De Gaulle convocou eleições para junho. Com a manobra política (que desmobilizou os estudantes) e promessas de aumentos salariais (que fizeram os operários voltar às fábricas), o governo retomou o controle da situação. As eleições foram vencidas por aliados de De Gaulle e a crise acabou. (MUNDO ESTRANHO, 2012).

⁴⁵ Em seus textos iniciais, apresentava-se sob o pseudônimo de Thomas Herbert.

⁴⁶ Partido Comunista Francês.

O sujeito trazido para o centro era colocado estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia, pela noção de assujeitamento que Pêcheux, com base em Althusser, caracterizava como sendo um indivíduo assujeitado a outro num dado grupo social que, por sua vez, estaria assujeitado a outro numa escala social e ideologicamente legitimada de poder, e o sujeito da psicanálise, pela noção de inconsciente, ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem (PÊCHEUX, 1975, p.170).

Resultando o sujeito do discurso não apenas no sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas no sujeito do inconsciente freudo-lacaniano; tampouco, não é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui. (FERREIRA, 2005b, p.40).

O que temos comprovado por Paul Henry (1992, p.188), quando afirma que “O sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”.

Importante citar que para Foucault, ao analisar o discurso, não podemos apenas partir para o campo sistêmico na língua, abordando somente o léxico ou o campo semântico para chegar à significação, mas “mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua” (1986, p.56). Assim, tomamos o discurso como uma *prática* que relaciona a língua com “outras práticas” no campo social. O discurso deve ser pensado, portanto, enquanto “prática discursiva”, ou seja, [...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que determinam, para certa época e para uma determinada área social, econômica e geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1973, p.97).

Nas palavras Orlandi (2007, p.173):

[...] a relação que a Análise do Discurso estabelece com o texto não é para dele extrair um sentido, mas sim para problematizar essa relação, ou seja, para tornar visível sua historicidade e observar a relação de sentidos que aí se estabelece, em função do efeito de unidade. Sim, porque é no texto – produzido na relação de dominância do todo sobre as partes que se constrói o sentimento de unidade do discurso.

E tudo isso significa, em síntese, para a AD que:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela introduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2001, p.19 -20).

Com isso, é importante que reiterarmos conceitos advindos de outras áreas que, ao se juntarem com corpo teórico do discurso, passam a ter a especificidade e a ordem própria da rede discursiva. Cada análise realizada se põe em questão a natureza de certos conceitos, fazendo com que seus limites sejam redefinidos. Visto assim, entendemos que a AD constrói seu objeto teórico e estabelece seus procedimentos analíticos na interface com as demais áreas vizinhas. E, ao construir seus objetos discursivos, procura trabalhá-los, segundo orientação de Pêcheux, sob uma tríplice tensão, entre (1) a historicidade, (2) a interdiscursividade e (3) a sistematicidade da língua. (FERREIRA, 2005b, p.41- 44).

Atualmente, em relação ao campo da AD francesa, verifica-se uma intensa difusão da sua prática; prática que é influenciada pela emergência das diferentes tendências de abordagem do fato linguístico como a pragmática, a teoria da enunciação, a linguística textual. Influência que não é negativa, pois compreensível na própria agenda programática da AD, na medida em que operando com conceitos como heterogeneidade, alteridade, o outro no mesmo, ela não pode se furtar ao diálogo interdisciplinar sem perder, entretanto, o rosto, a identidade, pois uma disciplina que preza a historicidade não pode se deixar congelar por qualquer tipo de imobilismo ou fixidez. (BRANDÃO, 2003, p.10).

E se inicialmente a AD era identificada quase exclusivamente (sempre em tom de crítica pela linguística) à análise de discursos políticos, hoje essa situação se alterou com a diversidade do leque de materiais que são objeto de interesse dos analistas de discurso, que vão do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais e por diferentes tipos de discurso, ou por questões estritamente teóricas, a AD tem agora o seu espaço conquistado dentro das pesquisas de ciências humanas. (FERREIRA, 2005b, p.45). Prova disso é a pesquisa que aqui se faz. Posto isso, dando continuidade à exposição da fundamentação teórica que embasa a nossa análise, faz-se necessário mobilizarmos alguns, dentre os tantos conceitos existentes na AD.

2.2.1- FORMAÇÃO DISCURSIVA E INTERDISCURSO

Para desenvolver seu discurso é necessário que o sujeito agrupe um conjunto de enunciados, nominados por Foucault de Formação Discursiva, “um sistema regulador de diferenças e de dispersões” (1971, p.23).

E, no que concerne ao conceito de Formações Discursivas (FDs), apesar de ter sido Foucault quem o introduziu, foi com Michel Pêcheux que a concepção de Formação Discursiva ingressou na Análise do Discurso, a saber:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc). (PÊCHEUX, 1988, p.160).

O que nos leva a entender que em uma FD, o sujeito não fala de si, mas de um lugar no qual o “si” ocupa na sociedade, apresentando o que lhe é permitido dizer e exigido dizer, salvaguarda o oposto: o não permitido e nem exigido, mas desejável. (GUERRA; SOUZA, 2006, p.19).

Retornando ao conceito de Foucault, “emprestado” por Pêcheux, temos, de acordo Gregolin (2001, p. 13) uma reorganização na teoria pecheutiana, inaugurando o que Pêcheux chamou de uma “segunda época da AD”, na qual a investigação voltou-se para a análise das relações paradoxais que se estabelecem entre os processos discursivos e o “exterior”, desenvolvendo a noção de interdiscurso como a irrupção de um “além”, exterior e interior a uma formação discursiva, que irrompe nela para constituí-la.

Para Pêcheux (2002, p. 68), “é o interdiscurso que especifica as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico, descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”, sendo esse “[...] marcado pela contradição, por ideias e sentidos que se confrontam a cada momento e que emergem de acordo com situações específicas.” (DIAS, 2011, p. 11).

Assim, compreendendo interdiscurso como fragmentos de múltiplos discursos que constituem a memória discursiva, a qual não deve ser confundida com a memória cognitiva, fragmentos esses que nos precedem e que recebemos como herança e que, por isso mesmo, sofrem modificações e transformações. De modo simplificado, poderíamos dizer que a memória, portanto, o interdiscurso são as inúmeras vozes, provenientes de textos, de experiências, enfim, do outro, que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se

entretecem. Essa rede conforma e é conformada por valores, crenças, ideologias, culturas que permitem aos sujeitos ver o mundo de uma determinada maneira e não de outra, que lhes permitem ser, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Essa rede, tecido, tessitura, texto, melhor dizendo, escritura se faz corpo no corpo do sujeito, (re) velando marcas indeléveis de sua singularidade. (CORACINI, 2007, p.09).

Seguindo esses pensamentos, problematizamos nesta pesquisa, as diferentes Formações Discursivas (FDs) que compõem o discurso da mulher, da exclusão, da violência. Dessa forma, acreditamos que Celie, a partir das FDs que perpassam o seu discurso, é capaz de representar a marcas do lugar que ocupa na sociedade, apresentando aquilo que lhe é permitido, conforme veremos no capítulo III. Todavia, devemos ainda apresentar alguns elementos de suma importância para o desenvolvimento desta análise, a saber.

2.2.2-DISCURSO E IDENTIDADE

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2000, p.31).

Ao refletirmos sobre o discurso literário de Alice Walker, podemos constatar que tal é atravessado por relações de poder no interior do mundo feminino. Logo, a nossa reflexão passa a ser sobre a questão da identidade nesse contexto. Identidade essa que, ao longo de nossa existência, sofre alterações em decorrência das transformações temporais e históricas dos povos, possibilitando-nos ocupar diversas posições.

Inseridos nesse contexto, lembramos-nos das palavras Hall (2000, p. 31), ao citar que: “As formas como representamos a nós mesmos, como mulheres, homens, pais, vêm sofrendo alterações com o passar do tempo e, assim, as relações familiares também tem mudado.” São essas mudanças que contribuem para os conflitos e crises de identidade que assolam o sujeito pós-moderno.

Hall (2006, p.07) afirma que o que se tem chamado de *crise de identidade* “é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas de processos centrais das sociedades modernas e abandonando os quadros de referência”, cujos elementos davam aos indivíduos “uma ancoragem estável” na sociedade e na história. Logo, afirmamos que o sujeito é uma posição descentrada de si, determinado por fatores de ordem sócio-histórico-cultural. Ele não é origem daquilo que diz, nem mesmo sempre representa

fielmente a realidade, o oposto é o que acontece, ele é atravessado por vozes e discursos que atravessam sua existência enquanto indivíduo e é representado pelo dizer (PÊCHEUX, 1988).

Dessa forma, temos um sujeito que se torna capaz de ser um representante carregado de traços identitários que constituem o seu meio. Nessa esteira, podemos dizer que a identidade caminha junto com a história e a memória, tendo sua inscrição no real por meio da relação existente entre significado e significante.

A fim de investigarmos o movimento identitário proposto neste trabalho, nos fundamentamos nos estudos de Foucault sobre subjetividade e identidade. Ligados à questão do sujeito, cabe elucidar antes o que pensa Foucault sobre arquivo e memória.

Do arquivo, diz ser aquilo que se justifica mesmo que sua razão não seja sabida de imediato, é aquilo que pode ser dito num dado sistema de discursividades, é aquilo que faz com que os discursos se modifiquem, permaneçam, esfumem e até que desapareçam. Já a memória arquivo é a garantia da memória e, a memória é a interpretação de algo que passou, passado que se faz presente, presente que já é futuro. (FOUCAULT, 2004, p.147).

Dessa forma, podemos dizer que, para Foucault, o arquivo é responsável pela materialização dos discursos e, o discurso é o lugar em que temos o poder exercido, é também o lugar da resistência do sujeito a esse poder, resistência que se encontra prevista ou dissimulada, no próprio dispositivo do poder. Assim, a partir dessa constatação, podemos afirmar que, segundo a concepção de Michel Foucault, “o sujeito é uma construção social e discursiva em constante elaboração e transformação.” (CORACINI, 2007, p.17).

Sobre as identidades desse sujeito, Hall (2005, p. 10) apresenta três concepções, a saber:

- Sujeito do Iluminismo, definido como um indivíduo centrado, unificado, movido pela razão, consciente, cujo “centro” incidia num núcleo interior que surgia junto ao nascimento do sujeito e se desenvolvia com ele, sendo sempre idêntico a ele no decorrer de sua existência. O centro essencial desse “eu” era a identidade de uma pessoa.
- Sujeito sociológico, que traz a complexidade do mundo moderno, no qual é visível que o núcleo interior do sujeito não surge autônomo nem autossuficiente, mas sim formado pela relação com outras pessoas que lhe transmitem valores.
- Sujeito pós-moderno, que apresenta a identidade móvel e contraditória do indivíduo pós-moderno, cuja identidade não é centrada em torno de um “eu” coerente. Desse modo, na modernidade tardia, um dos aspetos que está relacionado ao seu caráter de mudança

é o processo conhecido como globalização e todo impacto que ele causou sobre a identidade cultural.

Na dada obra, temos maximizado o papel da memória que é o de organizar os fatos destacando ou relegando ao esquecimento aquilo que, respectivamente, reforça ou nega a identidade que se quer preservar. Essa identidade a ser preservada por Celie situa-se em uma versão dos fatos que, obviamente, lhe é favorável, o que não significa dizer que, se contados por outra pessoa, o sofrimento de Celie e das outras mulheres não aconteceria.

Todavia, devemos lembrar que não há identidade possível a não ser na ilusão, na promessa sempre adiada da coincidência consigo mesmo, do pertencimento imaginado (e inventado) a uma nação, a um grupo que iguala ou assemelha aqueles que são desiguais, inassimiláveis. Sabe-se que a identidade pode ser imposta, resultar de uma relação de poder, pode ser efeito de dominação: onde alguém sabe a verdade, alguém pode falar em nome do outro, responder pelo outro, dizer o outro. Diante disso, é preciso que questionemos verdades preestabelecidas que estabilizam nossa identidade, sentimento ilusório de unidade, de ser completo, mostrando-se como ela é: fragmentada, constituída pelo outro, que vai nos modificando no percurso da vida. (CORACINI, 2007).

Isso vem explicar a transformação de Celie, ao longo da narrativa, logo que foi subjetivamente constituída pelo contato com outros personagens, em especial algumas mulheres que a cercavam, indicando que ela se completou pelo “outro”. Nessa direção, afirmamos que:

O sujeito funda-se constantemente em movimentos de repetir ou romper com discurso-outro, traçando percursos de significação e produção de sentidos em deslocamentos, equívocos, deslizos, filiações e rupturas; por fim, ele persegue a ilusão do efeito de unidade e de cola entre as palavras de tantos outros e as suas próprias palavras. (ROMÃO, 2011, p. 150-151).

Para encerrar o tópico sobre a identidade, ressaltamos que ela é formada ao longo do tempo, mudando de acordo com a forma com que o sujeito é interpelado ou representado: a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela permanece sempre incompleta, sempre em processo de transformação, sempre sendo formada. (HALL, 2005, p.21- 38).

Assim, para entendermos como a identidade da mulher foi “exposta” no discurso literário de *A Cor Púrpura*, seguimos apresentando considerações sobre *A escrita de si*.

2.3 - A ESCRITA DE SI

Como conheceremos a nós mesmos, se somos constituídos por um fluxo contínuo e infinito de discursos, posições e formas-sujeitos? [...] parece humanamente impossível compreender toda a extensão dos discursos que nos constituem e acompanhar as mudanças ininterruptas que eles provocam em nosso ser. (LUZ, 2009, p.124).

A escrita de si apareceu como um “sintoma” no final do século XX, embora tenha sido exacerbada na cultura burguesa da ilustração, não surgiu como um produto moderno nascido da Reforma, nem mesmo como um produto do romantismo. Ela é, sim, uma das tradições mais antigas do Ocidente, uma tradição já bem estabelecida e profundamente enraizada, já quando Agostinho começou a escrever suas *Confissões*, em geral, citadas como o primeiro referente de uma escrita autobiográfica. (KLINGER, 2006, p. 26).

Um dos trabalhos mais conhecidos sobre o tema foi escrita por Foucault (1992), tendo como título, *A escrita de si*. Nessa, o autor aponta o duplo papel desempenhado pela correspondência na Antiguidade, ou seja, na subjetivação do discurso verdadeiro, em sua assimilação, e na objetivação da alma entendida como uma abertura de si, pois a correspondência é um texto por definição destinado ao outro que ajuda o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando tanto o destinatário quanto o remetente a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em suas vidas cotidianas, e também auxilia na avaliação do que se passa na alma e no corpo do sujeito que escreve e daquele que lê. A fórmula é a seguinte: a escrita é uma ascese com função etopoética; funciona como um operador de verdade em *ethos*.

O autor discorre também que a correspondência não deve ser encarada como simples prolongamento da prática dos *hypomnemata*, que ela trata de algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. Presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física.

Já na modernidade ocidental, a correspondência tingida pela reflexão, introspecção, interioridade e intimidade, tensiona as fronteiras exibição/contenção, presença/ausência, proximidade/distância, fala/escrita, realidade/ficção, dentro/fora. Os paradoxos das cartas são correlatos dos modos de produção de subjetividade do indivíduo moderno. Nesse sentido, elas são fontes fecundas para problematizarmos a produção de subjetividades nas sociedades

intimistas e para apontarmos a fragilidade do eu moderno dotado de coerência e unidade. Além disso, a gramática da escrita epistolar e sua peculiaridade permitem capturar instantes fugidios, processos de metamorfose pessoal, momentos em que é possível visualizar vetores que conjugam simultaneamente movimentos de desprendimentos de si e autoelaboração. (LONTA, 2011, p.94).

Ao indagarmos a respeito da escrita de si em uma obra literária como *A Cor Púrpura*, o primeiro problema a ser resolvido é: Quem é esse “si” que narra? A resposta seria, Celie, que ao escrever cartas para Deus e para sua irmã, relata fatos de seu cotidiano por não poder se expressar de outra maneira, visto que ocupa uma posição “subalterna” naquela sociedade.

Em *A Cor Púrpura*, temos uma narrativa ficcional escrita em primeira pessoa, narrada por Celie. A maneira como a dada obra foi escrita, adota um tom confessional, dando a falsa impressão de revelação e transparência. O seu estilo combina o “fantástico” e uma representação do sujeito que, ao tentar unificar suas experiências por meio da “escrita de si”, expõe traços constituintes de sua identidade.

Tal romance poderia ser caracterizado com uma interface entre o real e o ficcional, já que “o traço marcante na ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor empírico em textos que por outro lado são ficcionais”. (MORICONI, 2005).

Luz (2009, p.131) afirma que, embora exista ficcionalidade em textos autobiográficos como o diário e a confissão, estes não se confundem com os textos ditos ficcionais, que a ficcionalidade implica um esforço “narrativizador”. Sendo que, o diferenciador do texto ficcional em primeira pessoa, que muitas vezes finge ser autobiográfico, do texto propriamente autobiográfico, é a diferença no efeito almejado no leitor. O primeiro, enquanto literatura deseja oferecer possibilidades diversas de leitura; já o segundo pretende em vão, restringir ao máximo os caminhos percorridos pelo leitor.

LUZ (2009, p.124) aponta que:

Muitas pessoas diriam precipitadamente que, o próprio sujeito é a fonte mais fidedigna para contar o que viveu, que decisões tomou, que segredos escondeu ao longo da vida, em suma, ninguém melhor do que eu mesmo para saber quem sou, ou em quem me tornei. Os que assim pensam, pressupõem que haja uma verdade atingível sobre o EU, e que o portador dessa verdade seja o próprio sujeito. Não se dão conta que “as lembranças do que eu vivi” não são “aquilo que eu vivi”, mas apenas uma construção que foi tomada por verdade e cuja “verdade última” nunca será descoberta.

No texto, Celie revela uma série de fatos que considera essenciais para que o leitor possa entender sua situação. Neles, ela constrói o personagem de “si mesmo”.

Lonta (2011, p.93) afirma que na literatura de si das cartas pessoais é possível transpor o limite do que somos no espaço do “entre” e que, portanto, a literatura epistolar pode ser entendida como uma escrita de incompletude, como uma tentativa permanente de desprendimento de si e autorreconstrução incessante.

Inseridos nesse contexto, entendemos que escrever é poder mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. Entendendo por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face a face e a escrita de si surge como uma maneira de nos darmos ao olhar do qual devemos dizer a nós próprios que penetra até ao fundo do nosso coração no momento em que pensamos. E no caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as ações cotidianas às regras de uma técnica de vida. (FOUCAULT, 1992).

Dessa maneira, ao escrever sobre si, Celie se desnuda fazendo com que as mais sutis emoções, os pensamentos mais secretos, o ritmo da vida interior, tudo, enfim, o que constitui a história da intimidade de sua vida, seja miudamente analisado e confessado por ela mesma. (SILVA, 1986b, p. 772).

Baseados nos pressupostos teóricos apresentados no capítulo II, partimos agora para a análise e discussão dos recortes selecionados.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

O interesse pelo estudo da constituição da identidade na pós-modernidade leva muitos pesquisadores a apropriarem-se em seus estudos de visões antiquadas e tradicionalistas. Outros têm seu interesse voltado para questões que se dividem entre entender a sociedade em critérios de gênero, etnia, cultura e demais variantes, como também para entender a si próprios.

Neste capítulo, temos por objetivo, a partir dos recortes selecionados, buscar elementos que constituem a identidade da mulher na obra *A Cor Púrpura*. Para isso, adotamos as teorias discursivas e culturalistas: a AD francesa, em especial os empreendimentos de teóricos como de Michel Foucault e contribuições dos Estudos Culturais que nos auxiliaram indicando o contexto histórico social no qual o sujeito está inserido, visto que os discursos são atravessados por certas condições de produção que fazem com que o sujeito-enunciador busque incessantemente produzir sentido (CORACINI, 1991, p.189).

Para isso, apoiamos-nos no método arqueogenealógico de Foucault que aponta para as relações de saber-poder as microrrelações, uma vez que “[...] a partir do momento em que há uma relação do poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo estratégia precisa”. (FOUCAULT, 2005, p.241).

Ressaltamos que para a análise que se segue, devido ao amplo universo temático que se refere às questões relativas a mulher, selecionamos apenas dois eixos temáticos para serem analisados, foram eles: violência contra a mulher e racismo. Assim centrado nos eixos temáticos apresentados, procuramos construir a identidade da mulher por meio das experiências vividas pela personagem como forma de representar o grupo étnico e o gênero a que esta pertence.

Antes que a análise se inicie, devemos lembrar que na época em que se passa a história do livro, o homem negro era considerado como mercadoria, pede para ser ouvido, reage, luta, quer fazer sua história. O branco, por alguns momentos, silencia e finge não ouvir, ainda está longe de admitir, e muito mais do que isso, de render-se ao fator epidérmico que gera tal diferença. O negro, na condição de escravo, subalterno, minoritário no imaginário social americano, situado à margem, ergue-se, balbuciando, implorando por voz. (SILVA, 2008, p.129).

Ainda em caráter explanatório, reforçamos que nossa pesquisa não trata de uma análise sociológica, uma vez que, é baseado em um sujeito que só existe na ficção ou ocupa-se do texto literário e de como este aborda questões existentes em nossa sociedade.

Haja vista as considerações mencionadas, apresentamos uma sinopse da obra, bem como alguns desdobramentos da narrativa que possuem influência na constituição da identidade da mulher no dado romance.

A história de *A Cor Púrpura* começa nos anos de 1900 e estende-se até por volta de 1950, primeira metade do século XX, em uma comunidade negra dos Estados Unidos e conta a história de Celie, negra e semianalfabeta, vítima da violência da época. A narrativa é contada através de cartas que Celie escreve a Deus e mais tarde para sua irmã, Nettie.

No início da trama, a protagonista se apresenta como um boa menina de quatorze anos que por não entender o que está acontecendo com seu corpo, pede um sinal a Deus. Celie não sabia, mas estava grávida e o pai de sua criança era aquele que ela acreditava ser o seu pai. Esse homem a molestava pois sua esposa estava doente e recusava-se a manter relações com ele.

Após anos doente e cada vez mais fraca, a mãe de Celie morre e depois de sua morte, passa a ser de Celie a responsabilidade de cuidar da casa e de seus irmãos mais novos, entre eles, Nettie, a irmã por quem Celie demonstra grande afeto e proteção.

O pai arranja uma nova esposa já que está viúvo, mas mesmo assim ainda abusa de Celie, sendo que essa chega a se oferecer ao pai quando a madrasta está doente para que ele não tentasse nada com Nettie para quem o pai havia passado a olhar de maneira “estranha”.

O tempo passa, surge um pretendente para Nettie, o Sinhô, homem com a idade do pai das meninas, um viúvo com quatro filhos que procurava uma esposa para que essa pudesse assumir as responsabilidades que eram de sua esposa. O pai da garota não consente o casamento, diz que tem planos para filha e no seu lugar, oferece Celie.

Celie casa-se então com Sinhô e em sua casa é tida como uma empregada, já que é de Celie a obrigação de cuidar da casa e dos filhos de Sinhô, que são crianças desobedientes e mal-educadas e que não a respeitam. O desrespeito vinha também por parte do marido que a violentava fisicamente, sexualmente e também psicologicamente já que as palavras que dirigia a ela eram sempre de desprezo.

Nettie, irmã de Celie, continuava a morar na casa com o pai. Mas, esse passa a causar-lhe medo após a saída da irmã de casa. Assim, Nettie foge para a casa da irmã e do cunhado que a aceita em sua casa por ter interesses nela. Acreditando estar segura junto a irmã, Nettie passa a viver com eles. O Sinhô, seu cunhado, tenta por diversas vezes fazer investidas na

garota, elogia-a. Cansado, notando que não vai conseguir nada de Nettie, decide mandá-la embora de sua casa. Nettie vai e promete a Celie escrever-lhe cartas, cartas que nunca chegaram para Celie.

Impulsionada por isso, Celie escreve cartas para Deus, a única pessoa que acredita ouvi-la. Nessas, relata todos os acontecimentos de sua vida, assim como as histórias das pessoas que a cercam. Na história de Celie, cabe destacarmos duas figuras femininas que tem forte influência na vida de Celie: Sofia e Docí. A primeira delas, Sofia, é a “nora” de Celie, é casada com Harpo, filho de Sinhô. Sofia, diferente de Celie, é uma mulher que se opõe à dominância masculina, questionando por diversas vezes o comportamento passivo que a “sogra” tem. Já a segunda, Docí, é uma cantora negra que deixou a sua cidade muito cedo. Filha do reverendo, o pai não aceitava que a filha quisesse ter uma vida diferente daquela que ele pregava na igreja. Ela também era a amante de Sinhô, a mulher com a qual ele gostaria de ter se casado. Interessa-nos destacar que o Sinhô, a segunda figura repressora de Celie, que teve como a primeira seu “pai”, tem seu nome revelado somente após a chegada de Docí na história: Albert.

Albert leva Docí para morar com ele quando sabe que ela está doente e não tem ninguém para cuidar dela. Na casa, passa a ser de Celie a responsabilidade de cuidar da amante do marido, o que faz com que elas fiquem cada vez mais próximas e íntimas, sendo que Docí faz com que Celie descubra o seu corpo, passando a existir entre as duas uma relação homoafetiva. Docí é também a responsável por descobrir as cartas de Nettie que Sinhô escondia. Com as cartas, Celie descobriu um novo sentido para sua vida: descobriu que a irmã estava viva e que, por um acaso do destino, Nettie havia cuidado de seus filhos durante todos esses anos. Passaram a trocar cartas entre si e, em uma delas, Nettie fez uma revelação que mudou a vida de Celie: o homem que ela tinha como pai, na verdade era seu padrasto, o que a deixou muito confusa.

Em meio aos desdobramentos da revelação, Docí convida Celie para ir embora, ela vai. Passou a costurar calças para ocupar seu tempo, fez disso uma profissão e recuperou sua auto-estima. Durante esse tempo, soube da morte do padrasto: tudo o que era dele, casa, terras, era do pai verdadeiro de Celie, portanto dela por direito. Celie retorna à casa, abre uma loja. Com isso, sua irmã e filhos também voltam e a narrativa se encerra.

3.1 – VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A dificuldade nas relações entre homens e mulheres negros tem sua origem na sociedade dominada pelo homem branco. Dentro da sociedade, temos cristalizado o discurso de que o homem é o “chefe da casa”, o “provedor”, aquele que ele é o responsável por zelar, tomar decisões em nome de seus filhos e esposa. Se filtrarmos essa realidade para o homem negro, o que é esperado desse, é que também seja o “chefe da casa”, “o provedor”. Todavia, o homem negro, ao contrário do homem branco, foi humilhado quase que diariamente devido à cor de sua pele. Em frustração, muitos homens negros voltaram sua raiva para com as mulheres. Como nas palavras de Hooks (1992), “os negros [...] jamais foram protetores das mulheres negras. Muito pelo contrário, a violação de mulheres por homens negros era uma indicação que antes do que protetores, os negros imitavam o comportamento dos brancos.”.

A violência contra a mulher é tida como a principal violação dos direitos humanos das mulheres, é quando uma mulher sofre violência simplesmente por ser mulher. E esse tipo de violência acontece em todos os países do mundo, com mulheres de todas as classes sociais, ricas e pobres. Sendo que o que torna essa violência ainda mais cruel é o fato de que a maioria das mulheres sofre essa violência dentro de sua própria casa, a chamada violência doméstica. E muitas mulheres não denunciam a violência por medo, vergonha, por se sentirem culpadas por sofrerem agressões ou por acreditarem que isso não será capaz de mudar sua situação.⁴⁷

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a violência como problema de saúde pública desde o ano de 1996. Entre outros conteúdos incluídos em sua definição, estão aqueles ligados à intencionalidade da força física ou poder ao seu alvo, ou seja, a quem ou ao qual grupo essa força ou poder se dirige. A violência dirigida contra mulheres, adolescentes e meninas na família, nas relações de intimidade e no mundo público são tipos de violência interpessoal, sendo ainda classificadas segundo a natureza do ato (físico, psicológico ou sexual) e do vínculo ou da relação estabelecida entre perpetrador e vítima da violência. Corroborando a complexidade dessa forma de violência, o Ministério da Saúde afirma que essa pode ocorrer no âmbito familiar ou em qualquer outra relação interpessoal, salientando o estupro, os maus-tratos, o abuso sexual, perpetrada ou tolerada pelo estado e por seus agentes, e, onde quer que ocorra, deve ser objeto de estudo proposições afirmativas para sua erradicação. (PARENTE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2009, p.446-447).

⁴⁷ Paráfrase de informação publicada no site Estado do Governo do Estado de São Paulo.

Ao analisarmos as agressões sofridas por Celie, observamos como a mulher da época reagia a tais agressões. Em sua maioria, as mulheres se calavam, muitas vezes isso acontecia devido às questões e discursos já cristalizados na sociedade: a formação religiosa, por exemplo, fazia com que Celie acreditasse que o sofrimento na terra era passageiro, que devia suportar tudo calada; a formação machista levava a mulher a obedecer ao marido pelo simples fato de ser seu marido, o que significava ser seu dono.

Introduzido o eixo temático e uma breve introdução da obra para que assim melhor possamos entender a análise a feita, apresentamos agora os recortes a serem analisados.

R1 é a primeira passagem do livro, a primeira carta de Celie para Deus. Na carta, se apresenta, fala sua idade, conta que é uma boa menina. Dando sequência, relata quando o “pai” tenta manter relações com a mãe após essa ter dado a luz, sendo que essa se nega ao ato. Uma semana depois, ele repete a cena, busca de novo ter sexo com a esposa, que nega por sentir-se mal, indisposta, meio “morta”.

Com isso, o pai, desejando ter relações sexuais, aproveita que esposa sai de casa para visitar a irmã e abusa de Celie, sua filha, dizendo que ela deve fazer aquilo que sua mãe não quer. A cena de sexo é então descrita, Celie é violada, é obrigada a se acostumar com aquela violência. Vale dizer que R1 também descreve o que entendemos ser sintomas de uma gravidez, Celie estava grávida de seu “pai”. Segue o recorte:

R1- Querido Deus,

Eu tenho quatorze ano. Eu sou Eu sempre fui uma boa minina. Quem sabe o senhor pode dar um sinal preu saber o que tá contecendo comigo.

Na primavera passada, depois que o nenê Lucious chegou, eu iscutei o barulho deles. Ele tava puxando o braço dela. Ela falou, Inda é muito cedo, Fonso, eu num tô bem. Até que ele deixou ela em paz. Uma semana depois, ele foi e puxou o braço dela outra vez. Ela falou Não, eu num vou. Você num vê que já tô meio morta, e todas essas criança.

Ela foi visitar a irmã dela que é doutora em Macon. Me deixou cuidando das criança. Ele nunca teve uma palavra boa pra falar pra mim. Só falava você vai fazer o que sua mãe num quis. Primeiro ele botou a coisa dele na minha coxa e cumeçou a mexer. Depois ele agarrou meus peitinho. Depois ele impurrou a coisa dele pra dentro da minha xoxota. Quando aquilo dueu, eu gritei. Ele cumeçou a me sufocar, dizendo É melhor você calar a boca e acostumar.

Mas eu num acostumei, nunca. Agora eu fico enjuada toda vez que sou eu que tenho de cuzinhar. Minha mãe, ela fica o tempo todo encima de mim e olhando. Ela tá feiz porque ele tá bom pra ela agora. Mas muito duente pra durar muito. (sic) (WALKER, 1986, p.09-10).

Ao iniciar sua carta, Celie utiliza o vocativo “Querido Deus”: vocativo é a palavra, termo, expressão utilizada pelo falante para se dirigir ao interlocutor por meio do próprio nome, de um substantivo, adjetivo ou apelido. (SACONNI, 2008, p.258). Ao se apropriar de

tal vocativo para iniciar sua carta, o discurso de Celie expõe uma FD religiosa, sendo que com o uso desse chamamento tem o efeito de sentido de um pedido de socorro, um desabafo.

Nos enunciados que se seguem, notamos repetidamente a utilização do pronome pessoal “Eu”, “Eu tenho quatorze ano. Eu sou Eu sempre fui uma boa minina.”. Temos aqui representado o discurso da afirmação do eu, do ideal do eu; singularidade, um desejo de ser reconhecida, respeitada. Discurso da incompletude. Desejo de desprendimento de si. Devemos lembrar que tal pronome pessoal é usado para “substituir” o nome, sendo assim, seu uso cria e define um referente, Celie, mas não o “descreve” marcadamente, apenas o representa, colocando-o como um “tema”, no nível do enunciado. Nesse sentido, Celie tenta dar existência a si mesma, utilizando-se de uma referência demonstrativa anafórica direta, repetidamente, para (con)firmar sua presença, pois sempre é silenciada e nas cartas ela pode no texto se “revelar”; ser ela mesma. Tal observação leva-nos a notar as condições de produção do texto, por meio da regularidade do pronome pessoal “Eu”: uma mulher submissa, discriminada, silenciada que só pode ter vida, ser representada por meio e pela produção textual.

Em “Eu sempre fui uma boa minina”, o aspecto verbal pode ser expresso por meio do significado lexical dos verbos, o que nos permite agrupá-los em eventos, atividades e estados. Estamos diante de um valor atribuído pela autora, veiculado pelo advérbio “sempre”, que entra em ruptura com o valor associado ao verbo “fui”, que está no pretérito perfeito do indicativo, apresentando o evento como concluído: Ela foi boa, mas agora, por ser quem é, por ter passado por alguma situação adversa, não é mais. O valor atribuído ao advérbio não é compatível com o valor iterativo veiculado por “fui”. Com isso, o efeito de sentido surge como uma não-aceitação por parte de Celie da situação subalterna/submissa em que se encontra.

Ao pedir para Deus “Quem sabe o senhor pode dar um sinal preu saber o que tá contecendo comigo.”, o discurso de Celie mais uma vez expõe uma FD religiosa. Lembramos aqui que, em situações cotidianas, quando precisamos de uma “resposta divina” para que obtenhamos a solução para algum problema, é normal que peçamos aos “céus” um sinal para que nossos problemas sejam resolvidos. Visto assim, avaliamos que o “sinal” pedido seria uma resposta para entender os sintomas estranhos, transformações que seu corpo vinha sofrendo. Celie não sabia, mas, estava grávida, o que temos comprovado mais adiante no livro. Então, o que estava “contecendo” e ela não entendia, eram os sintomas decorrentes de uma gravidez inesperada e indesejada.

No enunciado que se segue, Celie escuta o “barulho deles”. A contração, “deles” em questão, se refere ao seu “pai” e a sua mãe. O pai procurava a mãe para que tivessem uma relação sexual. No entanto, há pouco, a mãe havia dado a luz, negando-se o ao ato ao dizer: “Inda é muito cedo, Fonso, eu num tô bem.” Uma semana mais tarde, o marido novamente procura a esposa e essa, como resposta, diz: “Ela falou Não, eu num vou.” No excerto, notamos o uso de algumas palavras no meio da frase escritas em letra maiúscula, essas demarcam e destacam o momento, seja pela tonicidade da voz, seja pela representação da força da expressão, enfatizando a dor, a indignação: por exemplo, no caso apresentado, o “Não” enfatiza a vontade da personagem, ela não quer “Você num vê que já tô meio morta, e todas essas criança.”, negando-se, novamente, à consumação do ato. O adjetivo usado pela mãe, “morta”, em seu uso informal, é usado para qualificar uma pessoa sem serventia, inútil. (HOUAISS, 2007). Com isso, notamos o poder e a força instituídos ao homem da época, de formação machista, que mesmo tendo consciência do estado em que a sua esposa se encontra, quer “tê-la”.

Vale observarmos que ao descrever a cena em que o pai procura a mãe, Celie usa o verbo *puxar*: “Ele tava puxando o braço dela” e “Uma semana depois, ele foi e puxou o braço dela outra vez.” O verbo *puxar*, de acordo com Ferreira (2011a, p.724), significa: “fazer sair à força”. Com isso, entendemos que o modo que o marido buscava a esposa, era violento. Continuando sua carta a Deus, Celie relata que sua mãe fora visitar uma irmã, deixando as crianças aos seus cuidados. Então, sem a presença da mãe em casa, o “pai” passa a molestá-la. Esclarecemos aqui que usamos a palavra *pai*, entre aspas, porque esse homem não era o pai biológico de Celie. No entanto, ela não tinha conhecimento disso.

No recorte R1 ainda temos o excerto: “Ele nunca teve uma palavra boa pra falar pra mim”, em que notamos uma filha que, provavelmente, só tenha ouvido palavras ásperas e sofrido maus tratos. O advérbio nunca enfatiza a ação do pai de não ter coisas agradáveis para dizer quando se dirige a ela, desconstruindo a imagem boa que se tem de um pai de família, já que o que tal enunciado vem negar uma relação de pai e filha: o efeito de sentido é de que esse pai não a considerava como filha, de quem é esperado carinho e atenção de pai/protetor. Celie passa a servi-lo sexualmente, como esperado da esposa, mulher, sendo que o pai por ter/estar com o poder, aquele que manda na casa, obriga-a a consumir tais atos.

Nos enunciados que se seguem, temos descrita uma cena de sexo: as palavras “coisa”, “peitinho” e “xoxota” remetem ao que pode vir a ser considerado um estupro, abuso sexual, já que o ato não acontecera de comum acordo entre as partes, o que pode ser notado pela repetição do pronome pessoal “ele”, trazendo à tona uma formação machista: “Primeiro ele

botou a coisa dele na minha coxa e começou a mexer. Depois ele agarrou meus peitinho. Depois ele impurrou a coisa dele pra dentro da minha xoxota.”. Visto assim, o sujeito praticava a ação por decisão dele somente “ele”. A partir do uso desse pronome, o nome do agressor não é citado e isso pode ser interpretado como uma repugnância a sua pessoa: não chamá-lo pelo nome cria um certo distanciamento.

Ao dizer “Quando aquilo dueu, eu gritei” e logo em seguida, “Ele começou a me sufocar, dizendo É melhor você calar a boca e acostumar.”, é possível notar o surgimento de uma imagem feminina subalterna e submissa que talvez não tenha como se desvencilhar de seu agressor. Para Guha (1988) e Spivak (1988), subalterno refere-se a grupos marginalizados; grupos que não possuem voz ou representatividade, em decorrência de seu *status* social. Ou seja, Celie, deve calar-se por ser mulher, negra, pobre, por ser a parte mais fraca da relação.

Os itens lexicais “calar a boca” e “sufocar” nos remetem ao silenciamento: para Orlandi (2007, p.68), “o silêncio não é vazio, ou sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do “vazio” da linguagem como um *horizonte* e não como um *falta*”, ou seja, do silêncio surgem interpretações.

No enunciado “É melhor você calar a boca e acostumar. Mas eu num acostumei, nunca.”, ao apropriar-se do uso do verbo “acostumar”, que de acordo com Houaiss (2007), significa “agir de determinada maneira, com regularidade ou frequência”, temos o verbo com o seu sentido modificado pois é acompanhado por “Mas”, “num”, “nunca”, que significam/emergem o sentido de resistência: “em nenhuma circunstância”. O “nunca”, advérbio negativo que faz menção temporal, qualifica a ação do verbo, funcionando como um asseverativo ou um modalizador epistêmico: expressão a avaliação que passa pelo conhecimento do falante. (NEVES, 2000, p. 245). Ou seja, ao dizer: “num acostumei nunca”, a resistência de Celie é exposta, ela não aceita a situação que começou no passado e que se manteve com certa regularidade durante muito tempo.

Continuando a análise dos enunciados, encontramos descrito o que Celie sente toda vez que tem que cozinhar: “Agora eu fico enjuada toda vez que sou eu que tenho de cuzinhar.”. O fato de ficar “enjuada” ao cozinhar pode ser considerado como um sintoma de sua gravidez, desconhecida por ela, mas que talvez a mãe suspeitasse, porque Celie relata: “Minha mãe, ela fica o tempo todo encima de mim e olhando.”. Ao dizer que a mãe fica “o tempo todo encima olhando”, avaliamos que, por desconfiar de algo da filha, a mãe havia passado a vigia-la. Em concordância com o contexto apresentado, é provável que mãe suspeitasse da relação que o marido estava tendo com a filha. Todavia, não fez nada para que

a situação mudasse, parecia conformada embora demonstrasse preocupação: “Ela tá feliz porque ele tá bom pra ela agora. Mas muito duente pra durar muito.” A mãe de Celie que antes se qualificava como uma pessoa “morta”, que tem o efeito de sentido de pessoa triste, passa, aos olhos da filha Celie, a ser “feliz”, isso porque “agora”, o marido estava bom para ela, a tratava bem, indicando que antes não o fazia. Não obstante, e a conjunção adversativa “mas” indica isso, a mãe estar feliz no momento já não tinha tanta importância, visto que estava muito “duente” para “durar muito”, o que em outras palavras significa dizer que a mãe estava próxima da morte.

Em R1, encontramos também elementos que Foucault (1992) citou em sua obra, por exemplo, ao escrever, Celie o faz sobre aquilo que a incomoda, tem vergonha. Na dada situação, tem vergonha de sua vida, dos abusos que sofre, sente-se humilhada por isso. Então, o fato de se escrever faz-se seu “companheiro”, sua confissão, seu desabafo, revela movimentos de sua alma.

Um desabafo pressupõe que a vida da pessoa seja por ela contada, uma autobiografia. Logo, Celie irá expor fatos de sua vida, não por causa dos acontecimentos que teriam podido marcá-la, mas justamente na medida em que ele nada tem para deixar de ser igual a todos os outros. Todavia, não podemos esquecer-nos das palavras de Melo (1992. p.31) quando diz que não há motivo para uma autobiografia se não houver uma intervenção na existência anterior do indivíduo, em outras palavras, deve haver uma mudança nos comportamentos, na identidade do sujeito. Assim, damos continuidade a nossa análise, observando, atentos, as mudanças a ocorrer no comportamento de Celie.

Finalizada a análise desse recorte, já encontramos características que constituem a identidade da mulher. Por ora, afirmamos que a submissão da mulher é a que tem mais relevância até o dado momento. Seguimos agora com comentários referentes ao R2.

Os eventos que precedem ao ocorrido em R2 são de grande relevância para o desenvolvimento da triste trajetória de Celie, pois marcam para sempre a sua vida. Um desses eventos é a morte de sua mãe que morre gritando e praguejando a filha pelo fato de ter ficado grávida.

Vale dizer que Celie teve dois filhos, primeiro uma menina, que ela acreditava ter sido morta no bosque, e depois um menino, que ela acreditava ter sido vendido para um casal em Monticello. O pai das crianças, o violador de Celie, seu “pai”, levou as crianças dela, daí as suspeitas contra ele no que se referem aos desaparecimentos dos filhos de Celie. Decorrente dos abusos sofridos pelo pai, Celie ficou estéril, o que em parte era “vantagem” para seu violador, visto que ele não corria mais riscos.

O recorte que se segue é parte de uma carta de Celie para Deus. Nele, ela relata que após voltar do culto, seu pai a espanca, justificando tal atitude por ela ter piscado para um rapaz dentro da igreja. Todavia, Celie afirma nas cartas a Deus que não olha para os homens, só olha para mulheres, já que das mulheres ela não tem medo.

R2 - Querido Deus,

Ele me bateu hoje porque disse que eu pisquei prum rapaz na igreja. Eu podia tá com uma coisa no olho, mas eu num pisquei. Eu nem olho pros homem. Essa que é a verdade. Eu olho pras mulher, sim, porque num tenho medo delas. Talvez porque minha mãe me botou maldição. (sic) (WALKER, 1986, p.14).

A carta é iniciada com o vocativo, “Querido Deus”, o que nos remete à FD religiosa muito presente nas cartas de Celie. Com o uso do vocativo, avaliamos, mais uma vez, que emerge desse discurso feminino um pedido de socorro, um clamor a Deus para que possa ser salva, ser tirada da situação na qual se encontra.

Após o uso do vocativo, Celie descreve o acontecido: “[...] Ele me bateu hoje porque disse que eu pisquei prum rapaz na igreja.”, observamos que o pronome pessoal “ele”, escrito com letra maiúscula, tem o efeito de sentido de respeito atribuído ao homem da época, ou seja, refere-se ao medo que ela sentia dele. E medo é um sentimento, estado afetivo suscitado pela consciência do perigo que o objeto do medo causa. (HOUAISS, 2007).

Um estudo clássico sobre o assunto “medo” foi apresentado no texto *O pequeno Hans*, escrito em 1909 por Sigmund Freud, o pai da psicanálise. Ao teorizar sobre essa sua experiência prática, Freud firmou uma convicção entre os psicanalistas: a de que toda e qualquer fobia é manifestação de uma angústia mais profunda, muitas vezes sem relação aparente com o objeto do medo. Sendo assim, podemos entender que o medo que Celie tinha era decorrente da manifestação da angústia que sentia por ser diariamente violentada por um homem que, na verdade, deveria protegê-la.

No excerto, observamos também que em nenhum momento, assim como acontece em R1, o nome do agressor é citado: o pronome “ele” sempre o substitui, como se com isso Celie buscasse um maior afastamento daquele que a agredia.

Depois de exposta a agressão por meio da carta, Celie se justifica sobre o que pode ter acontecido: “Eu podia tá com uma coisa no olho, mas eu num pisquei.”. O uso do verbo “poder”, em seu sentido de “ter a probabilidade de”, conforme Ferreira (2011a, p.691), traz o efeito de sentido de que Celie quis justificar que sim, tinha a possibilidade de ter piscado, pois poderia ter em seus olhos algo que a estivesse incomodando naquele momento. E com o uso

da conjunção “mas” em “mas num tinha piscado”, temos constatado que realmente ela não teria piscado para o rapaz. Acrescentamos também que o “mas” carrega sempre um argumento de certeza (ORLANDI, 1988), logo, ao se apropriar dele, Celie tinha convicção de que tal situação não havia ocorrido.

Ao justificar-se, acrescenta ainda: “Eu nem olho pros homem. Essa que é a verdade. Eu olho pras mulher, sim, porque num tenho medo delas”. A verdade mencionada por Celie, ou seja, o fato de que “dos homens ela tem medo, das mulheres não”, surge como uma denúncia devido à situação em que se encontra: seu agressor é masculino, é o homem que a molesta, abusa de sua condição e corrompe sua integridade. Assim, ela denuncia a todos os homens a “culpa”, ou seja, a capacidade dos homens terem tal atitude e o fato de as mulheres negras serem sempre vítimas de maus tratos, estabelecendo uma relação de homem *versus* mulher: a relação dominante *versus* dominado.

É interessante notarmos algo que Celie silencia em sua fala: na primeira vez que seu interesse por mulheres é declarado, embora ela considere isso como uma maldição de sua mãe que morreu praguejando contra ela, somente mais tarde isso é revelado e concretizado, a partir da relação homoafetiva que Celie manterá com Docí, personagem que aparece somente anos depois na narrativa do romance. No entanto, destacamos que Celie não poderia revelar que se sentia atraída pelo sexo feminino, pois isso iria contra costumes e comportamentos morais e sociais da época. Nessa esteira, trazemos uma explicação em Orlandi (2007, p.73) que afirma que “A relação dito/ não-dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos o “poder-dizer”. Pensando nessa “escrita de si” em relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer testado pelo discurso.”. Assim, Celie não “podia-dizer” sobre a sua preferência sexual porque o contexto sócio-histórico vivido por ela não permitia tal revelação.

Dando sequência à análise, apresentamos o recorte R3, que foi retirado de uma carta de Celie para Deus, onde relata mais um abuso praticado por seu pai. É importante citar, para que se compreenda a situação que, após a morte da mãe de Celie, seu “pai” casa-se novamente: “Ele veio pra casa com uma moça dos lado de Gray. Ela é da minha idade mas eles se casaram.” (sic) (WALKER, 1986, p.13). A moça, a nova esposa do “pai” de Celie, era chamada de a “nova mamãe”, visto que ocupou o lugar da mãe das crianças que havia falecido.

Todavia, apesar de possuir um novo relacionamento, o pai continua a manter relações sexuais com Celie e passa a olhar Nettie com olhos de quem deseja “possuir” a pessoa. Mas Celie a protegia, como exposto em suas próprias palavras: “[...] eu falei que vou tomar conta

dela. Cum ajuda de Deus.”. (sic) (WALKER, 1986, p.12). Cita ainda: “Tem vez que ele inda fica olhando pra Nettie, mas eu sempre atrapalho ele.” (sic) (WALKER, 1986, p.14).

E a proteção de Celie exigia que ela se “oferecesse” ao pai para que esse não abusasse de Nettie. A “nova mamãe” estava enferma, não podia atender as necessidades de seu marido, logo, ele precisaria de alguém que pudesse satisfazê-lo. De acordo com Rapucci (2011, p.69), o sistema patriarcal impõe pontos de vista e valores masculinos à imagem da mulher. Assim, a mulher pode ser vista com sendo sua “propriedade”, alguém que existe para servir as suas necessidades sexuais, sua prostituta profana. O homem que espera gratificação sexual por parte de sua mulher, como se constituísse um direito dele e obrigação dela, consciente ou inconscientemente, vê a mulher como sua prostituta.

Trazemos R3 como prova desse comportamento:

R3 - Querido Deus,

Quando nossa nova mamãe tava duente eu pedi pra ele me pegar invés da Nettie. Mas ele só perguntou de queu tava falando. Eu falei pra ele queu podia me arrumar pra ele. Eu infiei no meu quarto e voltei usando rabo de cavalo, pena, e um par dos sapatos de salto alto da nossa nova mamãe. Ele me bateu porque eu visti como vagabunda, mas fez comigo de toda maneira. (sic) (WALKER, 1986, p.17).

A carta, que se inicia com o vocativo “Querido Deus”, como explanado anteriormente, traz uma nova agressão: “Quando nossa nova mamãe tava duente eu pedi pra ele me pegar invés da Nettie”. Aqui Celie se passa/se vê pelo outro, a “nova mamãe” para preservar a integridade da irmã; assumindo o papel de mãe, acredita que tem que fazer aquilo que a “nova mamãe” não pode, assim como lhe havia sido imposto em R1 quando a sua verdadeira mãe estava doente e o “pai” lhe obriga a manter relações sexuais com ele.

É possível observamos que o enunciado R3, diferentemente de R2, traz o pronome “ele” escrito com letra minúscula: “[...] ele me pegar”, “[...] ele só perguntou” e “Eu falei pra ele queu podia me arrumar pra ele”, num lapso, ou num demonstrativo de que esse homem já não mais lhe causava tanto medo como antes, isto é, que por mais que ela não tivesse aceitado ou esquecido as agressões, paradoxalmente elas já faziam parte de seu cotidiano.

Os verbos que Celie usa ao se oferecer ao pai: “[...] me pegar. [...] me arrumar.”, produzem o efeito de sentido de que ela era tida com um objeto de satisfação do homem; o emprego dos dados verbos, ao contrário de outros, camuflam a referência a uma pessoa, mas traz a ideia de uma coisa/objeto. Também a maneira como a menina se enfeitou para mostrar-se ao pai é descrita: “usando rabo de cavalo, pena, e um par dos sapatos de salto alto”. Tais elementos seriam capazes de transformar uma mulher fisicamente, deixando-a sexualmente

atrativa, sensual, chamando a atenção do homem. Nessa direção, num primeiro momento, ao observarmos a reação do pai, somos levados a crer que ele se mostra “ofendido” ao ver a filha vestida daquela maneira, já que sua reação foi a de espancar a filha: “Ele me bateu porque eu vi como vagabunda”. Podemos considerar que ele avaliou a atitude de Celie como negativa, pois, “bater”, “vestir-se como”, acompanhado do emprego do item lexical “vagabunda”, cujo sentido advindo do seu uso coloquial significa vadia, “mulher da vida”, a prostituta, surge contrário à formação discursiva religiosa, remetendo a conceitos já firmados pela sociedade machista do que seja uma mulher que não “vale nada”.

Em seu sentido cristalizado, a prostituição é um ato no qual a cópula sexual ocorre por dinheiro, a pessoa que o faz, vende o seu corpo. De quem pratica a prostituição, diz-se, desonrado, rebaixado moralmente, sujo, uma pessoa que não mais tem um lugar “decente” na sociedade. No entanto, notamos que Celie se vê pelo outro, “como” uma vagabunda, somente para que pudesse satisfazer o homem (pai), acreditando que uma prostituta seria capaz de realizar suas vontades, não que tinha aquilo como certo, mas o tinha que fazer para proteger a irmã já que a “nova mamãe” não podia. Porém, apesar da “correção” do pai, problematizamos que outros efeitos de sentidos podem vir à tona já que: “Ele me bateu [...] mas fez comigo de toda maneira.”, ou seja, apesar de ter espancado a filha, castigado-a, também foi atraído por sua atitude. Aqui, “toda maneira” ganha destaque, visto que o sexo com uma prostituta acontece dessa forma, isso tanto no sentido de posições sexuais, quanto à situação na qual o ato vem a ocorrer, com ou sem a vontade de quem está vendendo o seu corpo.

Apropriados do conceito de família, caracterizada por ser o lugar onde gêneros e gerações se encontram, essa possui funções quanto à assistência, promoção de valores, educação e proteção aos seus membros. (MAURÁS; KAYAYAN, 1998). Logo, o homem como o pai da família é aquele que ensina, educa e protege. Contudo, na situação descrita, o conceito de pai é deslocado, de protetor passa a ser violentador. Isso porque, além de violentar fisicamente a filha, que num primeiro momento poderíamos considerar como uma “punição” (por estar tendo um comportamento inadequado), após o momento da punição, o pai mantém relações sexuais com a menina. No exemplo, a FD da família, que atravessa o discurso em pauta, é desconstruída em sua totalidade, uma vez que o pai, ao invés de proteger, é aquele que viola a integridade da filha, expondo-a a uma situação inaceitável.

Antes de prosseguir com a análise de R4, informamos a entrada de um novo personagem: Sinhô (Albert), um viúvo com três filhos que busca uma mulher com quem possa se casar e assumir o papel de mãe de suas crianças e que corteja Nettie.

Inicialmente, Celie entende que o casamento da irmã com o pretendente não seria uma boa ideia, já que o Sinhô tinha muitos filhos: “Vou dizer pra Nettie ficar com os livro dela. É preciso mais do que juízo pra cuidar de criança que num é nem da gente.” (sic) (WALKER, 1986, p.13). Mas depois muda de pensamento, vendo o casamento como uma oportunidade de Nettie não ser mais uma vítima do pai. Todavia, o “pai” não permite tal casamento, justificando-se: “[...] ela tá muito nova, num tem ixperiência.”. (sic) (WALKER, 1986, p.15).

Além disso, o “pai” mencionou como desculpa o escândalo provocado pela morte da esposa de Sinhô, assassinada pelo namorado quando voltava da igreja e, também, sua história com Docí Avery, a amante, fatos esses que causavam muitos comentários na cidade, o que não era agradável.

No entanto, o pretendente é insistente com o pai da possível noiva, não desiste mesmo ele respondendo negativamente à sua primeira tentativa; visitando família em uma outra oportunidade, insiste no casamento, mas tem seu pedido novamente negado, já que dessa vez o pai mobiliza uma nova justificativa: “[...] eu quero que ela fique mais na escola. Quero fazer uma professora dela.” (sic) (WALKER, 1986, p.18).

O pai, por possuir “segundas intenções” em relação à Nettie, e sabendo que com a presença de Celie na casa nada poderia acontecer entre Nettie e ele, oferece Celie para o homem, descrevendo diversas “qualidades” da garota e encorajando-o a se casar com ela:

Mas eu posso deixar o senhor levar a Celie. Ele é mais velha mesmo. Ela precisa casar primeiro. Ela também num é mocinha, eu acho que o senhor sabe disso. Ela já foi manchada. Duas vezes. Mas o senhor também num precisa de uma mocinha. Eu mesmo peguei uma mocinha e ela tá o tempo todo duente. (sic) (WALKER, 1986, p.18).

Diz ainda que Celie não estranhava o trabalho duro, era limpa e que ele poderia fazer o que quisesse com ela que Celie não mais poderia engravidar, acrescentando: “A verdade, [...], é que eu tenho que e livrar dela. Ela é muito velha pra tá vivendo aqui na casa. E é má influência pra minhas outras minina. Ela leva a roupa dela. Ela pode levar aquela vaca que ela tá criando lá atrás do celeiro.” (sic) (WALKER, 1986, p.18).

Nesse “negócio” que o pai oferece ao Sinhô (usamos a palavra negócio por entendermos que Celie era objeto de barganha dos dois homens), a filha é tão desvalorizada que ele chega a afirmar que ela levará sua própria roupa e poderá também levar a vaca que cria, em outras palavras, avaliamos que o pai quer dizer que o futuro-marido não terá que

gastar comprando roupas para vestir a esposa e usa a vaca como se fosse um “bônus”, um dote para que o casamento com Celie fosse aceito, deixando Nettie livre do compromisso.

O Sinhô demorou a tomar a decisão de levar Celie (a primavera toda, de março a junho) até que resolveu levá-la; decidiu isso somente quando a mulher que o ajudava em casa saiu e sua mãe já não aguentava mais cuidar de sua casa e filhos. Voltou à casa de Celie, pediu para “olhá-la”, certificando-se do que havia sido oferecido na proposta: “A vaca vem mesmo?”. (sic) (WALKER, 1986, p.21).

Sinhô levou-a, e no dia do casamento Celie descobre que, ao invés de três filhos, ele tinha quatro rebentos, na verdade: dois meninos e duas meninas, dos quais Celie passa a tomar conta. Ela passa também a conviver com as cunhadas, irmãs de Sinhô, que aelogiam por ter colocado a casa em ordem, comparando-a com a finada esposa. As cunhadas afirmam, ainda, que a falecida havia sofrido muito porque o marido passava dias e dias fora de casa para ficar na companhia da amante Docí.

A realidade de Celie na casa de Sinhô não era fácil, seu marido a violentava, espancava-a sem ter motivos, e sexualmente falando, a tratava como um nada (R6, mais adiante, revela essa situação). Além disso, seus filhos não a respeitavam, não a tinham como uma mãe.

Um dia, Harpo, enteado de Celie, questiona o pai sobre o motivo que o leva a maltratar a esposa. O Sinhô responde: “[...] ela é minha mulher. Depois, ela é teimosa.”. Então Harpo pergunta a Celie: “Por que você é teimosa?”, ela responde: “[...] Eu nasci assim [...].” (sic) (WALKER, 1986, p.33). Trazemos agora o recorte:

R4- Ele bate em mim como bate nas criança. Só que nas criança ele nunca bate muito forte. Ele fala, Celie, pega o cinto. As criança fica lá for olhando pelas fresta. Tudo o queu posso fazer é num gritar. Eu fico que nem tábua. Eu falo pra mim mesma, Celie, você é uma árvore. É por isso queu sei que as árvore têm medo dos homem. (sic) (WALKER, 1986, p.33).

No excerto, em que Celie faz uma comparação: “Ele bate em mim como bate nas criança.”, o uso da conjunção comparativa “como” por Celie para se comparar com as crianças, produz o efeito de sentido de que ela se vê pelas crianças: o “outro” que apanha como ela. A utilização da conjunção funciona como elemento coesivo de articulação de um sentido para o outro: bate nela como bate nas crianças; essa materialidade linguística revela que ela é como uma criança, ou seja, estouvada, de pouco juízo, incapaz. A condição dada no discurso de ser incapaz, e não ser criança, carrega o sentido de que Celie não tem capacidade

de “cuidar” de si mesma. Esse sentido do discurso traz dizeres ligados a uma FD de submissão, mesmo que de forma não declarada, que faz referência a um discurso machista.

Dando sequência, em R4 temos ainda declarada a intensidade da agressão, ao comparar a sua “surra” com a das crianças, dizendo que “[...] nas criança ele nunca bate muito forte”. Ao usar o advérbio “nunca”, modificador do adjetivo “forte”, o discurso de Celie silencia que nela a agressão é ainda maior. Quando vai apanhar, é a própria vítima quem pega o objeto da agressão: “Ele fala, Celie, pega o cinto.”. O verbo “pegar” conjugado em sua forma imperativa indica uma ordem, o marido é quem dá as ordens, comanda, tem o poder, mais uma vez surge nas relações de poder a situação dominante *versus* dominado.

Ainda em R4 observamos Celie sendo ridicularizada na frente de seus enteados, “As criança fica lá for olhando pelas fresta.”, o que é indicado pela expressão grifada (ao apanhar, é observada pelas frestas da casa). Celie não grita: aqui o verbo *gritar* surge como um clamor por ajuda. Na verdade, o que acontece é que para suportar a situação, Celie se coisifica, compara-se a uma árvore: “Eu falo pra mim mesma, Celie, você é uma árvore. É por isso queu sei que as árvore têm medo dos homem.”

Celie representa-se como um objeto. Ela é um objeto que foi vendido, “barganhando” e assim se comporta, não demonstra sentimentos: a árvore é vegetal, não pode mover-se, enfrenta todo tipo de adversidades ali, “parada”, sem poder fazer nada. Celie vê-se enfrentando os maus tratos sem que nada fosse feito a respeito. Ao dizer que “as árvores tem medo dos homens”, temos presente também o discurso do meio-ambiente, daquele que é politicamente correto para com a natureza, ou seja, os homens maltratam a natureza.

Seguimos agora com comentários sobre o próximo recorte, R5.

Harpo, filho de Sinhô, casou-se com Sofia, mulher que tinha comportamentos muito diferentes das mulheres da época, ela não aceitava maus tratos (em R8 discorreremos detalhadamente sobre Sofia). Celie e Sofia tornaram-se boas amigas, sempre estavam juntas. Porém, um dia, Celie traiu Sofia, já que aconselhou Harpo a bater na esposa: embora tenha se arrependido de ter dado tal conselho pois já não conseguia dormir: ficou com a consciência pesada, rezou para Sofia não descobrir, mas ela descobriu, Harpo contou.

Sofia então foi tirar satisfação com Celie que quando indagada sobre, disse que tinha inveja de Sofia: inveja porque ela brigava, não aceitava ordens de seu marido, nem aceitava ser violentada por ele. A conversa foi gerando outros assuntos e Sofia comparou Celie com sua mãe:

[...] você me faz lembrar minha mãe. Ela tá debaixo do polegar do meu pai. Não, ela ta debaixo do pé do meu pai. Tudo que ele diz, ela faz. Ela nunca responde. Ela

nunca se defende. Tenta às vezes defender um pouco as criança, mas isso sempre sai pela culatra. Quanto mais ela defende a gente, mais duro ele bate nela.

Com isso, Celie afirmou que nunca havia batido em nada que tinha vida; Sofia, assustada, pergunta então o que ela fazia quando sentia raiva de algo ou alguém, a resposta foi:

R5 - Eu pensei, Eu nem posso me lembrar da ultima vez que fiquei com raiva, eu falei. Eu costumava ficar com raiva da minha mãe porque ela dava muito trabalho preu fazer. Depois eu vi que ela tava muito duente. Num podia mais ficar com raiva dela. Num podia ficar com raiva do meu pai porque ele era meu pai. A Bíblia fala, Honra seu pai e sua mãe num importa o que. Então, depois de um tempo, toda vez queu ficava com raiva, ou começava a ficar com raiva, eu ficava doente. Tinha vontade de vomitar. Era horrível. Então. Eu comecei a num sentir mais nada. [...]

Bom, tem vez que o Sinhô me bate muito mesmo. Eu tenho que me queixar ao Criador. Mas ele é meu marido. Eu deixo pra lá. Essa vida logo acaba, eu falo. O céu dura pra sempre. (sic) (WALKER, 1986, p.54).

O primeiro excerto de R5, “Eu pensei, Eu nem posso me lembrar da ultima vez que fiquei com raiva, eu falei. Eu costumava ficar com raiva da minha mãe porque ela dava muito trabalho preu fazer. Depois eu vi que ela tava muito duente. Num podia mais ficar com raiva dela. Num podia ficar com raiva do meu pai porque ele era meu pai.”, expõe o desejo de Celie de se ver como uma pessoa de bem, a boa moça, por meio do discurso da obediência e respeito às leis e regras, conforme prega a bíblia. Destacamos o uso do verbo *poder* com o sentido de dever, obrigação, Assim, Celie tinha o dever de não ter raiva de seus pais pelo simples fato do casal ser sua família. Temos, então, presente a FD da família, da moral, da ordem.

A FD religiosa que observamos estar sempre presente no discurso de Celie, surge também em R5: “A Bíblia fala, Honra seu pai e sua mãe num importa o que”. Um dos 10 Mandamentos presentes na Bíblia, no Livro do *Êxodo 20:1*, é citado, mais precisamente, o 5º Mandamento: “honrar a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá”.

Tem destaque no excerto o substantivo feminino “honra”, “princípio ético que leva alguém a ter uma conduta proba, virtuosa, corajosa, e que lhe permite gozar de bom conceito junto à sociedade.” (HOUAISS, 2007). O substantivo é escrito com letra maiúscula, tem destaque, o que indica que Celie dava muita importância para a “Honra”. Logo, entendemos que o seu desejo era agir bem, de forma correta, para que a sociedade a visse com bons olhos. Como a raiva lhe trouxesse más sensações, Celie procurava evitá-la: “[...] toda vez queu ficava com raiva, ou começava a ficar com raiva, eu ficava *doente*. Tinha vontade de vomitar. Era horrível. Então. Eu comecei a num sentir mais nada. [...]” Temos no enunciado um

exemplo de causa e consequência: quando ficava com “raiva”, atraía a doença, tinha vontade de “vumitar”, então, quando resiste a “raiva”, não sente mais “nada”.

A raiva de Celie aparece ainda no excerto a seguir, mas logo desaparece: “Bom, tem vez que o Sinhô me bate muito mesmo. Eu tenho que me queixar ao Criador. Mas ele é meu marido. Eu deixo pra lá.” O pronome de tratamento “Sinhô”, do latim *senior*, -*oris*, mais velho, é um pronome de tratamento usado para aqueles com que se tem respeito. Ou seja, aqui o agressor ainda possuía “honra”, era visto como indivíduo “distinto”. Consideramos que essa diferença surge mais acentuadamente quando ela utiliza o pronome pessoal “ele”.

A pessoa para quem Celie deveria fazer reclamações contra o marido é apresentada, o Criador, Deus. Todavia, ao utilizar a conjunção adversativa “mas”, ela quebra essa expectativa: o homem que a agride é seu marido, seu dono, expresso por meio do pronome possessivo “meu”, indicativo de posse; por isso, ela “deixa pra lá”, prefere não reclamar a Deus, sobretudo por acreditar que: “Essa vida logo acaba [...] O céu dura pra sempre.”. Aqui mais uma vez uma formação discursiva religiosa advinda do texto bíblico atravessa o discurso literário. É válido aqui citarmos que o que a Igreja prescreve é que a vida na terra é passageira, que no céu, na presença de Deus, o Criador, gozaremos de vida eterna se agirmos da forma correta, com honra.

Assim, o recorte R5 inserido em uma FD do discurso religioso, que prescreve a bondade e o perdão independente do pecado, em especial para Celie, já que a mesma perdoa as pessoas que a fizeram mal devido a sua forte convicção religiosa, o que comprovamos com um trecho da obra: “Toda minha vida eu nunca me importei com que as pessoas pensavam de coisa alguma que eu fizesse [...]. Mas no fundo do meu coração eu me importava com Deus. O que ele ia pensar.” Todavia, transparece que Celie tem raiva das agressões que sofre por parte de seu marido. No entanto, como ele é seu marido, e a vida na terra é passageira, pois no céu é que teremos vida eterna, ela resiste, tornando-se um “nada”.

Nesse recorte, em especial, embora nos outros a escrita de si também tenha destaque, Celie ao escrever, esteja se “purificando”, visto que Foucault (1992) traz que a confissão, seja ela oral ou escrita, tem esse poder, tendo que os primeiros indícios da escrita de si tem relação direta com o discurso religioso.

Prosseguindo, é necessário conhecermos, para que se compreenda a avaliação realizada, a relação existente entre Celie e Docí, personagem já citada em outros recortes. Docí era cantora, o grande amor da vida de Sinhô: com ele, ela tinha tido três filhos que haviam sido criados pelos avós maternos, já que ela era uma “mulher do mundo” (esclarecemos que o uso dessa expressão não implica dizer que ela era uma prostituta, mas

que ela era uma mulher que não se encaixava nos padrões estabelecidos de mãe e dona de casa) já que gostava de beber, sair à noite e seu sonho era ser cantora. Vale dizer que seu pai, o reverendo da cidade, não aceitava esse comportamento, tendo expulsado a filha de casa. O comportamento de Docí incomodava outras pessoas também, como o pai de Sinhô, que nunca permitiu que o filho se casasse com a amada, o que não impediu que se tornassem amantes.

Celie soube da existência de Docí, antes de casar com o Sinhô, quando ainda negociavam o casamento de Nettie com ele. Na primeira vez que ouviu falar de Docí ficou curiosa e quis saber mais sobre a mulher. A “nova mamãe” relatou o que sabia e ainda arrumou uma foto para Celie que se encantou com a beleza ali estampada: “Docí Avery era uma mulher. A mais linda que já vi. Ela é mais bonita que minha mamãe. Ela é dez mil vezes mais bonita que eu. Eu vejo ela lá dentro do casado de pele. O rosto dela vermelho. O cabelo dela parece uma coisa!”. (sic) (WALKER, 1986, p.15).

Destacamos aqui que o encantamento de Celie pela mulher do retrato coincide com o fato de ela não temer as mulheres e ver naquela mulher um alguém diferente de si, a mulher que ela, talvez, desejasse ser. E essa mulher desconhecida fez parte da vida de Celie mesmo quando essa nunca havia lhe visto pessoalmente: na sua primeira noite e de Sinhô, ficou imaginando que Docí devia gostar muito de ter sexo com ele.

Vale dizer que a situação na qual se conheceram não foi nada agradável, muito menos convencional. O Sinhô, Albert (nome que já citamos, mas que na narrativa é somente revelado quando Docí surge) não hesitou em levá-la para morar em sua casa, por ocasião de sua doença, a fim de que fosse assistida por Celie.

Inicialmente, Celie sentia-se incomodada com a presença da amante do marido em sua casa, porém, o seu bom coração e também o fato de desejar ser vista com bons olhos por todos (respeitava os dogmas religiosos que faziam parte de sua formação, o “querer bem seu próximo”) fez com que cuidasse de Docí debilitada naquele momento: era Celie quem dava banho em Docí pois Sinhô tinha vergonha, era ela também que se preocupava com a alimentação, lavava os cabelos, penteava, mimava como se fosse uma boneca.

Com os cuidados destinados a ela, Docí foi se recuperando aos poucos. Com o tempo, sentiu vontade de voltar a cantar e foi se apresentar no bar de Harpo; em sua primeira apresentação no estabelecimento, homenageou Celie, Dona Celie: era a responsável por sua recuperação.

A convivência das duas fez com que se tornassem amigas, no sentido fraternal: Celie tinha uma amiga, alguém para conversar. Docí foi a responsável por entregar a Celie todas as cartas que Nettie havia lhe enviado ao longo dos anos, mas que Sinhô escondia. Mais tarde,

Docí fez com que Celie “se descobrisse, se desnudasse”. Na verdade, o que Docí trouxe para a Celie, foi a possibilidade de se conhecer melhor, de mergulhar em um “novo mundo” onde não existia só violência, havia amor. Docí ensinou Celie a viver, a querer ter uma vida diferente, apresentou uma outra vida por meio das cartas de Nettie, que fez chegar até as suas mãos. Além de fazer com que Celie descobrisse a si e a seu corpo, ensinou-a a ter prazer: passaram a se envolver num gostar que ia muito além da amizade inicial, ou seja, envolvia corpo, desejo. Todavia, Docí sempre foi uma mulher “livre”, não se prendia a Celie, nem deixava de ter outros relacionamentos, além do envolvimento com o Sinhô.

Em relação a esse, tinham opiniões bem diferentes em relação ao sexo, Docí dizia que gostava do cheiro, adorava e gostava se deitar com ele, já Celie dizia que não gostava de jeito nenhum, e descrevia o sexo entre eles de forma negativa:

R6- Ele trepa encima da gente, levanta a camisola até a cintura, infia. Na maioria das vezes eu fico imaginando que num to lá. Ele nunca repara a diferença. Nunca me pergunta como eu me sinto, nada. Só faz o negócio dele, sai, vai dormir. (sic) (WALKER, 1986, p.92).

Ao falar sobre o sexo com o marido, Celie o descreve de maneira fria, tinha-o como uma coisa insignificante devido à falta de sentimento que o Sinhô demonstrava, não havia amor, paixão ou desejo, acontecia porque era o que se esperava que acontecesse entre um casal: que o homem tivesse prazer. Isso porque como o Sinhô se via como “dono” de Celie, ele não tinha motivos para se preocupar em satisfazê-la.

Os aspectos dos verbos usados no excerto, “Ele trepa [...] infia.”, indicam que somente ele praticava a ação, o que pode ser comprovado quando Celie diz: “Na maioria das vezes eu fico imaginando que num to lá.” Lembramos aqui o recorte R4, quando ela se compara a uma árvore, um objeto, quando ela empresta seu corpo para satisfazê-lo: seu “eu” está fora, não é mulher-esposa, não é valorizada e respeitada, e o “num to lá” é a forma de demonstrar sua resistência. E o homem nem nota a diferença do descaso dessa situação, e a trata como objeto, sem emoção.

O uso do item lexical “Lá”, um advérbio dêitico, ocorre porque o enunciador quer mostrar exatamente como ocorreu (como se isso fosse possível!); nesse movimento ele (re)constrói o momento do acontecimento por meio do seu ponto de vista. Constrói uma paráfrase na qual assume a “responsabilidade” do dito no acontecimento, por meio desse dêitico-situacional.

Como estamos falando sobre a relação sexual de Celie e seu marido, cabe colocarmos que a ideologia machista, presente no texto e também na sociedade, “admite” ao homem ter

mais de uma mulher, mesmo que não oficialmente, até como prova de sua virilidade. Logo, o fato de Sinhô levar a amante para viver com ele e a esposa, era aceitável até socialmente.

Observamos que as condições de produção desse discurso literário aliadas às questões históricas e discursivas, via personagem Celie, da obra de Alice Walker, vem mostrando que a mulher negra era considerada como um objeto. E uma mulher-objeto seria um ser humano não pensante, algo que não tem vida, não tem sentimento, não tem opinião. Só o seu corpo teria serventia, já que racionalmente não teria nada a oferecer. (VILA MULHER, 2010). Essa representação de “mulher-objeto” retrata a maneira como a mulher era tratada na história, não tinha valor como pessoa, só estava ali para ser usada, atender as necessidades alheias, ser explorada e aceitar calada o que lhe era imposto.

Continuando com nossas discussões, R7 traz o último recorte do eixo temático “Violência contra a mulher”. Esse relata uma conversa entre Celie e Docí, depois de muito tempo sem se verem.

Recuperada, Docí passou a cantar no bar de Harpo, o que possibilitou que fosse guardando um dinheiro, pois assim conseguiria partir. No entanto, após Celie contar que Sinhô a espancava, quando Docí não estava em casa, resolveu ficar: “Eu num vou embora [...] até eu saber que o Albert num vai nem pensar em bater em você.”. (sic) (WALKER, 1986, p.90).

Após um tempo, Docí partiu, ganhou fama, muito dinheiro, era reconhecida por todos e fazia muitos shows. Um dia, antes de voltar para visitar Celie e Albert, escreveu dizendo que levaria uma surpresa no Natal: ela surgiu casada e na companhia de seu novo esposo para a festividade, o que foi uma grande decepção para Celie e para Sinhô que ficaram de “coração partido” com a novidade. Por outro lado, Celie sentia-se tão feliz por ter Docí ao seu lado que disfarçava seu sofrimento. Docí queria então saber tudo que havia acontecido durante a sua ausência: se Albert ainda batia nela. Afirmou ainda que se Celie fosse sua esposa, ela a cobriria de beijos e trabalharia duro para fazê-la feliz. Então, Celie revela que:

R7- Ele num tá mais batendo muito em mim desde que você fez ele parar, eu falei. Só um tapa uma ou outra vez quando ele num tem mais nada pra fazer. (sic) (WALKER, 1986, p.127).

O enunciado R7 nos mostra que as agressões não haviam parado, apenas diminuído: “Ele num tá mais batendo muito [...]”, o “muito” grifado indica que “pouco” ele ainda a espanca. Seguindo, demonstra a frequência com que a violência passou a acontecer: “Só um tapa uma ou outra vez quando ele num tem mais nada pra fazer.” Essa afirmação nos remete a

um discurso do conformismo, ou seja, Celie já se acostumou com as agressões, é como se “um tapa uma ou outra vez”, já não lhe fizesse mal algum. O item lexical “só”, utilizado no discurso em pauta com o sentido de somente, apenas um único, reforça a ideia de que antes a agressão era muito maior.

R7 traz ainda o excerto: “[...] quando ele num tem mais nada pra fazer.”, em que a conjunção subordinativa adverbial temporal “quando”, grifada, veicula destaque. Nesse caso, a ordem relativa das orações é relevante para o efeito de sentido do enunciado. Aqui tem uma oração posposta à principal, sem pausa, que indica a importância dada por Celie a respeito dos acontecimentos, ou seja, colocando a oração dessa forma, o efeito de sentido é de ênfase às agressões, que já não eram uma coisa “comum” em sua vida.

Vale mencionar que a diminuição das surras deve-se ao fato de Docí, ex- amante de Sinhô, pedir para que ele pare de espancar Celie. E Sinhô, que amava Docí, “atende” seu pedido, parcialmente. Do contrário, as agressões teriam continuado com a mesma frequência e intensidade apresentada em recortes anteriores.

Finalizada a discussão sobre os recortes propostos do tema “Violência contra a mulher”, prosseguimos com o segundo eixo do processo analítico.

3.2-RACISMO

É considerado racismo qualquer pensamento ou atitude que separam as raças humanas por considerarem algumas superiores a outras. Ao tratar do tema, o primeiro pensamento que vem na mente é o racismo contra as pessoas negras, porém, racismo é um preconceito baseado na diferença de raça entre as pessoas, sejam elas negras, asiáticas, índias, mulatas e até mesmo brancas, por parte de outras raças. Todavia, por terem uma história mais sofrida com o preconceito, os negros são principal referência quando é discutido o tema racismo. (SEABRA, 2013).

Aqui, tratamos o racismo do negro, o negro afro-americano que vive nos Estados Unidos. Por isso, trazemos um pouco da história para melhor entender os acontecimentos expostos nos enunciados.

Em 1º de janeiro de 1863 entrou em vigor nos Estados Unidos, o Ato de Emancipação assinado pelo presidente Abraham Lincoln, que tinha como ponto central a libertação de cerca de 4 milhões de escravos negros. Mas Lincoln temia que a medida fosse vista apenas como

temporária, porque fora adotada em plena Guerra Civil⁴⁸ (ou Guerra de Secessão, 1861-1865). Por isso, somente em 18 de dezembro de 1865, os Estados Unidos aboliram, verdadeiramente, escravidão por meio da 13ª Emenda à Constituição, acabando com um dos maiores sistemas de produção escravistas registrados pela História⁴⁹. Pelo artigo suplementar 14, os negros obtiveram direitos iguais aos brancos em 1868. Dois anos mais tarde, o artigo 15 garantiu-lhes a igualdade de direito eleitoral. Estados como Carolina do Sul, Mississippi e Louisiana, porém, deram um jeito de burlar os direitos dos escravos libertados, mantendo restrições legais, os chamados *black codes*⁵⁰ (KLEFF, 2012).

Todavia, apesar de a escravidão ter acabado, as relações entre os negros e os brancos no Sul, permaneciam as mesmas, lembrando que o Sul dos Estados Unidos defendia que a escravidão continuasse. Embora não mais escravos, muitos negros permaneceram na terra como meeiros. Eles cultivavam a terra, mas a terra era de propriedade de seus senhores de escravos.

Após 1915, as oportunidades econômicas nas cidades do Norte industrial incentivaram muitos negros a deixar o sul. Foram poucas as oportunidades que surgiram para que os negros se estabelecessem fora da meação. Durante o período em que a história da obra se passa, a segregação entre negros e brancos foi imposta legalmente, chegando ao ponto em que os negros tinham que se sentar em partes separadas de salas de cinema, beber de fontes distintas, não podendo nem mesmo e foram proibidos de comer em lanchonetes “brancas”, entre outras proibições. As leis que impuseram essa segregação foram chamadas leis *Jim Crow* e de 1880 até 1960, a maioria dos estados americanos eram adeptos a ela. (KING JR., 2011).

Os recortes que se seguem foram selecionados por descreverem situações em que o racismo em relação ao sujeito negro é representado. R8 mostra a agressão sofrida por Sofia quando essa respondeu agressivamente ao comentário feito pela esposa do prefeito; já R9 apresenta um comentário gerado pelo acontecido em R8 em que Celie diz não acreditar que os brancos ouçam os negros; e R10 retrata a maneira como os negros eram tratados em estabelecimentos comerciais.

⁴⁸ A Guerra Civil Norte-Americana ou Guerra de Secessão tem seu nome originado da secessão dos Estados sulistas, que, durante o conflito, se separaram do resto país, rompendo com o governo federal sediado em Washington. Um dos motivos da guerra foi a escravidão: os Estados sulistas defendiam a continuidade da escravidão, os Estados nortistas (em sua maioria) defendiam a abolição da escravidão. (KLEFF, 2012).

⁴⁹ Nos Estados Unidos a escravidão durou mais de 240 anos.

⁵⁰ *Black codes* foi o nome dado às leis aprovadas pelos governos do sul estabelecidas durante a presidência de Andrew Johnson. Essa lei impunha severas restrições sobre escravos libertos, como proibir o seu direito de voto, impedir que fizessem parte em júris, o que limitava o seu direito de testemunhar contra os homens brancos, carregar armas em locais públicos e trabalhar em certas profissões. (KLEFF, 2012).

Para entender R8 é necessário conhecer Sofia Butler, a personagem vítima do preconceito no recorte e discorrer um pouco sobre o seu comportamento peculiar, para compreendermos os motivos que a levaram a ser agredida na dada situação.

Sofia é a esposa de Harpo, enteado de Celie, filho do Sinhô, e diferentemente de Celie e da maioria das mulheres da época, ela não aceitava o comportamento que lhes era imposto. Uma das passagens de Sofia que provam o seu comportamento “rebelde”, por assim dizer, refere-se à sua gravidez. Sofia ficou grávida de Harpo durante o namoro e quando questionada pelo futuro sogro sobre a obrigatoriedade do filho ter que casar com ela para assumir a criança, a resposta de Sofia surpreende: ela diz que não precisa casar-se com Harpo, visto que ele ainda mora com o pai, e esse é quem lhe dá roupas e comida. Mesmo assim, os dois se casam após o nascimento do bebê, Harpo os leva para a casa de sua família, e moram no antigo galpão do avô, à beira de um riacho.

Antes da chegada da esposa e do filho, Harpo trabalhava para o pai, mas devido ao baixo salário que lhe era pago, ele fez uma greve como forma de protesto: não trabalhou, colheram pouco. Porém, depois da chegada de Sofia, Harpo estava sempre ocupado, “Ele ara, ele cava, ele planta. Ele canta e assubia.” Harpo também ajudava a cuidar do filho: “Ele pega o nenê, dá um beijo nele, faz um carinho na buchecha.” (sic) (WALKER, 1986, p.46). Esses fatos mostram que Sofia impunha ao marido certas tarefas que não eram esperadas por parte de um homem na época. Também, aqui, ganha destaque Harpo demonstrar afeto pelo filho, sentimento esse que Celie não havia experimentado em sua vida, devido ao pai ter sido seu violador. Agora, voltando nossos olhos para Sofia, fica claro em suas atitudes que ela se diferenciava das outras mulheres. Mais do que isso: ela não aceitava ter que obedecer ao marido, embora ele o tentasse (obrigasse a) fazer sempre:

O Harpo quer saber como fazer pra Sofia obedecer ele. [...] Ele fala, eu falo pra ela uma coisa, ela faz outra. Nunca faz o que eu falo. Sempre responde.

[...] Eu falo pra ela que ela num pode tá toda hora visitando a irmã. A gente agora tá casado, eu falo pra ela. Seu lugar é aqui com as criança. Ela fala, eu levo as criança comigo. Eu falo, Seu lugar é comigo. Ela fala, E você num quer vir? Ela continua se infeitando na frente do espelho, e aprontando as criança ao mesmo tempo.

Você nunca bate nela? Sinhô pergunta.

Harpo olha pras mão dele. Não senhor, ele fala baixo, sem graça.

Bom, então como você quer fazer ela obedecer? As esposa são feito criança. Você tem que fazer elas aprenderem quem manda. Nada resolve melhor esse problema que uma boa surra. (sic) (WALKER, 1986, p.47).

O último parágrafo do trecho apresentado remete-nos ao R4 (quando Celie diz que apanha como as crianças). Celie, assim como o pai de Harpo, o Sinhô, sugere: “Bate nela”. (WALKER, 1986, p.48), prova que Celie adotou para si o discurso da “verdade” do outro, da sociedade. Logo, para ela, “as esposa são feito criança”, devendo levar uma “boa surra”.

Os “conselhos” fazem com que Harpo, para tentar fazer Sofia obedecer, bata nela. Todavia, Sofia revida e também bate em Harpo que surge muito machucado: o lábio cortado, o olho fechado, andando com dificuldade e com dor nos dentes avariados. Mas, mesmo assim, Harpo continuava tentando fazer a esposa “obedece”. Aqui, devemos salientar que, considerado como um produto social, o homem apresenta algumas crenças e comportamentos aprendidos e assimilados ao longo de sua vida, a partir de interações com os membros de sua família, principalmente, os pais [...]. (RODRIGUES, 2003, p.72).

Então, com isso, entendemos que Harpo era levado a bater em Sofia, não só devido aos “conselhos” recebidos, mas, devido ao “exemplo” (destacamos que Harpo olha para as suas mãos) que tinha vindo do pai que batia na esposa. Assim, as agressões continuavam e, uma briga entre Harpo e Sofia é descrita da seguinte forma por Celie:

Eles tavam lutando que nem dois homem. Todo móvel que eles têm tava de perna pro ar. Todo prato parecia que tava quebrado. O espelho tava partido, as cortina rasgada. A cama parecia que o recheio do colchão foi puxado pra fora. Eles nem reparam. Eles lutam. Ele tenta dar um bufetão nela. Pra que que ele faz isso. Ela agacha e pega um pedaço da lenha do fogão e senta nele bem no meio da cara. Ele acerta ela na barriga, ela se dobra gemendo mas levanta com as duas mão agarrando bem a parte baixa dele. Ele rola no chão. Ele pega a batinha da saia dela e puxa. Ela continua de pé só com a roupa de baixo. Ela nunca mexe nem um olho. Ele pula pra dar uma porrada no queixo dela, ela joga ele longe. (sic) (WALKER, 1986, p. 49).

E as brigas entre Harpo e Sofia se repetiram por diversas vezes, Harpo sempre apanhava, Sofia era uma mulher grande e forte, enquanto Harpo era um homem franzino. Sobre as brigas, Sofia diz:

[...] Toda minha vida eu tive que brigar. Eu tive que brigar com meu pai. Tive que brigar com meus irmão. Tive que brigar com meus primo e com meus tio. Uma criança mulher num tá segura numa família de homem. Mas eu nunca pensei que ia ter que brigar na minha própria casa. (sic) (WALKER, 1986, p.52).

E Sofia foi se cansando de Harpo, sobre a situação, comenta: “Tudo que ele pensa desde que a gente se casou é como fazer eu obedecer. Ele num quer uma esposa, ele quer um cachorro.” (sic) (WALKER, 1986, p.79). Resolveu então sair de casa, passar um tempo na casa da irmã que havia ficado sozinha porque o marido havia sido convocado para o exército. Sofia partiu então com todas as suas crianças, Harpo não a impediu. Importante relatar que,

após a “separação”, Sofia arranhou até um namorado, ações essas que acabam por firmar o comportamento diferenciado de Sofia em relação às outras mulheres: ela assumiu sua gravidez sendo solteira, não via como obrigatório ter que se casar, batia no marido, colocava-o para realizar tarefas que na época eram destinadas às mulheres, foi ela quem deixou a casa – abandonou o marido – e, depois, também arranhou um novo companheiro.

Conhecendo as atitudes dessa personagem peculiar para o seu tempo, apresentamos fatos referentes ao recorte R8, que vem descrever o ocorrido com Sofia, depois de uma discussão com a mulher do prefeito.

Sofia passeava pelo centro da cidade com o seu “novo namorado”, Campeão e com suas crianças, quando a primeira dama e o prefeito apareceram. Dona Millie, a esposa do prefeito, ficara admirada com os dentes brancos e fortes das crianças e, depois de reparar bem para Sofia e para Campeão, seu carro e o relógio de Sofia, comentara como suas crianças eram limpas (sugerira o pré-conceito de que todo negro é sujo por causa da cor de sua pele) e perguntara a Sofia se ela gostaria de trabalhar em sua casa. Ofendida, Sofia respondera grosseiramente à Dona Millie e então o prefeito, para “defender” a esposa, dera um tapa em Sofia. Essa, que não aceitava maus tratos, revidara; a polícia chegara e, ao contrário do que era esperado, já que no caso a agressão vinha do prefeito, eles separaram a briga, arrastaram Sofia e a espancaram. Segue o discurso de R8, quando Celie relata a situação de Sofia, após a agressão:

R8- Quando eu vi a Sofia eu num entendi como ela inda tava viva. Eles quebraram a cabeça dela, eles quebraram a custela dela. Eles deixaram o nariz dela solto de um lado. Eles cegaram ela de um olho. Ela tava inchada da cabeça ao pé. A língua dela tava do tamanho do meu braço, saía de dentro dos dente feito um pedaço de borracha. Ela num podia falar. E ela tava da cor de uma biringela. (sic) (WALKER, 1986, p.103).

A situação ocorrida com Sofia mostra como o negro era “visto” na sociedade da época. O fato de Sofia ser uma mulher limpa levava a primeira dama a acreditar que ela seria uma boa empregada, ou seja, os negros eram vistos como serviçais, objetos utilitários. No entanto, o fato de ela revidar a agressão do prefeito, demonstra como resistia ao poder da época, em que as leis (1900) negavam ao negro o direito a ser um cidadão, aquele que usufrui de direitos políticos e civis garantidos pelo Estado.

Sofia era negra. Logo temos exposta a relação margem e centro, o prefeito/branco como sendo aquele que está no poder, o detentor do saber e poder, e a mulher/negra na margem, como sendo o periférico, marginal, aquela que sofre a exclusão e o preconceito.

Em R8, ao iniciar sua fala, Celie demonstra o estado no qual Sofia se encontrava após ser espancada: “Quando eu vi a Sofia eu num entendi como ela inda tava viva.”. O uso da expressão grifada indica a intensidade da violência sofrida, visto que o advérbio “ainda”, exposto no texto como “inda”, produz tal efeito. Em outras palavras, o espancamento de Sofia havia deixado tantas “marcas” que era difícil de acreditar que alguém pudesse estar vivo depois de tamanha agressão. E a descrição do que haviam feito com Sofia, demonstra isso: “Eles quebraram a cabeça dela, eles quebraram a custela dela.”. Aqui, o verbo “quebrar”, que de acordo com Houaiss (2007) significa reduzir a pedaços, fragmentar, despedaçar e romper, o que vem demonstrar a brutalidade da violência: os ossos foram quebrados.

R8 descreve ainda como o nariz de Sofia havia ficado: “Eles deixaram o nariz dela solto de um lado.” O adjetivo solto, “cujas partes não são aderentes”, (FERREIRA, 2011a, p. 821), indica que o órgão fora atingido durante a agressão, ficando pendente para um lado, deslocado.

Prosseguindo, em R8, o relato “Eles cegararam ela de um olho.”, traz o verbo “cegar”, descrito em Ferreira (2011a, p.197) como “tirar a vista”, mostra que a visão foi tirada de um dos olhos. Descreve também o inchaço pós-agressão: “Ela tava inchada da cabeça ao pé.”, em que o uso do adjetivo “inchada” para qualificar o estado de Sofia, leva-nos a crer que ela havia sido agredida violentamente em todas as partes do seu corpo, de um extremo a outro, ou seja, da cabeça aos pés: ficou inchada, engrossada, aumentada em volume (HOUAISS, 2007.).

E por fim, diz como havia ficado a língua: “A língua dela tava do tamanho do meu braço, saía de dentro dos dente feito um pedaço de borracha. Ela num podia falar.”. Ao comparar a língua, um pequeno órgão muscular, ao tamanho, à espessura do braço, o discurso mostra que a língua de Sofia ficou muito inchada, especialmente quando diz que saiu de dentro dos dentes como uma borracha: significa que a língua ficou elástica, como se algum músculo tivesse sido afetado e ela não mais “entrasse” na boca. Por isso Sofia não podia falar. Sobre essas marcas deixadas no corpo da vítima, surge no relato de Celie um processo comparativo interessante: “[...] ela tava da cor de uma biringela”. A cor de Sofia relacionada à cor de uma berinjela, uma vez que a berinjela é um leguminoso de cor roxa escura, leva-nos a entender que se tratam dos hematomas deixados no corpo da vítima.

Ainda em R8, temos marcas de que Sofia foi uma das vítimas da política social vigente na época que não permitia ao negro o direito a voz. Os maus tratos por ela sofridos decorriam da superioridade que o branco acreditava ter em relação ao negro por causa da cor de sua pele, criando com tal pensamento um grande corredor que separava homens brancos e

homens negros. Isso impedia que se relacionassem com igualdade, estando sempre distantes um do outro, não no sentido físico que pode ser dado ao termo, mas distante no sentido cultural, intelectual, financeiro: o negro sempre seria a parte fraca dessa relação, o excluído, o inferior.

Dando sequência, segue trecho do texto referente ao recorte R9, retirado de uma carta de Celie para sua irmã Nettie, que contém um diálogo entre Celie e Docí; Celie diz a Nettie que não escreve mais para Deus, pois, está desacreditada de Deus: “[...] o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outro homem queu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário.” (sic) (WALKER, 1986, p.213-214).

Porém, Docí tenta convencer Celie do contrário, pede para que ela fale baixo para que Deus não escute tais palavras; mas a revolta de Celie era tamanha que chega a dizer: “Deixa ele escutar. [...] se ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra o mundo seria bem diferente [...]”. (sic) (WALKER, 1986, p.214). Referia-se a todo o sofrimento que havia passado em sua vida; vale dizer que Celie havia descoberto uma parte de sua vida que desconhecia: seu verdadeiro pai era dono de terras, e tudo que fazia prosperava. Ele decidiu abrir um armazém e uma loja de ferragens, despertando a inveja de comerciantes brancos que reclamavam que, além da clientela negra, o homem estava atraindo também alguns dos comerciantes brancos.

Em uma noite, os comerciantes decidiram colocar fogo no armazém, destruíram a loja de ferragens e enforcaram o homem, que tinha uma filha pequena e esposa grávida de sua segunda filha. Quando viu o que haviam feito com o seu esposo, ela e seu bebê quase morreram. Embora o seu corpo tivesse se recuperado, a saúde mental da viúva havia ficado abalada: rica, com terras que não sabia administrar, a viúva foi o alvo de um estranho que apareceu na cidade e logo se casaram. Esse estranho era aquele que Celie até então acreditava ser seu pai: o homem que havia lhe violado ainda menina, o pai de seus filhos e o homem que também tirou tudo dela.

Saber disso tudo a deixou confusa e na última carta que escreve a Deus chega a escrever de maneira irônica: “Querido Deus, [...] Meu pai foi linchado. Minha mamãe era louca. Todos os meus meio-irmão e irmã num são meus parente. Meus filho num são minha irmã nem meu irmão. O Pai num é o pai. Você deve tá durmindando.”. (sic) (WALKER, 1986, p.197). O diálogo entre as duas prossegue com ambas descrevendo o Deus em que acreditam: um velho branco e alto, com olhos azuis. Nas palavras de Docí: “Num há jeito de ler a Bíblia sem pensar que Deus é branco [...]”. Então, Celie diz: “Quando eu descobri queu pensava que Deus era branco, e era homem, eu perdi o interesse.” (sic) (WALKER, 1986, p.216).

Verificamos o discurso da decepção em relação a Deus, apontando uma “resistência” de Celie aos preceitos religiosos que sempre se mantiveram como um “norte” de suas atitudes: a ela não importava o que pensavam os homens, a sociedade, mas o que Deus pensava. Revela-se, ainda, a afeição de Celie por mulheres, se Deus fosse mulher, ela teria interesse.

Na sequência, Celie menciona como exemplo o ocorrido com Sofia, situação analisada em R8, quando o prefeito agride a mulher ao invés de ouvi-la.

Segue o recorte seguinte:

R9- Eu sei que os branco nunca escutam os negros, e pronto. Se eles escutam, eles só escutam o bastante pra poder dizer procê o que você deve fazer. (sic) (WALKER, 1986, p.216).

De acordo com Sacconi (2008, p.216), advérbio é toda palavra que acompanha ou modifica essencialmente o verbo. Ao usar o advérbio de tempo “nunca” em: “Eu sei que os branco nunca escutam os negros.”, temos o verbo escutar modificado, o que produz o efeito de sentido de que naquela sociedade o negro não era ouvido, sua voz não possuía força: o branco desprezava o negro porque o tinha como um ser pequeno e de pouca relevância na sociedade. Tal constatação pode ser verificada na sequência da carta em que o discurso traz a interjeição “pronto”: “Eu sei que os branco nunca escutam os negros, e pronto.” Isso, coloquialmente, significa: “não há mais a acrescentar; é isso, isso é tudo, acabou-se” (HOUAISS, 2007), como algo concluído, terminado. Aqui a interjeição indica que não tem o que se discutir em relação ao fato, logo, temos que não existe diálogo entre negros e brancos.

O excerto R9 é seguido pela conjunção subordinativa “se”, “Se eles escutam eles só escutam o bastante [...]”, que indica uma hipótese ou uma condição para que o fato presente na oração principal aconteça ou não. Ou seja, “se” escutarem, será somente o “bastante” (adjetivo com o sentido de “suficiente”); o “suficiente”, o “bastante pra poder dizer procê o que você deve fazer”. A expressão verbal grifada leva-nos a acreditar que as palavras trocadas entre as partes eram somente para que o branco ordenasse ao negro, sentido esse que é realçado pelo uso do verbo dever, que tem o significado de ter obrigação. (HOUAISS, 2007). Na dada situação temos novamente exposta a relação existente entre dominante (branco) *versus* dominado (negro): o branco tem poder sobre o negro, o branco fala, o branco manda, ao negro resta apenas obedecer.

Apoiados pela história e pelas leis que predominavam no período, *Black Codes* e *Jim Crow*, que acabavam por excluir ainda mais o negro da sociedade, o único motivo que levaria

um branco a falar com um negro seria em uma situação em que aquele, na situação de dominante, estaria mandando o negro realizar alguma tarefa. Assim, o enunciado de R9 acaba por demonstrar a relação de superioridade que o branco acredita ter. O discurso de Celie demonstra essas relações de poder pois vem afirmando que o branco não escuta o negro, em decorrência, em grande parte, da situação vivida por ela e por Sofia, ambas agredidas e violentadas por pessoas brancas.

Como já exposto em recortes anteriores, Celie e Docí tornaram-se amigas inseparáveis, passavam muito tempo juntas. Ao pensar em algo diferente que pudessem fazer juntas nos momentos de folga, Docí sugeriu a Celie que fizessem uma calça. De início, Celie resistiu à ideia, visto que tinha para si que somente homens usavam calças e também por acreditar que o Sinhô não permitiria esse tipo de vestimenta. Não obstante, Docí a convenceu ao dizer que era escandaloso para uma mulher trabalhar de vestido na roça. Segue trecho referente ao fato:

[...] Em tempo assim, de folga, a gente divia era fazer alguma coisa diferente. Como o quê? [...] vamos fazer umas calça procê. Mas eu prciso de calça? [...] Eu num sou homem. [...] Sinhô num vai deixar a mulher dele vistir calça. Porque num vai? Docí falou. Você é que faz todo trabalho aqui. É iscandaloso você ficar de vistido lá fora trabalhando na roça. (sic) (WALKER, 1986, p. 165-166).

Depois de um tempo, Docí resolve voltar para o Tennessee, queria retomar a sua carreira como cantora e também queria voltar para sua casa, por isso decidiu convidar Celie para ir embora com ela: “Arruma sua trouxa. Você vem comigo para o Tennessee.”. (sic) (WALKER, 1986, p.197). Celie foi. Em Memphis, já na casa de Docí, Celie passava muito tempo “desocupada”, Docí chegava a passar semanas fora de casa para fazer suas apresentações; Celie chega a pedir para ela viajar junto, assim ajudaria passando a roupas, pintando o cabelo de Docí. Mas, ela se nega, justificando: “Você num é minha empregada. Eu num trouxe você pra Memphis pra isso. Eu trouxe você pra cá pra amar você e ajudar você a se levantar.”. (sic) (WALKER, 1986, p.234). Assim, para ocupar seu tempo livre, Celie passou a fazer calças, sobre a atividade, dizia:

Eu mudo o tecido, mudo a istampa, mudo o cois, mudo o bolso. Eu mudo a barra, mudo o tamanho da perna. [...] Tem calça encima de todas as cadeira, pinduradas no armário. Moldes de jornal e pano tudo encima da mesa e espalhado no chão. [...] Eu fico aqui pensando no que fazer pra ganhar a vida e quando eu vejo eu já tô começando um novo par de calça. (sic) (WALKER, 1986, p.235).

Celie vestia calça de todas as cores, costurava calças diversas para Docí; foi nesse período que Celie começou a pensar em calças para presentear seus queridos. Enviou uma calça para o cunhado de Sofia, Jack, um homem a quem ela tinha muito respeito, logo sua esposa quis uma também. E as encomendas não paravam, Docí queria mais pares, depois todos de sua banda e também vinham pedidos dos lugares onde Docí cantava. Então veio de Docí a ideia da costura de calças se tornar um negócio: “Vamo botar uns anúncio no jornal [...]. E vamo aumentar bem o preço dessas calça. E vamos fazer inda mais, vamo deixar você ficar com esse salão como ateliê e vamo botar mais umas mulher aqui pra cortar e custurar, enquanto você fica lá atrás e desenha.” (sic) (WALKER, 1986, p.237).

O negócio prosperou, as calças passaram a ser desejadas por todos e além de uma pessoa para ajudar Celie a costurar, ela também precisava de vendedores para sua loja: surgiu então a ideia de empregar Sofia, a esposa de Harpo em tal função, até porque era desejo de Celie ter em seu estabelecimento alguém que pudesse atender seus clientes negros, visto que eles não eram bem atendidos nas lojas. No recorte R10, Celie comenta sobre a função a ser exercida por Sofia em sua loja:

R10- [...] Sofia tá lá pra atender os negro porque eles nunca tiveram ninguém nas lojas pra atender só eles e ninguém nas loja pra atender eles bem. (sic) (WALKER, 1986, p.306).

Avaliamos que Celie, na condição de negra, considera importante o fato de ter uma pessoa negra trabalhando em seu negócio. A negra Sofia estava lá para atender os negros “porque eles nunca tiveram ninguém nas lojas pra atender só eles”. No enunciado o uso do advérbio “nunca” dá ênfase ao fato de os negros não serem tratados com igualdade ao serem atendidos em lojas, ou em comércios em geral. Já o advérbio “só” é um indicativo de que o negro não tinha exclusividade no atendimento, alguém que pudesse estar ali para atendê-lo com certas regalias e atenção; observamos exposto no enunciado um certo preconceito do negro em relação ao branco, visto que é preciso que negro atenda outro negro.

Ainda em relação ao atendimento dado à clientela negra, Celie, reforçando o fato de não haver pessoas para atender os negros, complementa: “[...] e ninguém nas loja pra atender eles bem”. Aqui o pronome indefinido “ninguém” mais uma vez reforça a imagem de que o negro não era bem tratado na sociedade.

A partir das relações de poder, dos micropoderes que foram mobilizados no discurso literário analisado e mostrados no momento histórico vivido por Celie, os traços identitários das mulheres da época puderam emergir, o que foi possível devido a coleta de coisas ditas. (FOUCAULT, 1992). Esse processo analítico mostra mulheres negras representadas como

submissas, silenciadas, que não podem ir contra o que os homens brancos e/ou negros lhe impõem, seus donos, senhores dos seus corpos e das suas vontades. A violência física e moral surge banal, até sem motivo aparente, como se a mulher negra merecesse ser punida apenas por sua condição feminina e étnica.

Observamos também, que a questão da violência sexual se apresenta muito forte no texto. Na obra, ao agredir sexualmente a mulher negra, o homem negro e/ou branco sempre o faz como prova de sua virilidade, para satisfação de suas necessidades, instinto, não se preocupa com o prazer de sua companheira. Há também a violência psicológica, aquela na qual a mulher só ouve depreciações sobre sua pessoa, marcas presentes no discurso de Celie. Essas marcas discursivas da violência constituem provas de que Celie vivia numa sociedade machista, patriarcal, onde o homem se considera superior à mulher, o que acaba por coisificar e objetificar a mulher negra.

Verificamos, no discurso em pauta, o atravessamento da FD religiosa que possui forte representação nos recortes; por muitas vezes, as mulheres deixam de se defender, acreditam que não podem reclamar nem a Deus, devem sempre fazer o bem, terem honra, não podem se rebelar, pois tais atitudes as fariam ir contra os ensinamentos cristãos. Todavia, o enunciado de Celie é ainda perpassado por certa revolta e indignação em relação aos dogmas cristãos que, por muito tempo, constituíram os principais traços identitários do discurso em pauta.

No tocante ao racismo, entendemos que o sujeito branco deixa marcas, no discurso em questão, de superioridade em relação ao sujeito negro, assim como o homem em relação à mulher, em diferentes situações. E isso acontecia não somente por causa das leis em vigor na época, mas pelo discurso já cristalizado em que o negro era sempre o pobre, o serviçal, o submisso, o subalterno. Ser negra e mulher, dupla exclusão social, leva-nos a problematizar o discurso de Alice Walker na direção de entender as relações sociais da época e as denúncias veladas num discurso crítico e complexo, portanto polêmico até para os tempos atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a única diferença entre um homem e uma mulher é que a mulher é também mulher.” (KEHL, 1998).

Esta pesquisa teve como objetivo problematizar a construção identitária da mulher negra na obra *The Color Purple*, na sua versão em língua portuguesa, *A Cor Púrpura*, da intelectual afro-americana Alice Walker, via discurso de Celie, a protagonista da obra, analisando as principais marcas do discurso da mulher, do discurso de exclusão, do discurso da violência.

Tendo em vista a análise por nós desenvolvida, foi possível comprovarmos a nossa hipótese de pesquisa de que o discurso de Alice Walker é altamente polêmico e que, por meio dele, ela faz denúncias à sociedade. No processo analítico, observamos que as situações apresentadas nos recortes são, ainda hoje, situações existentes na sociedade contemporânea e que são formados pelas relações de poder que permeiam os diferentes sujeitos relacionados aos micropoderes, em especial aqueles que envolvem homem/mulher e branco/negro.

Vale mencionar a importância para este trabalho das contribuições dos Estudos Culturais, responsável por fazer com que a cultura do “pequeno”, aqueles que não possuíam voz fossem estudados. Foram esses estudos que fizeram com que as mulheres negras como Walker pudessem, por meio de sua obra, serem reconhecidas no mundo e foi por meio deles que o eco do seu grito pôde ser ouvido. Também, na perspectiva dos Estudos Culturais foi possível afirmarmos que o lugar ocupado pela mulher na sociedade da época foi marcado por sua condição de subalternidade.

Por meio das contribuições da Análise do Discurso, fomos permitidos a descobrir sobre o sujeito e sobre aquilo que o seu discurso revela mesmo que o seu enunciador não o queira dizer, sobre as ideologias ali presentes e também como relacioná-los com o momento histórico vivido.

Já com a “escrita de si”, fomos permitidos, de alguma forma, a nos tornarmos “íntimos” de Celie. A maneira como ela se apresenta para nós enquanto leitores, permite que uma “imagem” sua possa ser criada. A escrita de si permitiu a essa mulher que se revelasse e que discorresse a verdade sobre sua história, sendo que foi possível notarmos, no decorrer da análise, uma mudança interna em seu personagem causada a partir do relacionamento que teve com outras mulheres. Por exemplo, Celie aprendeu a ler e a escrever com a irmã, aprendeu a “lutar” com Sofia, aprendeu a amar e a descobrir prazeres sexuais com Docí, além

da “liberdade” conquistada a partir do momento em que passou a fazer calças e também, o momento em que se revolta contra os dogmas, as regras, os valores veiculados pela igreja, pela religiosidade, uma igreja que, à época (em muito, até hoje), é machista e paternalista; o que consideramos o ponto alto do discurso de sua emancipação, por assim dizer, já que se tornou independente, em todos os sentidos, a partir de tal ato.

O processo analítico empreendido foi clivado por dois eixos temáticos: Violência contra a mulher e Racismo. O primeiro dos eixos é representado no foco analítico dos excertos de R1 a R7; e, o segundo eixo tem foco nos recortes R8 até R10.

Na análise realizada foi possível avaliarmos a pluralidade de vozes que compunham Celie, os diversos papéis que assumia, algumas das diversas identidades que assumia: mulher, filha, mãe. Também, observamos a “ilusão” de que o sujeito tem sobre o domínio de seu discurso: Celie enuncia: “sempre fui uma boa minina” – uma representação de si entrecruzada pela formação discursiva religiosa que se mostra presente durante toda a narrativa. Também, observamos, por várias vezes, Celie se ver pelo “outro”: a prostituta, as crianças, “a árvore”- quando se coisifica para não demonstrar seu sofrimento. Notamos o lugar que era reservado ao negro na sociedade, esse era aquele que servia o branco, seu serviçal; A violência contra a mulher negra, justamente por ser “mulher e negra”; A maneira como o negro era tratado em estabelecimentos comerciais.

De maneira geral, foi possível reconhecer que o discurso da mulher está amplamente atravessado por outros discursos que influem diretamente na formação de sua identidade.

Verificamos que a mulher era submissa ao homem, pelo menos, em sua maioria (algumas mulheres não tinham tal comportamento), visto que sofria violência sexual, violência física e violência psicológica e não reagia a tais atos. Lembramos que Celie era violada dentro de sua própria casa, primeiro pelo “pai”, que afirmava que a menina deveria submeter-se àquela situação pois a sua mãe não podia satisfazê-lo enquanto esposa; depois, temos Celie sendo usada pelo marido como um objeto sexual, visto que somente ele tinha prazer; depois, ilustrando a violência física, temos que o Sinhô, por muitas vezes, espancava a esposa na frente de seus filhos, humilhando a esposa, o que acabava por diminuí-la, firmando o discurso machista que rebaixava a mulher e elevava o homem.

A FD religiosa, predominante nesse discurso literário, surge, especialmente, por meio dos vocativos, dos dêiticos, dos conectivos, da materialidade linguística, enfim, aparece muitas vezes em passagens nas quais a mulher explica os motivos de não se rebelar contra seu sofrimento, como por exemplo, quando Celie não sentia raiva dos pais, que tanto a fizeram sofrer, pois, “a bíblia fala que devemos honrar pai e mãe”.

Outro elemento recorrente no texto é o racismo, o modo como as mulheres se faziam duplamente excluídas por serem negras e mulheres, o que vimos comprovado por meio da “venda”, de Celie tida como um objeto, do discurso da violência sofrida pela personagem Sofia, de onde emergem FDs ligadas ao machismo. Esses dados revelam submissão, subalternidade, religiosidade - marcas essas que fazem Celie suportar a violência sofrida diante da sociedade patriarcal e hegemônica da época em que a mulher não tinha direito a nada.

Dessa forma, a significância da narrativa teve seu valor revelado na possibilidade de dar voz àquela que tinha pouca ou nenhuma possibilidade de fala em sua sociedade. Os temas por Celie abordados e do modo como fora feitos, permitiram-nos adentrar no universo das sensibilidades e comportamentos humanos, permitindo que compreendêssemos a percepção que Celie possuía do mundo a sua volta. Assim, ao representar a figura da mulher, verificamos que o texto de Walker aponta significativamente para a construção da identidade feminina negra, em principal, por trazer a tona uma história que foi silenciada por séculos nos Estados Unidos e no mundo.

A representação identitária da mulher negra feita pela autora constrói a figura da mulher no início do século XX, dentro de uma sociedade machista e patriarcal. Essa mulher era injustiçada, submissa, vítima de abusos sexuais, violência física e psicológica, bem como de racismo. Mas, ao mesmo tempo, por meio dos relatos, tivemos também construída a imagem de uma mulher que ia contra aquilo que era imposto, agindo de forma diferente ao que se esperava de seu comportamento. Podemos concluir que a identidade da mulher em *A Cor Púrpura* é formada por características diversas, de cunho sócio-histórico-cultural em sua formação, em que, de um lado, vemos movimentos identitários de submissão e assujeitamento e, de outro lado, resistência ao poder vigente e legitimado de sua época.

Acreditamos que esta pesquisa, além de ter ajudado a traçar características da mulher negra do passado, tem nos ajudado a entender o presente, já que pudemos constatar também questões que são até hoje vividas em nossa sociedade. Ao estudar tal temática na academia, apresentamos ao público os resultados alcançados na direção de buscar uma forma de combater tais atrocidades, na luta pela causa contra o racismo e, especialmente, a violência contra a mulher, assim como a brilhante Alice Walker o faz.

Sabemos que as verdadeiras transformações são produzidas no interior por força das necessidades, que vêm do exterior, afinal este constitui aquele. Para que, realmente, ocorra uma transformação no discurso sobre a mulher, é preciso, antes, que o discurso sobre a mulher se transforme, isto é, que sua mentalidade seja deslocada, de modo criativo, sem

discriminações. O discurso muda o sujeito e, portanto, a sociedade, na medida e no mesmo momento em que é por eles modificado. Então, cabe a nós provocar tal transformação trazendo elementos para reflexão, motor de todo deslocamento que é produzido no interior mesmo da formação discursiva.

Neste trabalho procuramos analisar a constituição da identidade da mulher por intermédio da ficção produzida por Alice Walker e, antes que qualquer sistema de positividade se instaure neste discurso de encerramento e encadeamento de resultados, afirmamos que qualquer pesquisa que tenha como objeto um *corpus* que impliquem relações humanas, o seu fim nunca é o que se propõe. Com isso, gostaríamos de ressaltar que, com esta pesquisa, não pretendemos esgotar o vasto material que *A Cor Púrpura* pode oferecer e que, com a análise proposta, não temos por meta impor um só significado diante das várias interpretações que se pode obter, deixando em aberto para que novas pesquisas possam investigar signos por nós “silenciados”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BENDA, J. **A traição dos intelectuais**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.
- BRANDÃO, H. H. N. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, H. B. C.; ATIK, M. L. G. (orgs.) **Língua, Literatura e Cultura em Diálogo**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.
- CARVALHO, R. **Althusser e a questão da atualidade da hegemonia**. Disponível em: <<http://www.pluricom.com.br/forum/althusser-e-a-questao-da-atualidade-da-hegemonia>>. Acesso em: 06 mai. 2012.
- CEDAW. **Convention on the Elimination of all Forms of Discrimination against Women**. Disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/cedaw/>>. Acesso em: 15 jun.2012.
- CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHALHOUB, S. Diálogos Políticos em Machado de Assis. In: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L.A. de M. (orgs.) **A História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 95 – 122.
- CORACINI, M. J. Transdisciplinaridade e análise do discurso: migrantes em situação de rua. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.11, n.1, 2010, p. 91-112.
- _____. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira) plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- _____. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. Campinas: Pontes, 1991.
- COSTA, R. J. da. Personagens femininas negras nas obras de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo Brito e Paulina Chizane. In: SILVÉRIO, V.R; PINTO, R. P.; ROSEMBERG, F. (orgs.) **Relações racias**: pesquisas contemporâneas. São Paulo: Contexto, 2011.
- D'ANGELO, B.; SANTOS, W. A. Violação à intimidade: o gênero epistolar em A cor púrpura, de Alice Walker. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2009, p. 91 – 104.
- DIAS, A. B. **Formações e Análises Discursivas**: as contribuições de Foucault e da Análise de Discurso para a interpretação do acontecimento midiático. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR, 2011, p. 1-12.
- DÍAZ, I. G. Mujeres que ‘interrumpem’ procesos: las primeras antologías feministas en los Estudios Culturales. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n.2, 2009, p. 417 - 443.

DI CANDIA, M. R. **‘Signifyin(g)’ Womanhood: The Short Fiction of Zora Neale Hurston and Alice Walker**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DOSSE, F. **História do estruturalismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

EAGLETON, T. **Depois da teoria**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

ESCOTESGUY, A. C. D. **Cartografia dos estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 1985.

FERRARI, M. **Antonio Gramsci**. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/antonio-gramsci-307895.shtml>. Acesso em: 18 mai. 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio**: dicionário escolar de língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2011a.

FERREIRA, M. C. L. **O quadro atual da análise de discurso no Brasil**. Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r27/revista27_3.pdf. Acesso em: 14 jun. 2012b.

FONTES, V. **Apontamentos para pensar as formas de exclusão**. Rio de Janeiro: FASE, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, (1986) (2004).

_____. **O que é um autor?**. Lisboa: Passagens, 1992.

_____. **A escrita de si**. Lisboa: Passagens, 1992.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Sérgio Possenti. Ijuí: Fidene, (1971) (1973).

FRANKLIN, S.; LURY, C.; STACEY, J. **Off- Centre: Feminism and Cultural Studies**. London: Harper Collins Academic, 1991.

FUNCK, S. B. Gêneros e(m) discurso(s). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.2, 2009, p. 481-484.

GARCIA, T. I. “O giro linguístico”. In: IÑIGUEZ, L. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GATES, H. L. JR. **Reading Black, Reading Feminist**. A critical Anthology. New York: Penguin Group, 1990.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F.; TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. de F. de S. **Mulheres e militância: encontros e confrontos durante a ditadura militar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. COUTINHO, C. N. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GREGOLIN, M. R.V. Análise do Discurso: o sentido e suas movências. In: **Análise do Discurso: entornos do sentido**. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica: 2001, p.09-39.

GUERRA, V. M. L.; SOUZA, J. B. Identidade e Representação cultural do preso em “Estação Carandiru”. In: NOLASCO, E. C.; GUERRA, V. M. L.(org.). **Discurso, Alteridade e Gênero**. São Carlos: Pedro e João, 2006.

GUHA, R.; SPIVAK, G. C. **Selected Subaltern Studies**. Oxford University Press, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, (2001) (2005) (2006).

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-131.

_____. Cultural Studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, D;CHEN, K.H. **Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies**. London:Routledge, 1996. p. 262-275.

_____. “Ethnicity: Identity and difference.” **Radical America**, v.23, n.4, 1991, p. 9-20.

_____. 'Encoding/decoding'. In Centre for Contemporary Cultural Studies (Ed.): **Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies, 1972-79** London: Hutchinson, pp. 128-38. Disponível em: <<http://cmst458.drkissling.com/winter2011/wp-content/uploads/2011/01/Hall1980.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

HOLLANDA, H. B. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil.: uma primeira avaliação. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. (Org.) **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.54-92.

HOOKS, B. **Feminism is for Everybody: Passionate Politics**. Cambridge, MA: South End Press. 2000.

_____. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v.3, n.2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p.464-478. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em: 29 set. 2012.

_____. The Politics of radical subject. In: **Yearning: race, gender and cultural politics**. Boston, MA: South End Press, 1990.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Editora objetiva: 2007.

ICERD. **International Convention on the Elimination of all forms of Racial Discrimination**. Disponível em: <<http://www.iwtrc.org/ICERD.html>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

JAMES, H. **The art of fiction**. 1884.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: T. T., SILVA (org.), **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KING JR, M. L. **I have a dream**. Disponível em: <<http://abcnews.go.com/Politics/martin-luther-kings-speech-dream-full-text/story?id=14358231>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

_____. **Examples of Jim Crow laws**. Disponível em: <<http://academic.udayton.edu/race/02rights/jcrow02.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2012.

KLEEF, M. **1863: Estados Unidos abolem a escravidão**. Disponível em: <<http://www.dw.de/dw/article/0,,372001,00.html>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

KLINGER, D.I. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na literatura latinoamericana contemporânea**. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

LONTA, M. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19, n.1, 2011.

LOURENÇO, L. T. V. L. **Os Estudos Culturais e o Estudo da Tradução de The Bluest Eye, de Toni Morrison**. Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL – UEMS-Dourados. 08-10 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://www.uems.br/cellms/2008/documentos/31%20%20OS%20ESTUDOS%20CULTUR AIS.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

_____. **Traduções e Estudos Culturais: Um estudo da tradução brasileira de The Bluest Eye, de Toni Morrison**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

LUZ, A. R. Entre a história e a literatura: a escrita de si em *A Confissão de Lúcio*. **Emblema: Catalão, GO**, v.1, n.5/6, 2009, p. 121-134.

MATTELART, A.; NEVEU, É. **Introdução aos Estudos Culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAURÁS, M.; KAYAYAN, A. Apresentação. In: KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1998.

MELO, W. M. **Corpos escritos**. São Paulo: Editora EDUSP e Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**. O espírito do tempo – 1. Neurose. Trad. De Sardinha, M. R. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORIOCONI, I. **Circuitos contemporâneos do literário**. Comunicação apresentada na Universidade de San Andres, Buenos Aires, 9 de agosto de 2005.

MUNDO ESTRANHO. **O que foi o movimento de maio de 68 na França?** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-o-movimento-de-maio-de-68-na-franca>>. Acesso em: 23 mai. 2012.

NEVES, M. H. de. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **A análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2000.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas – SP: Pontes, 1996.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PARENTE, E. de. O.; NASCIMENTO, R. O. do.; VIEIRA, L, J. E, de. S. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.2, 2009, p. 445- 465.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni Orlandi 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Em Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PEDRO, J. M. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, 2006.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIRES, V. L. **Discurso e relações de gênero**: resistência e construção de outros sentidos. In: XV Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Niterói, RJ. CD-ROM SÍNTESE 2. Porto Alegre, 2000.

PONTUAL, H. D. **Faixa de Gaza**. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/noticias/entenda-o-assunto/faixa-de-gaza>>. Acesso em: 25 set. 2012.

PRYSTHON, Â. **Histórias da teoria**: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América latina. 2004.

RAGO, M. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. **Estudos feministas**. janeiro/ julho 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys3/web/bras/marga1.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2012

RAPUCCI, C. A. **Mulher e Deusa**: a construção do feminino em *Fireworks* de Angela Carter. Maringá: EDUEM, 2011.

RIBEIRO, M. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3, 2008, p. 987-1004.

RODRIGUES, R. L. de. A. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In: MOITA LOPES, L. P. da. (org.) **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ROBINSON, L. S. **Modern women writers**. New York: The continuum publishing company, 1996.

ROMÃO, L. M. de S. Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In: BARONAS, R. L.; M, V. **Análise de discurso: teorizações e métodos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 115-134.

SACCONI, L. A. **Novíssima gramática ilustrada Sacconi**. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SAID, E. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, S. **O caminho da literatura**. Entrevista concedida a Giovanna Bartucci. 29/07/2005. Disponível em: <<http://portalliteral.terra.com.br/>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

SARLO, B. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SCHÓLLHAMMER, K. E. Marginalidade: exclusão e identidade autoral. In: MOITA-LOPES, L. P. da e BASTOS, L. C. (Orgs). Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsito. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHWARZ, B. Where is cultural studies?. **Cultural Studies**, v. 8, n.3, p. 377-394, 1994.

SEABRA, M. **Racismo no Brasil**. Disponível em: <http://racismo-no-brasil.info/mos/view/Racismo_no_Brasil/>. Acesso em: 15 dez. 2012.

SHAFFER, A. M. M. **Caminhos e descaminhos da crítica feminista: olhares e reflexões**. 2010. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

SILVA, C. A. G. **Da cor da cultura à cultura da cor: o Black English em The Color Purple**, 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008.

SILVA, V. M. A. Teoria da literatura. **Revista Coimbra**, 7 ed., 1986.

SOUSA, R. **Guerra do Iraque**. Disponível em: <<http://guerras.brasilecola.com/seculo-xxi/guerra-iraque.htm>>. Acesso em: 25 set. 2012.

STRECKER, H. Narrador: quem conta a história. **Pedagogia e Comunicação**, 2005.

TODOROV, T. **Poética da prosa**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VALENTIM, C. A. **O romance epistolar na literatura portuguesa na segunda metade do século XX**. 2006. 116 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2006.

VILA MULHER. **Mulher objeto**: A espetacularização do corpo feminino. Disponível em: <<http://vilamulher.terra.com.br/mulher-objeto-a-espetacularizacao-do-corpo-feminino-9-4751029-89946-pfi-araretamabiojoias.php>> Acesso em: 12 jun. 2012.

XIBERRAS, M. **Les théories de l'exclusion**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1993.

WALKER, A. **A Cor Púrpura**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.

_____. **The Civil Rights Movement**: How Good was it?, 1967. Disponível em: <<http://hi.baidu.com/%C4%AD%BD%E0/blog/item/1318224ec9c5c005b3de0592.html>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

WASHINGTON, M.H. **Black – Eyed Susans**: Classic Stories by and about Black Women. Garden City, NY: Doubleday, 1975.

WOMEN'S STUDIES GROUP. **Women Take Issue**: Aspects of Women's Subordination. London: Hutchinson, 1978.